

L I N G U I S T I C A



NOTAS

SOBRE A

L I N G U A P O R T U G U E Z A

PELO

Bacharel Julio Pires Ferreira



2.^a EDIÇÃO

COMPLETAMENTE REFORMADA E MUITO MELHORADA



R E C I F E

TYP. F. P. BOULITREAU

—
1894



PROLOGO
DA
PRIMEIRA EDIÇÃO

Nomeado para reger interinamente a cadeira de Lingua Nacional do Gymnasio Pernambucano, era propicia a occasião para publicar algumas notas que colligiramos sobre a sciencia da linguagem e especialmente sobre a Lingua Portugueza.

Não é, pois, nosso intuito appresentar novidades sobre tam importante assumpto.

O que vai explanar se à vista do leitor é uma limitadissima campina serpeada e como que guarnecida e protegida por vigorosos e possantes rios, as locubrações de eminentes escriptores que, como Max-Muller, Jacolliot, Whitney, Diez, Schleicher, Bopp, Hovelacque, Benfey, Leoni, Adolpho Coelho, Julio Ribeiro etc., teem dedicado as suas maiores energias ao estudo d'esta sciencia.

São simples notas mais ou menos desenvolvidas conforme o merecimento e importancia do assumpto, notas que fomos obrigado a tomar, desde que nos dedicamos á vida penosissima do magisterio.

Os que se dedicam, pois, ao estudo da Lingua Portugueza quasi nada encontrarão aqui que lhes prenda por um momento a attenção, mas aquelles que não dispõem de tempo ou de meios para folhear e consultar os philologos e linguistas modernos, lendo estas notas, por certo ficarão conhecendo mais alguma cousa do que lhes ensinam as grammaticas praticas.

Felizmente, o estudo que agora inicia-se sobre Portuguez e muito differente do que o que outr'ora fazia-se.

Ja hoje ha, quem rompendo com as velharias,ouse, de uma cadeira, discutir a theoria de Rénan que diz que a linguagem é um organismo.

Sim ; é preciso ensinar ao alumnos de Portuguez mais do que é praxe no ensino official e do que se exige para o tam decantado *exame no fim do anno*.

O estudo da origem da linguagem e das linguas, seu desenvolvimento, progresso e futura morte são idéas que devem ir dando luz nos cerebros dos estudantes.

Não é necessario, porém, tratar das questões transcendentes sobre a linguagem.

Assim como ensinamos aos discipulos o que é raiz sem que vámos buscar a origem d'ella e suas transformações até a forma actual ; assim como, muitas vezes somos obrigado, para maior comprehensão a confundir na pratica as noções de raiz e radical, digamos tambem ao estudante que Schleicher considera a linguagem como um ser dotado de vida propria, sujeito ás leis que regem todos os corpos, sem que precisemos aprofundar, por exemplo, a questão sobre a lingua-origem ou lingua-mãe.

Portanto, publicando estas notas, procuramos resumir ligeiramente o que ha de mais importante no estudo de Portuguez, detendo-nos, porém, ante a materia de que especialmente se preoccupa a Grammatica pratica.

Junho 1893.



PROLOGO

DA

SEGUNDA EDIÇÃO

A pratica encarregou-se de mostrar-nos um caminho mais amplo para a confecção do presente livro.

Os applausos unanimes da imprensa pernambucana e da de alguns outros Estados, sem falarmos nas congratulações das mais altas intelligencias do nosso paiz natal, animaram-nos a emprehender um mais desenvolvido trabalho.

Eis o motivo do apparecimento d'esta nova edição que nos parece poder servir para o estudante de qualquer curso de Portuguez.

Moldada assim a presente obra, não avivamos mais os traços sobre a origem da linguagem, sobre a primitiva lingua indo européa e outras questões congeneres.

Sahiria dos limites de um obra completamente didactica, que, nas condições precarias do nosso ensino official, não comporta certos estudos philosophicos.

Que a mesma aura bonançosa que impellira o nosso fragil batel, esteja sempre de monção, a nos incitar a novos emprehendimentos.

Setembro 1894.

JULIO PIRES.



LECÇÃO PRIMEIRA

A SCIENCIA DA LINGUAGEM.—CLASSIFICAÇÃO DAS LINGUAS

I

As investigações com um certo methodo que sobre a sciencia da linguagem se teem feito, são de data muito recente, pois que ella começou a ser assim considerada e a chamar mais e mais a attenção dos sabios no principio do nosso seculo.

Este facto tem tambem dado logar a que, como poucas sciencias, ella receba tam grande numero de denominações que os que d'ella se occupam ainda não accordaram sobre um nome unico e verdadeiro.

Os nomes recebidos em França, Inglaterra e Allemanha são tam vagos e moveis que idéas as mais confusas sobre o objecto d'esta nova sciencia teem apparecido.

Max-Muller chama-a *Sciencia da Linguagem*; Hovelacque *Linguística*; Adolpho Coelho *Glottologia* e ainda temos as denominações de *Philologia comparada*, *Ety-mologia Scientifica*, *Phonologia*, *Glossologia*, *Logologia* e *Mythologia*.

Parece extraordinario que tenham dado o nome de *Mythologia* á Sciencia da linguagem. Reproduzimos o que lemos em Th. Braga : (1)

Entre os philologos modernos a noção do Mytho confundio-se muito com a da Linguagem, a difficuldade de os distinguir proveio de que o mytho e a linguagem são

(1) Curso de Litteratura Portugueza. Pag. 379 Tom. 1.º

actos simultaneos, embora independentes que mutuamente se explicam.

Max-Muller considera o mytho como uma degenerescencia da linguagem.

Sciencia da linguagem, nome que foi adoptado por Whitney, é o que está mais fóra de qualquer objecção.

O que parece fóra de duvida é a seguinte distincção :
A *Linguistica* é a sciencia dos factos da linguagem espontanea, popular, em todos os idiomas.

A *Philologia* é a sciencia dos factos litterarios e eruditos.

O vasto campo da *Philologia* é muitas vezes limitado por um adjectivo e assim se diz : *Philologia* COMPARADA que pouco differe da *Linguistica* na phrase de Abel Hovelacque.

Sobre a distincção entre o linguista e o philologo é muito interessante o que diz Schleicher :

O linguista é um naturalista ; estuda as linguas da mesma maneira que o botanico estuda as plantas.

Deve abraçar com um golpe de vista o conjunto dos organismos vegetaes ; procura as leis de sua estrutura, as de seu desenvolvimento, porem, não se preoccupa de maneira alguma com o maior ou menor valor das plantas, com o seu uso mais ou menos precioso.

A seus olhos, a primeira vinda das hervas más pode ter tanto apreço como as rosas mais bellas, os lys mais raros.

O papel do philologo é inteiramente differente.

Não é o botanico, é o horticultor com quem deve ser comparado. Elle não emprega sua attenção senão a taes ou quaes especies, que são objecto de um favor particular ; é a belleza da forma o que elle procura, e a coloração, é o perfume.

Uma planta inutil é sem valor a seus olhos.

A *Philologia* é uma sciencia historica e gyra o seu estudo sobre documentos historicos, a *Linguistica* tem por unico estudo o exame da propria lingua.

A primeira occupa-se das transformações e variações historicas das linguas, do desenvolvimento de seu vocabulario.

A segunda occupa-se da manifestação da propria lingua articulada.

Pode-se dizer uma Philologia latina, grega etc. entre-
tanto não se diz uma Linguistica grega, hebraica etc.

Só se concebe uma Linguistica comparada.

A Philologia é particular, especial a um unico idioma.

Rolin definia os philologos aquelles que trabalharam sobre os antigos autores para examina-los, corrigi-los, explica-los, po-los em dia.

Esta definição, diz Hovelacque, conserva ainda hoje todo seu vigor.

A sciencia da linguagem quasi até os fins do seculo passado não era conhecida.

Pode-se julgar com A. Lefèvre que as suas primeiras balbuciações datam da Renascença.

Voltaire dizia que a Etymologia era uma sciencia onde as vogaes nada fazem e as consoantes muito pouco.

O fim do ultimo seculo deu muito impulso a esta sciencia, já pelas classificações das linguas feitas na Russia sob o reinado de Catharina por Adelung e Vater, já pelas relações que Halhed, William Jones, Colebrooke e a Sociedade de Calcuttá encontraram entre as linguas européas (1784), já finalmente pela introdução do sanskrito na sciencia da Europa com a Grammatica sanskrita do carmelita allemão Paulino de S. Bartholomeu, publicada em Roma em 1791.

Por esse tempo o Francez Anquetil Duperron com idade de 23 annos sentava praça por dinheiro para ir servir no Oriente, de cobrindo ahi o Zend, e enriquecendo assim a litteratura Européa com o livro do Avesta, que Eugenio Bournouf decifrou em breve

Seguiram-se os trabalhos de Hervas e Adelung (1806) e Champollion descobre a lingua do Egypto Antigo.

Em 1808 Schlegel constituiu a familia indo-européa na sua obra, considerada como a descoberta de um novo mundo : *A lingua e a sabedoria dos Indios*, em que reconhece o Sanskrito como irmão collateral do Grego, Latim, Germanico e Slavo.

Apparece então o verdadeiro fundador da Philologia Comparada : Francisco Bopp, chamado por P. Regnaud « o Ptolomeu d'uma sciencia que espera ainda o seu Newton e a descoberta de sua lei de attracção. »

A sua *Grammatica Comparada das Linguas indoeuropéas*, a base solida e forte em que repousa todo o edificio da Philologia Comparada, na phrase de Max-Muller, appareceu á luz em 1833; somente, porém, vinte annos depois em 1852 appareceram os tres ultimos volumes, sendo que em 1846 já publicára : *Do systema da conjugação da lingua sanskrita comparada com o das linguas grega, latina, persa e germanica*.

E Schleicher no seu *Compendium*, Pott, Khun, Diez, Corssen, Grimm, Spiegel, Benfey, Aufrecht, George Curtius, Max-Muller, Leo Meyer, e os Francezes Chaveé, Ad Regnier, Michel Bréal, Abel Hovelacque, Paul Regnaud, e Lefevre, os Inglezes Whitney e Sayce, e Ascoli e Adolpho Coelho, cada um trazendo o seu contingente, mais e mais aformosea o vasto edificio da Philologia Comparada.

Somos hoje obrigado a concordar com um sabio linguista francez : Assim, semelhante á geologia que reconstitue a successão das formas animadas, a sciencia da linguagem, por meio de excavações delicadas, penetra tam fundo nas idéas e nos costumes de nossos avós, que vai tocar a propria origem da razão da intelligencia.

II

Um dos resultados advindos do desenvolvimento da sciencia da linguagem foi mostrar a sua historia num desdobrar continuo e regular.

Vieram a principio as linguas monosyllabicas cujo typo é o chinês.

Nestas linguas todos os vocabulos tinham significação propria e não admittiam alterações flexionaes.

Vieram depois as linguas *agglutinantes*, como o *turco*, isto é, algumas palavras que tinham por missão exprimir relações perderam sua significação propria e primitiva e só ficaram existindo para essa missão.

São tambem chamadas linguas *turanianas*.

Quando, porem, as raizes de uma lingua por meio de modificações de sua propria forma, poderam exprimir as relações que tinham com outras raizes, essa lingua entrou no periodo da flexão, como o *sanskrito*.

Esta divisão pode ser resumida nas trez regras seguintes de Max-Muller : « 1.^a as raizes podem ser empregadas como palavras, cada raiz conservando toda a sua dependencia ; 2.^a duas raizes podem juntar-se para formar palavras e assim pôde uma das raizes perder sua independencia ; 3.^a duas raizes podem juntar-se para formar palavras e assim perder ambas sua independencia. » (1)

Este ultimo periodo tende pronunciadamente para a analyse, cujo typo mais proprio é o *inglez*.

As linguas de flexão que representam um periodo de desenvolvimento linguistico posterior e superior ao da agglutinação, dividem-se em linguas *semiticas* e *indo-européas*, ou *germanicas* ou *aryanas*.

Rask deu a estas o nome de *japhetica*, substituido por Cuvier pelo de *caucasea*, e por Ewald e Hœchel pelo de *Mediterranea*. (2)

Entre as linguas de flexão e as dos periodos anteriores ao desenvolvimento linguistico, medeia um grupo, o *khamitico*.

Este grupo comprehende um pequeno numero de linguas quasi todas mortas e deu-lhe nome a Biblia que chama aos Egypcios, filhos de Kham.

As raizes semiticas são sempre formadas de tres lettras, as mais das vezes consoantes.

As raizes indo germanicas, indo-européas ou arya-

(1) La science du langage Pag. 346.

(2) Th. Braga. A patria portugueza. Pag. 58.

nas são sempre syllabas pronunciaveis em que entram vogaes.

A nomenclatura das linguas ainda está eivada de dous grandes vicios : a impropriedade e a falta de unidade.

Cada grupo de linguas foi buscar sua designação a uma parte diversa ; este ao Genesis, aquelle ás tradições dos Aryas da Bactriana, est'outro á Geographia etc.

Antes de classificarmos as linguas nos seus diversos ramos, vem a proposito citar a bella e justa critica que Hovelacque (1) faz ás denominações dadas ás linguas, como indo-germanicas, indo-europeas e aryacas

Diz elle : Temo-nos servido da denominação de indo-europea commun para designar a lingua reconstituída de que sahiram os differentes idiomas indo-europeus.

Bopp deu ao sanskritto, ás linguas iranianas, ás slavas, ás germanicas, ás celticas, ao grego, ás linguas da Italia, o nome de linguas indo-germanicas.

Esta denominação que ainda hoje prevalece na Alemanha, não resiste a menor critica sob qualquer ponto de vista que seja encarada, e é absolutamente viciosa.

Porque não se diz tambem linguas indo-italicas, indo slavas ?

Alguns autores propuzeram com mais vantagem a denominação de indo-celticas. Fundam-se numa razão geographica e é por isso acceitavel sua opinião.

Porém, si o segundo termo é exacto, o primeiro não o é. A India, com effeito, não é somente occupada pelos idiomas alliados ao sanskritto ; ella possue egualmente as linguas dravidianas que com as precedentes não tem laço algum de parentesco.

Um nome mais curto, e que parece fazer carreira, foi proposto : o de linguas aryanas.

Mas não está ainda provado que os indianos e turanianos tivessem o nome de Aryas.

Oppert, Chavée e outros denominam a lingua europeia commun : Aryaca.

(1) La Linguistique. Pag. 267 e seguintes.

O nome de indo-europeu é muito vago e comprehende mais que o definido, sendo que na primeira designação não estão comprehendidas as linguas eranianas.

Entretanto o nome de indo-germanico está tam usado que não se pode pensar em mudar para outro.

Classifiquemos as linguas.

1.º Monosyllabicas.

2.º Agglutinantes.

3.º De Flexão.

Entre as primeiras contamos :

Chinez, Annamita, Siamez, Birmana, Thibetana.

Entre as segundas :

Africanas, Nubias, Australianas, Oceanicas, Japoneza, Coreana, Americanas, Basca, Dravidianas, Caucaseas, Hyperboreaes e o ramo Uralo-altaico que se compõe das : Mongolicas, Samoyedas, Finnezas e Turcas ou Tartaras.

Entre as terceiras temos : as Khamitas, Semitas e Indo-Européas.

A's Khamitas pertencem :

Egyptico, Ethyope e Lybico.

A's Semitas pertencem :

Arabe, Hebraico, Phenicio e Aramaico a que prendem-se o Assyrio, Chaldeu e Syriaco.

A's Indo- Européas pertencem dous ramos principaes :

1.º Ramo Asiatico.

2.º Europeu.

No ramo Asiatico contamos :

1.º Indico ou Indiano : Sanskrito.

2.º Eranico ou Eraniano : Zend, Persa, Armenio, Huzvareche, Parsi, Afghnistan, Belutchistan, Kurdo e alguns dilectos.

Ao ramo Europeu pertencem :

1.º Hellenico : Grego.

2.º Lithuanico : Lithuano e Letta.

3.º Slavo : Russo, Servio, Bulgaro, Ruthenio, Polaco, Sorbio, e Tcheque ou Bohemio.

Max-Muller reúne estes dous ramos e chama-os
Windico.

Whitney chama-os : Slavo-lettico.

4.º Cellico : Kimrico e Gaelico.

Ao Kimrico pertencem : Cornico, Gaulez, Bretão e
lingua do Paiz de Galles.

Ao Gaelico pertencem : Irlandez e Erse.

5.º Italico : Portuguez, Francez (lingua *d'oc* ou
provençal e lingua *d'oil* ou do norte), Italiano, Hespá-
nhol, dos Grisões ou Ladina ou Rumaica, Rumeno ou
Valachio (linguas vivas) ; Latim, Oско, Ombrio (linguas
mortas).

6.º Germanico ou Teutonico que comprehende
quatro ramos :

a) Gothico.

b) Scandinavo : Islandez, Norueguez, Sueco, Dina-
marquez.

c) Baixo Allemão : Saxão o que pertencem o Anglo-
Saxão e o Inglez : Frisão a que pertencem o Hollandez e
o Flamengo.

d) Alto-Allemão : Allemão.

E' impossivel determinar o numero exacto de lin-
guas conhecidas ; são mais ou menos 900.

Balbi conta 860.





LECÇÃO SEGUNDA

ORIGEM DA LINGUA PORTUGUEZA.— O LATIM

A lingua portugueza pertence á classe das línguas indo-européas e ao ramo italico.

A's linguas d'este ramo dá-se o nome de néo-latinas ou romanicas e sobre as populações que as constituem, todos estão de accordo, que resultaram d'uma mixtura íntima de elementos mais ou menos heterogeneos, e jamais pôdem ser comparadas ás raças germanicas, slava etc. (1)

Foi a segunda guerra punica que trouxe as aguias Romanas ao solo hispano.

Não foi, todavia, a conquista dos iberos empreza facil aos romanos. Dous seculos de guerras quasi continuas coube a estes para reduzir a Hespanha a uma completa subjecção.

Tendo, pois, os Romanos tomado e saqueado diversas cidades, degollado e vendido como escravos muitos dos seus habitantes, notando-se que no curto espaço de um dia Catão o Censorino arrasou os muros de todas as cidades que ficavam no terreno do rio Betis (prova que era grande o atraso dos Hespanhóes e exiguas, mesquinhas e de nenhuma importancia aquellas cidades) era natural que tivessem « romanisado » aquella região, porque os seus habitantes, homens simples, sem uma civi-

(1) Adolpho Coelho. Questões sobre a Lingua Portugueza.

lisação consistente e capaz de lutar com a romana, e por outra parte horrivelmente dizimados pelo ferro dos invasores, por força haviam de perder seus usos e costumes e consequentemente sua língua, o que logo começou a verificar-se, como expressamente nos informa Strabão, dizendo que os Turdetanos, principalmente os que estacionavam junto ao rio Betis, haviam tomado em tudo os costumes romanos, e que os mais d'elles, « esquecidos de sua língua vernacula se haviam feito latinos ».

Quando os godos entraram na Hespanha nenhuma diferença havia entre os iberos e romanos ; antes adaptados por aquelles, os costumes, a religião e a língua d'estes, foram todos considerados romanos nas leis promulgadas pelos novos invasores para reger a Hespanha visigothica. (2)

Aldrete observa mais, que nas leis visigothicas se faz menção de « godos e romanos » e nenhuma dos « iberos ou hispanos » o que não aconteceria si estes ultimos conservassem alguma diferença dos romanos, notando-se mais que as leis falam dos hebreus, que observando sempre a sua religião e seu modo de viver particular, nunca se confundiram com os Romanos.

Os primeiros habitantes da Hespanha foram, segundo opinião geral, os iberos ou escaldeus de origem mysteriosa.

Os segundos não se podem bem determinar, ainda que alguns julguem que foram os Persas.

Apòz, como diz Strabão, vieram os Phenicios.

Depois os Celtas espalharam-se por todo o espaço aquem dos Pyreneos, constituindo não centros que podessem ter alguma força, porém tribus fraccionadas e numerosas, segundo os habitos da vida barbara.

Entre 700 e 900 antes de Jesus Christo, occuparam os Gregos grande parte das Hespanhas e mantiveram estreitas relações com a peninsula.

D'ahi vem o alphabeto phenicio communicado pelos Gregos.

No anno 238 antes de Christo a familia Carthagineza

(2) Leoni. Genio da Lingua portugueza.

dos Barcas buscou dominar na Hespanha e conseguiu uma certa denominação que teve como extintor a Cneu Scipião e seu filho Publio Scipião, o Africano, que estabeleceu definitivamente a influencia latina sobre a Iberia.

O systema de colonisação dos Romanos que consistia em fazer assimilar o povo conquistado aos seus proprios actos, a introdução dos *Cives romanus* no povo conquistado, sabendo-se que a lingua é um poderoso vehiculo, ligeiro e efficaz para colonisação e civilisação após a conquista, tudo isto contribuiu de modo inevitavel para a latinisação da peninsula. E, segundo diz Alexandre Herculano na sua *História de Portugal*, Rénan na *Origine du langage*, Littré no seu *Dictionnaire de la langue française*, Fauriel na *Histoire de la poésie provençale*, Diez na sua *Grammatik*, notam que os Romanos tinham como barbaros os idiomas que não fossem o latim e encaravam com repugnancia todos os idiomas barbaros, d'onde a palavra *barbarismos*, applicada aos erros grammaticaes.

Auto Gellio dá o Latim, como a lingua patria de um hespanhel.

A Hespanha foi uma segunda patria da litteratura latina.

Lucano, Marcial, os dous Sénecas, Columello, Percio Latro, e talvez Lilio Italico e Quintiliano, são todos hespanhóes.

Estes e outros factos mostram-nos quanto profundamente se arraigára a civilisação romana na peninsula e em nenhuma outra parte depois da Italia os seus effeitos foram tam intensos.

A Historia da origem da Lingua Portugueza é como a de muitas outras : amalgama de diversos idiomas, rude em sua infancia, polida e culta e mais engrandecida pelos escriptores, pela philosophia e pela necessidade. (1)

Ou fosse porque a denominação romana por mais tempo se enraizasse ns solo peninsular ou pela docura

(1) Barata, Estudos da Lingua Portugueza, Pag. 6.

de sua facil pronunciação, é certo que a portugueza possui da lingua romana grande numero de termos.

No tempo de D. João I grande era o sabor a latim que ella tinha. Eis um exemplo tirado de João Pedro Ribeiro.

« Hœc est notitia de partiçon e de divison que
« fazemos entre nós dos erdamentos que foram de nosso
« padre. » Dissert. Chronol., e Crit. Doc. LXI no vol
1º., etc.

E mais o seguinte epitapho que vem em João Franco Barretto :

« Hic jacet Antonius Perez. Vassalus domini Regis,
« Contra Castellanos misso, Occidit omnes, que quis-
« so. (1)

E mais o seguinte excerpto dos « Discursos varios politicos de Severim de Farias. »

« O' quam gloriosas memorias publico, conside-
« rando quanto vales nobilissima lingua lusitana, com
« tua facundia excessivamente nos provocas, excitas e
« inflamas, quam altas victorias procuras, quam cele-
« bres triumphos speras, quam excellentes fabricas fun-
« das, quam perversas furias castigas, quam feroces
« insolencias rigorosamente domas, manifestado de
« prosa, de metro tantas elegancias latinas. »

O mesmo se vê da perfeita confusão entre o Latim e o Portuguez em João de Barros, Alvaro Ferreira de Vera, João Franco Barretto e outros.

Mas, apesar de tudo isto, diz o eminente escriptor Dr. Theophilo Braga, que o dominio romano não exerceu influencia alguma organica no territorio portuguez porque « Roma conquistava com as legiões, mas não povoava, limitando-se a explorar os povos que se submet-
tiam ao seu dominio com uma absorvente administração do seu governo militar. »

Não é possível, porém, acreditar que a organização industrial dos romanos deixasse de dar em resultado o estabelecimento de correntes de emigração.

(1) Orthographia da Lingua Portugueza. Pag. 28 Edição 1671.

Mesmo T. Braga num recente livro diz contra a sua primitiva opinião :

Aqui dá-se uma illusão nos historiadores da península que attribuem todas as origens sociaes e litterarias aos Romanos, quando elles pelo seu diminuto numero não exerceram mais do que uma acção moral, *sendo a lingua o instrumento de assimilação por onde o conquistador se relacionou com o povo vencido e civilisado.* (1)

As tradições religiosas populares e as origens historicas attestam que Roma, desde as suas primeiras conquistas, povoava sempre por meio da colonisação os paizes que dominava pelas armas. Ferrario attesta que havia na Hespanha cerca de 30 colonias romanas e diz que a palavra *colonia* indica sempre uma emigração *ex-urbe*. O mesmo se infere do que se lê em Gellio, Heinnecio e outros.

Beja, por exemplo, foi colonia romana.

Roma, sacudindo da península iberica o dominio carthaginez, deu-lhe organização regular e consolidou o seu senhorio pela introducção da propria linguagem ; as migrações recresceram a proporção que mais rareavam os indigenas na peleja.

As conquistas por mais sanguinolentas que sejam, permitem sempre o cruzamento, e accresce que Celtas, Celtiberos e Turdetanos identificaram-se com os conquistadores na sua nacionalidade, as raças juxtapozeram-se gradualmente, cohabitaram e fundiram-se, o que era tanto mais facil quanto havia certa unidade ethnica entre Celtas e os povos da Italia Central.

Alem d'isto, é preciso notar que a conquista não é somente o unico agente productor de revoluções sociaes bastante profundas para causar uma mudança total da linguagem.

Acham-se em Waitz alguns factos comprobatorios da adopção de uma lingua estrangeira.

Os soldados da Bosnia enviados pelo sultão Selim em 1420 á Baixa Nubia perderam sua lingua materna ;

(1) A patria portugueza. Pag. 68.

os negros da Haiti adoptaram o Francez ; diversas tribus americanas abandonaram seus idiomas proprios pelo Hespanhol e Portuguez ; os indigenas de S. Salvador, Nicaragua, Costa Rica, S. Margarida, Quilmos, Calchaguy e Chiloë adoptaram o Hespanhol, os indios do Brazil o Portuguez. (Latham Humboldt, Bonpland, Von Eschwege. Apud. Sayce. (1)

Finalmente, quando a historia nos não provasse com irrecusaveis documentos haverem os romanos exercido longa dominação na peninsula, attestara-nos seu predominio pacifico e de muitos seculos, o vermos o solo da mesma coberto de monumentos de construcção romana, ossadas de sepulturas e lapides miliares, templos e theatros derrocados, fontes, aqueductos, thermas, estatuas, fustes e bases de columnas, cippos, inscrições, etc. (2)

Quando os Romanos entraram na peninsula sob o commando de Scipião encontraram ahi, segundo a phrase de Varrão, *cinco povos*.

Estes *cinco povos* com existencia historica são pela sua ordem : iberos, celtiberos, phenicios, gregos e cartaginezes. (3)

Assim, pois, tendo a supremacia a lingua latina a que succederam a dos arabes e a dos godos, formou-se a nossa Lingua Portugueza que, como diz o immortal Camões : « Com pouca corrupção crê que é latina. »

Mas foi só no reinado de D. Diniz que a Lingua Portugueza adquirio os fóros de official, passando a substituir nos documentos publicos o corrompido latim da época, diz-nos Antonio Ennes ; antes disso, porém, já havia sido usada pelos trovadores nacionaes em canções rudes mas graciosas, echos distantes da lyra provençal.

« Uma lingua tam dura como as armas, » na phrase de Felinto Elysio, é, diz Antonio Vieira : rica e bem dotada, como filha primogenita da « latina. »



(1) Principes de Philologie Comparée, pag. 135.

(2) Leoni. Genio da Lingua Portugueza.

(3) Th. Braga. A patria portugueza. Pag. 73.



LECÇÃO TERCEIRA

O CELTICISMO

Apezar do grande numero de documentos portuguezes de varios escriptores antigos, em que se sente muito o sabor da Lingua Latina, como podemos ver do epitaphio que vem em João Franco Barretto : *Hic jacet Antonius Peres, Vassalus domini Regis, Contra Castellanos misso, Occidit omnes que quisso* etc ; apezar de todos conhecerem o grande poder das legiões romanas que conquistando a peninsula iberica, introduziram os seus costumes, ritos, e portanto a sua lingua, notando-se que os seus habitantes esquecidos da lingua vernacula haviam se feito latinos, como nos diz Strabão (Vide II) ; sem embargo de tantas provas pelas quaes vemos que a Lingua Portugueza formou-se da corrupção que na lingua rustica latina produzio a successiva invasão dos suevos e arabes, ha quem opine que do celtico, idioma dos povos da *Spania*, é que proveem não só o Portuguez, como os varios dialectos em que se divide a lingua geral da Hespanha.

Esta idéa é sustentada pelo antigo patriarcha Frei Francisco de S. Luiz, Antonio Ribeiro dos Santos, João Pedro Ribeiro no 4.^o tomo das *Dissertações Chronologicas* e em França pelo abbade Girard na sua obra *Vrais principes de la langue francaise*, onde diz : Quando se observa a prodigiosa opposição que ha entre os genios das linguas franceza, italiana, quando se attende a que a etymologia prova sómente a adopção das palavras e

não a sua origem, e que estas são acompanhadas de artigos que não podiam tomar do latim, e diametralmente oppostas ás construcções transpositivas e ás inflexões dos casos, não se pode dizer que sejam filhas d'elle.

Tambem o Cardeal Saraiva pretendeu provar que a Lingua Portugueza não é filha da latina nem foi esta em tempo algum a lingua vulgar dos lusitanos.

Levantam-se, porém, além do Sr. Alexandre Herculanio (1) o General Leoni, (2) já fallecido, e o grande philologo portuguez Ad Coelho. (3)

Antes, vejamos quem eram os celtas. Os celtas eram os antigos povos que habitavam a Gallia, o norte da Italia, a Gran-Bretanha, a Irlanda e sòmente uma parte da Hespanha.

O celta é uma das linguas indo-germanicas e hoje os dialectos d'ella são apenas : o armoricano ou baixobretão, falado na Bretanha, o kymri, cambrico ou gaulez falado no Paiz de Galles, o galico falado na Escossia, e o irlandez na Irlanda.

Como, pois, concluir a grande influencia que esta lingua teve sobre a nossa ?

Quando um sabio como Max-Müller, diz Adolpho Coelho, julga necessario desafrontar a memoria de um philologo do seculo 16.^o Henri Etienne, mostrando ser falso que este desconhecesse a origem latina do Portuguez, que considerações pode-se ter por homens que em nosso seculo se fazem defensores da celtomania ?

Todos os dialectos do Celta são linguas modernas em estrutura, construcção e fórma grammaticaes e que differem tam profundamente dos idiomas da nações romanicas, que somos levados a acreditar que muito pouco terão de commum.

Como poderiam influir os celtas para a formação de uma lingua qualquer na Hespanha quando elles nesse paiz não contribuíram para formação de centros popu-

(1) Historia de Portugal Primeiro volume.

(2) Obra citada.

(3) Questões da Lingua Portugueza.

losos, e antes eram tribus ou grupos errantes quasi sem civilisação ?

E' verdade que, como diz Abel Hovelacque (1) nas linguas néo-latinas existe um fundo bastante importante de palavras estrangeiras. O Francez, por exemplo, possui certo numero de palavras de origem celtica, como *arpent*, *lieue*, *dune*, *alouette*, mas esse numero está longe de ser tam consideravel como se pode suppôr, e é bom accrescentar que todos estas palavras para tornarem-se francezas tiveram de se latinisar antes, para depois passarem para o Francez.

Mas, como diz o citado autor, admittida a hypothese de provirem estas palavras do Celta, pode-se concluir que todas as portuguezas derivam-se d'essa lingua ? E mesmo quando assim o fosse, a latinisação da palavra passando para Portuguez não é uma prova inconcussa de que a origem essencial é latina ?

Alexandre Herculano diz que o que fez alguns espiritos sonharem com o *celticismo* foi julgarem que os hespanhóes repetiam vulgarmente os periodos eloquentes de Cicero ou o estylo facil e harmonioso de Tito Livio ou então que guardavam as regras severas da *Grammatica Latina*.

Ao contrario, tinham elles necessidade, pelo desconhecimento dos livros, de empregar frequentemente as preposições para distinguir as desinencias dos casos, de empregar uma ordem natureal e sem inversão na successão das palavras ; alteravam, portanto, a indole da lingua culta e approximavam-se das formas mais simples que tomaram os idiomas modernos do meio dia da Europa.

As transformações de uma lingua qualquer são factos muito naturaes, assignalados em todos os tempos e Duarte Nunes de Leão já dizia :

« Que assim como em todas as cousas humanas ha continua mudança e alteração, assim é tambem nas linguagens. » (2)

(1) La Linguistique.

(2) Origem da Lingua Portugueza, Cap. 1.

Não é admiravel, como dizem os « celticistas, » que haja difficuldade de qualquer povo poder abandonar a lingua vernacula para usar a de seus dominadores. Não, desde que attendermos que o estado de rudeza dos primitivos habitantes da Peninsula era tal no começo das invasões romanas, que qualquer esforço de civilização abria brecha naquella massa bruta e informe fazendo-a acceitar leis, costumes e lingua.

Dizem mais os « celticistas » que assim como os Tartaros invadindo a China e ahi predominando, os Turcos imperando em muitas provincias asiaticas e na Grecia, o jugo Castelhana em Portugal, a Austria dominando porção da Italia, a Gran-Bretanha determinando que nos actos publicos e documentos officiaes se usasse do Inglez na Irlanda, na Escossia- e no Paiz de Galles, não poderam fazer com que a lingua chinesa fosse substituida totalmente pelo dialecto tartaro; nem que a Grecia, deixasse o seu idioma; ou que as provincias asiaticas esquecessem os seus antiquissimos dialectos locaes; nem que, apesar do jugo de 69 annos, podesse a lingua castelhana subjugar a portugueza; e que finalmente, podesse a Gran-Bretanha fazer esquecer os antigos dialectos celtas; nem que o romano, toscano, milanez e veneziano fossem vencidos pela prepotencia austriaca; da mesma maneira os Romanos não podiam fazer com que os iberos e os povos que habitavam a peninsula ficassem *romanisados*.

Porém, perguntamos, si os Romanos não conseguiram esse ideal, por acaso, os Celtas que habitavam pequena parte da Hespanha, teriam o poder de transformar uma lingua, ainda mais quando eram elles povos errantes?

E não é ponto incontestavel que o imperio romano transformou as leis, costumes, instituições politicas e civis nos paizes conquistados? Além d'isso, a religião mais forte que o imperio veio fazer esta conquista facilissima.

Era em Latim que se celebravam as solemnidades do culto, era em Latim que os generaes falavam ás

legiões, era em Latim que se litigavam as causas forenses no tribunal.

Para falar com elles, para lhes requerer justiça, para obter remissão do imposto, para orar no templo, para tudo que fossem actos publicos, se tornava sempre o Latim a lingua necessaria.

O que prova mais ser a Lingua Portugueza filha da latina é vermos todas as preposições e conjuncções, palavras elementares, provirem immediatamente do Latim.

As particulas são uma especie de palavras, cujo sentido não se alcança senão com o uso e frequencia de falar a lingua.

A perda das desinencias distinctivas dos casos de que se quer tirar argumento para provar que a Lingua Portugueza não é filha da latina é quasi imperceptivel, de nenhum effeito, de nenhuma importancia, porquanto, á excepção do genitivo e dativo para cuja reparação a mesma lingua prestou seus proprios subsidios, os casos que em Latim são regidos de preposições, como o accusativo e o ablativo, nada soffreram com a referida perda continuando a ser indicados com as preposições como d'antes o eram e até muitas vezes podem deixar de aster o que acontece especialmente com o ablativo :

PASSADOS ESTES DIAS *que Vasco da Gama aqui esteve*
Fernão Lopes. Hist. da India.

E mandou que DESCOBERTO O LADRÃO *fosse queimado*
Vieira. Sermões.

Terminamos com Leoni. (1)

« A nossa primitiva organização social é toda romana, o character distinctivo e essencial das antigas municipalidades, a magistratura duumviral não se perderam, os bailes nas egrejas tam lastimados por Manoel Bernardes (2) os asylos, a reverencia á mesa, o fechar dos olhos

(1) Obra citada.

(2) Nova Floresta T. 2.º Pag. 12 e segg.

e a bocca do defunto, o lavar o cadaver, o uso das pranteadeiras nos vieram das instituições romanas.

As festas do carnaval são as saturnaes de Roma; muitas superstições, como os dias aziagos, os espectros nocturnos, os lemures, os philacterios, (1) as figas penduradas pelas mãos ao pescoço das creanças para livra-las de quebranto, tudo nos veio dos Romanos. »

Assim, pois, é filha do Latim a Lingua Portugueza, a que no dizer de Francisco Rodrigues Lobo tem de todas o melhor : a pronunciação da latina, a origem da grega, a brandura da franceza, a elegancia da italiana e finalmente tem mais adagios e sentenças que todas as vulgares. Bem exclama o auctor do Hyssope :

« Como si a bella, fertil lingua nossa,
« Primogenita filha da latina,
« Precisassem de extranhos atavios. »



(1) Idem, idem, pag. 378,

LECCÃO QUARTA

LIGEIRA NOTICIA DA FORMAÇÃO DO LEXICO PORTUGUEZ

Lexico ou vulgarmente dictionario, é o conjunto de todos os vocabulos de que se compõe uma lingua.

A Lingua Portugueza originou-se, como está hoje claramente provado, da Lingua Latina e são quasi todos os seus termos latinos.

Salvo pequenas excepções, relativamente ás formas e talvez aos typos syncreticos, são de filiação latina os demais vocabulos, devendo-se sómente notar que entraram tambem para o dominio de nossa lingua, depois d'ella constituida no seculo XIII, palavras francezas, italianas, allemães, gregas, inglezas etc., sendo que antes de sua constituição adquerimos muitos termos do arabe e do germanico, por causa de dominação d'estes povos na peninsula hispanica.

Suscintamente daremos algumas palavras cuja origem pertence a estas linguas. (1)

Assim temos palavras originadas de linguas faladas na peninsula antes do Latim e que se podem considerar hispanicas : *briza* (brisa), *cervesia* (cerveja), *gordus* (gordo), *canthus* (canto), *cuniculus* (coelho), etc., que se acham em Portuguez.

De elementos phenicios parece só nos ter ficado a palavra *barca*.

De elementos gregos podemos affirmar que em

(1) Ad. Coelho. Glottologia. Pag. 154 e segg. Secção 3.^a

geral nos vieram por intermedio do Latim, ou que vieram posteriormente durante o dominio romano: *anco* (canto), *bolsa* (pelle preparada), *ermo*, *sumo*, *tio*, *taleiga* (saco), *calma*, *chata*, *cara*, *cararella* (especie de navio).

Algumas palavras da mesma especie nos vieram passando por outras linguas romanicas: *colla*, *golpho*, *pagem*.

Outras por intermedio do arabe: *alcaparra*, *quitate*.

De origem euskara enumeramos: *aba*, *charco*, *esquerdo*, *mandrião*.

Das linguas celticas cuja analyse é muito obscura temos: *Alpes*, *dolmen*, *druida*, *bardo*, *fenian*, *bojo*, *bico*.

Depois do dominio romano temos os mais importantes elementos que concorrem para a formação do nosso lexico.

D'entre elles destacam-se como principaes: os elementos germanicos e arabes.

A. Coelho dá-nos uma lista dos primeiros em numero de 288, exceptuadas as palavras da introduccção moderna.

Entre ellas citaremos: *albergue*, *bahú*, *brasa*, *canivete*, *doudo*, *droga*, *escravo*, *estr bo*, *fita*, *forro*, *ganso*, *garfo*, *gaz*, *jardim*, *loja*, *malandro*, *marechal*, *nuca*, *piloto*, *rato*, *rima*, *sala*, *vaga*, e muitos outros, termos nauticos e de posições geographicas, como: *bote*, *bordo*, *canôa*, *sul*, *leste*, *oeste*, *norte*.

De introduccção moderna temos: *bismuth*, *caparoza*, *quartz*, *valsa*, *zinco*.

A lingua arabica muito enriqueceu o nosso lexico, mórmente em termos referentes á vida physica, aos usos domesticos, ás instituições civis, politicas e militares, á technologia de construcção, etc.

Temos a notar, porém, que são raros os adjectivos arabes, que nenhum verbo é derivado d'esta lingua e que o artigo arabe *al* acha-se prefixado a grande numero de palavras. Contamos uma lista de mais de 300, entre as quaes *acepipe*, *alambique*, *alcatifa*, *almocreve*, *alvi-caras*, *armazem*, *ataude*, *azeriche*, *borzeguim*, *fatia*, *fulano*, *jarra*, *oxalá*, *tarrafa*, *xadrez*, *zagal*.

A respeito da palavra *Alfarrabio*, diz o escriptor brasileiro Beaurepaire Rohan, que ella deriva-se de *Alfarrabius*, philosopho arabe, autor de muitas obras instructivas e entre ellas de uma encyclopedia que todos consultavam, até que obras mais modernas a vieram derrocar.

Sobre a palavra arabe *assucar* notamos que ella trazia da India o nome de *sarkhara*, no Latim *saccharum*, d'onde formamos a palavra *saccarina*.

Algarismo é vocabulo originado do nome de um mathematico oriental *al-khowarezmi* ou *Abu-Djafar Mahommed Ibn Musā*.

Temos em terceiro lugar palavras derivadas de origens diversas, d'entre as quaes destacamos as de origem hespanhóla.

Poucos são esses termos, isso devido ao facto de terem o Portuguez e o Hespanhól um vocabulario muito commum entre si.

Podemos contar, porém : *boléro*, *espadilha*, *eldorado*, *fandango*, *mantilha*, *seguidilha*, *zarzuela*.

Dos elementos francezes que formam uma parte importantissima do nosso lexico vieram-nos por seu intermedio palavras celticas e germanicas.

O elemento francez actualmente é o maior factor da grammatica e do vocabulario. Podemos dizer em geral que é por intermedio do Francez que possuimos muitos neologismos inglezes, gregos e até italianos.

Assim encontra-se em o nosso lexico grande copia de termos francezes, como : *chapéo*, *chaminé*, *chefe*, *espirito* (graça, chiste), *etiqueta*, *fichú*, *sangue frio*.

Os termos mais recentes conservam a orthographia da lingua : *crayon*, *bouquet*, *boudoir*, *mise en scene*, *soirée*.

Dos elementos italianos possuimos os que se referem á arte, á litteratura : *adagio*, *bagatella*, *bandido*, *bussola*, *cavatina*, *cupula*, *dilettante*, *faiança*, *girandola*, *soprano*, *tenor*, *violão*.

Do inglez temos termos relativos ao commercio, caminhos de ferro, marinha, cosinha, etc. Assim : *bifteck*,

cheque, club, crup, clown, dandy, jockey, jury, pamphleto, revolver, tunnel.

Das linguas americanas muitos são os termos de historia natural : *ananaz* (tupy), *caipira* (tupy-guarany), *carioca* (idem), *condor* (quichua), *cotia* (tupy), *pirão* (tupy), *furacão* (caraiba), *tapioca* (tupy).

Das linguas africanas encontramos : *banza, batuque, cacimba, cangica, macaco, mandinga, marimba, muleque, senzala.*

Das linguas asiaticas : Do persa : *caravana, chacal, divan, pagode.*

Do malaio : *bambú, beliche, orangotango* (homem dos bosques), *sagú.*

Do turco : *kiosque, odalisca.*

Do sanscrito : *carmesim.*

Do hebraico ; *alleluia, amen, hossana, paschoa, rabbino, sabbado, seraphim.*

Além d'estas palavras tem o Portuguez muitos termos formados por composição e derivação, como : *arminho* (da Armenia) ; *bayonneta* (de Bayenna, cid. de França) ; *bohemio* (da Bohemia) ; *paraty* (aguardente feita em Paraty) ; *cajurubeba* (de cajá e jurubeba) etc. etc. sem falarmos nos formados modernamente por meio de prefixos, suffixos etc. (Lecção 10.ª)

Possue tambem muitos termos de ficção litteraria : *Quixote, tartufo, polichinello* ; de mythologia e crenças : *argos, panico* (de pan-tudo), *homerico, vulcanico, marcial* (de Marte), *amoniaco* (substancia preparada no tempo de Jupiter Ammon), *Hermetico* (de Hermes, Mercurio), *bacchanaes* (de Baccho).

Um facto muito notavel que se encontra na constituição do nosso lexico é o desaparecimento da palavra ou do objecto que deu lugar á formação d'ella, permanecendo entretanto viva a mesma palavra.

Assim temos : *volume*, embora não seja um rôlo como antigamente ; *papel*, embora não seja composto mais de *papyrus* ; *gazeta* mesmo que não custe uma *gazza* (vintem de Veneza) ; *candidato* embora não se vista mais de branco ; *lunatico*, embora não attribuamos mais a loucura á influencia da lua ; *planeta*, que não

significa mais uma estrella que vista da terra parecia errante, porém sim um corpo que gyra em redor do sol central.

Assim, depois de termos modificado o conceito da lua que é um planeta secundario, um satellite e quando o telescópio nos fez descobrir outros planetas, apressamo-nos em mudar esse nome proprio para um nome generico e chamamos *luas* a todos os satellites.

Podemos contar mais : *quaderno*, mesmo que não indique idéa de *quatro* ; *luneta* (lua pequena) que hoje tem a significação de instrumento visual, etc.

Deu-se o nome de *Mercurio*, rapido mensageiro dos Deuses, ao planeta cujos movimentos eram os mais mutaveis e accelerados. e os alchimistas deram esse mesmo nome ao mais movel dos metaes.

Assim, collocamos o mercurio n'um tubo e ordenamos, como Jupiter ao deus Mercurio, que elle suba ou desça para nos dar novas do tempo.

A verdadeira significação de *importante* é o que tem dentro de si alguma cousa ; *trivial* é o que se acha atravessando as ruas ; uma *occurrencia* é uma cousa que corre adiante de nós ; *desastre*, uma desgracia devida a um astro, máu agouro. (1).

A moeda com que no seculo 13.^o se pagavam aos jograes que vulgarisavam as canções de gesta era uma especie de ceitil chamado *poitivine* (patavina).

Pela legislação de Clisthenes foi instituido o *ostracismo*, medida pela qual o cidadão suspeito de conspirar contra a Republica era exilado por 10 annos.

Para isto cada cidadão escrevia o nome do que queria banir em uma concha, *ostracon*. (2).

A palavra *animal*, diz Max Muller (3) é de formação recente e deriva-se de *anima* (alma). A propria palavra *alma* significava originariamente sopro ou respiração, derivada da raiz *an* que dá *anila*, *vento* em Sanskritto, e *anemos*, *vento* em Grego.

(1) Em geral estas noções foram bebidas na *Vie du Langage* de Whitney. Pag. 65 e segg.

(2) Berquó. Hist. Universal, Pag. 42.

(3) Science du langage. Pags. 454, 455.

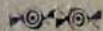
Os Teutônios usavam de *saicula* (alma) derivada do gothico *saivs* (mar) representando originariamente a alma humana como um mar que em nós se agita e agitando-se e cahindo a cada momento do peito e reflectindo o céu e a terra no espelho dos olhos.

Como este facto encontramos milhões.

De tudo quanto acabamos de dizer conclue-se que a maior parte do nosso lexico é composto de grande numero dos elementos a que acabamos de nos referir, accrescendo a estes, os termos propriamente brasileiros, sobrepunhando a todos o Latim.


Bem diz o illustre philologo Ad. Coelho : (1) Si do vocabulario portuguez tirarmos todos os vocabulos, que não proveem de palavras, themas ou raizes que se encontram no Latim, o que fica, comparado com o lexico latino, offerece ainda profundas differenças, apesar das suas origens estarem todas no ultimo.

E a mesma idèa já externada por José Vicente Gomes de Moura : (2) As linguas Italiana, Franceza, Hespanhola e Portugueza são irmãs, e fazem uma familia, que descende da Latina em tam grande parte, que si lhes tirarmos o fundo que d'esta receberam, restará muito pouco. »



(1) Obra citada.

(2) Noticia succinta dos Monumentos da Lingua Latina. Pag. 9.



LECCÃO QUINTA

LEXICO PORTUGUEZ. O LATIM

O lexico ou dictionario portuguez é um amalgama de termos de origens diversas adquiridos quer antes do dominio dos povos romanos, quer no seu dominio, quer depois que o povo da peninsula foi constituido formando uma nação independente.

Assim em o nosso lexico encontramos elementos provenientes das linguas faladas na peninsula anteriormente ao latim : hispanicas, phenicias, gregas, celticas, euscaras; elementos das linguas dos conquistadores depois da dominação romana : elementos germanicos, arabes ; e elementos de origens diversas : hespanhóes, ciganos, francezes, inglezes, italianos, das linguas americanas, das africanas e das asiaticas. (1)

Mas apesar da maioria das palavras serem de origem latina, grande é a differença (separados os termos de outra origem) entre o lexico d'esta lingua e o da portugueza.

Em primeiro logar muitas palavras provenientes do latim popular não foram empregadas na litteratura.

Assim, encontramos muitas vezes uma palavra de radical latino, o que faz portanto dizermos que a sua origem é d'esta lingua, entretanto o emprego do suffixo é desconhecido do latim : o suffixo portuguez *eiro* para formar nomes de arvores : *pinheiro*, *mangueira*, etc.

(1) Ad. Coelho Glottologia pags. 139 a 154.

Em segundo lugar, palavras usadas pelos escriptores do periodo ante-classico, não usados na bôa latini-
dade, e que entretanto apparecem no Portuguez : *ab-*
sconsus (esconso); *adjectare* (deitar); *jejunare* (jejuar);
vacivus (vasio).

Em terceiro lugar muitas outras palavras latinas
foram substituidas por synonymos na propria lingua :

<i>ædes e domus</i>	casa
<i>bilis</i>	fel
<i>janua</i>	porta
<i>osculum</i>	basium
<i>fur</i>	latronem
<i>uxor</i>	sponsa

Em quarto lugar houve a differenciação de uma
palavra em duas ou mais fórmãs, differenciação a que os
grammaticos dão o nome de fórmãs divergentes e al-
guns impropriamente de duplas.

Ha que distinguir diversos casos :

1.º fóрма popular ao lado da fóрма erudita,

Popular	Erudita	Latina
dobro	duplo	<i>duplum</i>
papel	papyro	<i>papyrus</i>
rezar	recitar	<i>recitare</i>
pregar	predicar	<i>predicare</i>
leal	legal	<i>legalis</i>
pégo	pelago	<i>pelagus</i>

2.º duas ou mais fórmãs populares com significa-
ção diversa.

Popular	Latina
artigo e artelho	<i>articulus</i>
freire e frade	<i>fratre</i>
ilha e insua	<i>insula</i>
malha, mancha e magua	<i>macula</i>
todo e tudo	<i>lotus</i>

Neste caso as formas proveem de uma anterior que não se conserva em Portuguez como forma popular ; ha, porém, casos em que uma das formas populares provém de outra ainda existente :

Popular	Latina
cem de centum	<i>centum</i>
dom de dono	<i>dominus</i>
safo de salvo	<i>salvus</i>
grão de grande	<i>grandis</i>
são de santo	<i>sanctus</i>

3.^a formas latinas alteradas em outras linguas românicas ao lado de formas propriamente portuguezas :

chefe	fr.	<i>chefe</i>	ao lado de	cabo	lat.	<i>caput</i>
hotel	«	<i>hotel</i>	«	hospital	«	<i>hospital</i>
lhano	hesp.	<i>llano</i>	«	chão	«	<i>planus</i>
opera	ital.	<i>opera</i>	«	obra	«	<i>opera</i>
plano	«	<i>piano</i>	«	chão	«	<i>planus</i>

Em quinto lugar temos a substituição de palavras latinas por outras derivadas do mesmo radical ou das palavras desaparecidas :

<i>spes</i>	<i>sper-antia</i>	esperança
<i>genu</i>	<i>genu-culum</i>	joelho
<i>pollex</i>	<i>pollicare</i>	pollegar
<i>civis</i>	<i>civitatanus</i>	cidadão
<i>fornax</i>	<i>fornalia</i>	fornalha

Muitos termos que serviam para designar plantas receberam o suffixo *ario*, *aria* ficando o thema original para designar partes ou productos d'estas plantas.

<i>castanea</i>	castanha	<i>castanearia</i>	castanheira
<i>morus</i>	amora	<i>moraria</i>	amoreira
<i>rosa</i>	rosa	<i>rosaria</i>	roseira

Este modo de formação não é propriamente latino e sim romanico.

Em latim ou não havia distincção entre o nome da planta e o de seu producto : *citrus*, limão e limoeiro, *laurus*, louro e loureiro ; ou então a distincção era feita por meio do genero ; geralmente o nome da planta é do genero feminino em *us* e o do producto em *um*, genero neutro : *cerasus* (cereja), *cesarum* (cerejeira) ; *morus* (amora), *morum* (amoreira).

Tambem se fazia a distincção por meio de um suffixo secundario (caso muito raro) *cæpa* e *cæpula* ; ou então por meio de palavras derivadas de raizes diversas : *ulmus* e *samera* ; *corylus* e *avellana*.

Mesmo em Portuguez algumas plantas não se distinguem dos seus productos : *cebola*, *jacintho*, *trigo* etc.

Porém o uso mais commum é formar-se a distincção com o suffixo *ario*, a excepção de *oliva* que derivado de *oliveira* foi substituida por *azeitona* do arabe *azzeit* ; *lans* cuja forma verdadeira é *lande*, substituida commumente por *bolóta*, tambem de origem árabica.

Em sexto lugar temos a considerar que muitas palavras foram substituidas por derivados novos de outros themas ou raizes, isto é, as cousas que significavam tiveram nova denominação sobre outro aspecto :

Cervus por veado, de *venatus*, a caça.

Vulpus, raposa, de *rapus*, o rabo, por ter este animal o rabo comprido.

Porculus (*porcus lacteus*) por leitão, o animal que ainda se alimenta de leite.

Acetum por vinagre, *vinum acre*.

Em setimo lugar muitas palavras latinas desapareceram para evitar homonymia : *cabo* do latim *caput* e *cabo* do latim *capulum* ; *selada* (salada) de sal, *celada* por *cilada* e *celada* do latim *cælata* ; *cento* antigo participio de cingir, do latim *cinctus* e *cento* do latim *centum* ; *preia* do latim *plena* (preia-mar), *preia* do latim *præda* ; *incerto* de *incertus* e *inserto* de *insertus* ; *leia* de *tela* e *tela* de *tæda*.

Neste caso, um dos homonymos costuma desaparecer deante do outro, causando por isto a exclusão ou

desapparecimento de muitas palavras latinas : *aequus*, deante de *equus* que devia dar *equo* deu somente o feminino *equa* ; *bellum*, guerra, diante de *bellus*, bello ; *jacere*, lançar, deante de *jacere*, jazer ; *queri*, queixar-se, deante de *querere*, querer.

Finalmente em oitavo e ultimo logar devemos ter em vista que muitas palavras mudaram de significação.

Admorsus, mordedura, é em Portuguez *almoço* (hesp. *almuerso*) com o sentido do latim *jentaculum*. *Affligere* perdeu o sentido de bater contra, quebrar, para conservar o sentido figurado de atormentar.

Apotheca que em latim designava um logar onde se guardavam provisões, uma adéga, adquerio o sentido de casa pequena, *botica*, *bodega*.

Ingenium que significava natureza, modo de ser característico de uma cousa, perdeu quasi o sentido de *genium*, na accepção de intelligencia e astucia e adquerio o sentido de *machina*, *machinismo*.

Rapum, rabo, em Latim cenoura, significa *cauda* em Portuguez. talvez pela analogia d'uma cauda de animal com uma cenoura.

Talentum em latim barra, peso de 420 libras e em grego *balança* e *peso*, tomou os sentidos de *inclinação*, *tendencia*, *vocação*, *vontade*.

A *seu talante* significava no antigo Portuguez a *sua vontade*.

Hoje tem a significação de engenho, genio, talvez, segundo Diez, por influencia da Parabola dos Talentos,

Na linguagem popular no Brazil tem a significação de força muscular.

Reminiscencias do latim ?

E' digno tambem de colleccionar-se a formação de certas palavras sobre cuja origem nada dizem os dictionarios, e os livros que se dedicam ao estudo da linguistica não descem a estas minudencias.

Aravia em sentido proprio, significa a linguagem arabica ou arabe falada pelos naturaes da Arabia ; este sentido obliterou-se para depois designar o arabe corrompido pelos christãos que viviam em contacto com os

Arabes e também a linguagem vulgar ou vernacula em contraposição a *ladinha*.

No século 15.º e 16.º começou-se a empregar no sentido de gyria propria para embustes e trapações.

Virá d'ahi a palavra popular : *Algaravia* ?

E' também interessante o que diz Th. Braga a respeito de *Charlataneria*, *charlatão* : (1)


Na Italia o vulto de Carlos Magno cahio no ridiculo.

Na poesia hespanhola do 12.º século usava-se a palavra *Charlataneria*. Esta voz é derivada da palavra franceza *Charles*.

Como os troveiros francezes não cantavam naquelle tempo além da suas canções lascivas, outras a não serem as de Carlos Magno, os italianos lhes chamaram *Ciarles* e a palavra *Ciarlatani* e entre nós *Charlatães* foi successivamente empregada aos que se entregavam a cousas semelhantes.



(1) Epopéas da Raça Mosarabe.



LECÇÃO SEXTA

DIALECTOS. DIALECTO BRAZILEIRO. DIALECTOS PORTUGUEZES.
EDADES DA LINGUA PORTUGUEZA

I

Dá-se o nome de dialecto á lingua peculiar a uma provincia, cidade ou estado, alterada na pronuncia, accentuação, desinencias, lexico e syntaxe, relativamente ao idioma d'onde provém.

Assim as differentes formas de linguagem consideradas isoladamente tem o nome de lingua ; si, porém, forem consideradas relativamente á lingua d'onde se derivaram tem o nome de dialectos.

O francez, o portuguez, o italiano, etc. são dialectos da lingua commum latina.

Consideradas de per si são verdadeiras linguas,

Segundo Whitney, cada individuo recebe a lingua e modifica-a embora de modo infinitesimal.

Neste sentido, rigorosamente falando, qualquer sociedade, familia, qualquer classe social, todos e cada um possue um dialecto.

A multiplicidade das linguas e de seus dialectos é hoje um facto incontestavel e está provado tambem que é ella muito maior que a das raças.

Pelo menos são aquellas mais susceptiveis de modificações que estas.

Dados estes principios chegamos á conclusão que

uma lingua dura mil annos, quando as raças existem por millenios.

Influem para a alteração das linguas o clima, as relações dos povos entre si, o progresso das artes e das sciencias, os factos politicos e litterarios etc. Ferrière noticia um caso interessantissimo comprobatorio da selecção que exerce o progresso da sciencia: « O poet. Hardy dizia com muita elegancia aos olhos de seus contemporaneos: « Sua oração commovia o *estomago* d'uma rocha.» A descoberta da circulação do sangue ar-ruinou esta metaphora substituindo-a pela unica exacta, pela unica verdadeira: « o *coração* de uma rocha.» (1)

O mesmo facto notamos na phrase franceza: *Soulever le cœur*, que significa *causar nauseas, embrulhar o estomago*; *mal au cœur*, *embrulhamento do estomago*.

Camões diz:

« Assi dizia, e todos juntamente
« Uns com outros em pratica fallando
« Louvavam muito o *estomago* da gente
« Que tantos ceus e mares vae passando.

C. 2.^o ESTR. 85.

« Tal do Rei novo o *estomago* accendido
« Por Deus e pelo povo juntamente.

C. 3.^o ESTR. 48.

A phrase portugueza *de cór*, que se traduz em francez por *par cœur*, não significa mais do que *de memoria* e tem origem na palavra latina *cor, cordis*, o coração.

Veem-se por ahi as alterações que a lingua vae soffrendo, os ramos que ella vae desprendendo de si.

Além d'isto todos nós temos uma linguagem, um modo de falar quando conversamos familiarmente ou

(1) Revue critique d'histoire et de philologie 1867,

quando discursamos em publico, si estamos num salão ou numa assembléa.

Dizemos, pois, que cada individuo fala *diversos* dialectos segundo as circumstancias, e até mesmo uma *infinidade* de dialectos dos quaes um não é identico aos dialectos dos outros individuos. (1)

Plinio diz que na Colchida havia mais de 300 dialectos differentes e que os Romanos eram obrigados a empregar 130 interpretes para tratar e commerciar com estes povos. Mas não é nesta accepção que se emprega a palavra dialecto.

Para haver dialecto é preciso que haja uma certa unidade na lingua, unidade que não é destruida por differenças individuaes, que por sua vez não impedem a possibilidade da communicação do pensamento. Quando este ultimo facto se dér, apparece então uma lingua estranha.

A formação dos dialectos é um phenomeno que obedece ás leis da mesologia glottica. A differença dialectal mostra um poder, uma vitalidade no organismo da lingua, não é um phenomeno involuntario.

Influindo, como já dissemos, na evolução de um dialecto a cultura litteraria e as relações sociaes, é por isso que o Francez dialecto do Latim, acha-se mais affastado d'este do que as outras linguas neo-latinas : o Italiano, o Portuguez etc.

Do que acabamos de dizer, infere-se que, apesar das grandes modificações porque passou a Lingua Portuguesa no Brazil, ainda não podemos chamar á lingua falada neste paiz um dialecto.

II

Diz José de Alencar, partidario do *dialecto brasileiro* : « Quando povos de uma raça habitam a mesma

(1) These de M. Passy appresentada á Faculdade de Letras de Paris 1891.

região, a independencia politica por si fórma a sua individualidade. Mas si os povos vivem em continentes distinctos, sob climas differentes, não se rompem unicamente os vinculos politicos, opera-se tambem a separação das idéas nos sentimentos, nos costumes e portanto na lingua, que é a expressão d'estes factos moraes e sociaes. »

E' o que diz tambem N. Webster : (1)

« Logo depois que duas raças de homens de estirpe commum separam-se e collocam-se em regiões distantes, a linguagem de cada um começa a divergir por varios modos. »

E' preciso, porém, attender que as linguas são organismos que se desenvolvem e transformam, são rios cujas correntes muitas vezes se bifurcam.

Assim como a lingua de Portugal não é a mesma de 1500, a nossa tambem tem-se transformado, adquirindo termos novos das linguas dos paizes com que entretemos relações commerciaes e litterarias.

O luso brasileiro não constitue ainda, diz Sylvio Roméro, um dialecto accentuado do portuguez européu, embora contenha elementos que o hão de tornar cada vez mais distincto d'este. O *criterium* para resolver a enfadonha questão do dialecto brasileiro é a possibilidade ou não da comunicação de pensamento. (2)

A noção do dialecto póde, na verdade, ser applicado a qualquer systema de differenciações parciaes e geographicas da lingua, como diz João Ribeiro. (3)

Mas o chamado dialecto brasileiro ainda não tem fóros de lingua litteraria e culta nem elle póde por enquanto rebellar-se contra lingua pura e vernacula.

A lingua falada no Brazil distingue-se da de Portugal por differenças na prosodia, na syntaxe, na significação das palavras e por um vocabulario enorme de palavras africanas e tupys-guarany.

O Brazil que pelo seu desenvolvimennto material e intellectual e talvez pelo favor da sorte, poude liber-

(1) Introducção sobre a origem das linguas.

(2) Litteratura brasileira.

(3) Diccionario grammatical

tar-se de quem o amesquinhava, ha de futuramente ter uma lingua differente da portugueza.

Paiz que ha pouco tempo emancipou-se do jugo portuguez, embora a cada passo consinta que seja augmentado mais um elo á cadeia que o prende ás potencias europeas, paiz que somente hoje abriu amplamente os seus portos aos povos estrangeiros, estabelecendo a grande naturalisação e a liberdade do culto, o que tudo concorre para a transfusão do sangue e o aperfeiçoamento da raça, o Brazil tam novo, que espectaculo admiravel nos apresenta em sua lingua ?

Uma lingua não pode ficar estacionaria e desde o momento em que o Brazil deixou de ser uma feitoria de Portugal hade augmentar e florescer, fazendo crescer cada vez mais pelo seu progresso e relações commerciaes o seu vocabulario.

A differença entre o emprego, significação e pronuncia dos vocabulos é bastante profunda entre a lingua falada actualmente no Brazil e em Portugal. (1)

E é este um phenomeno que de ha muito temos apreciado.

Assim, bem vemos a mesma palavra tendo significados inteiramente differentes nas duas linguas : *Canastra* que em Portugal é *cesta de vime*, no Brazil tem a significação de *caixa não abahulada* ; *filhóte* em Portugal significa *filho*, no Brazil é um *pombo* nascido e não empennado e só figuradamente tem aquelle sentido ; *trem* possui em Portugal a significação de *carruagem*, no Brazil é *bagagem* ou conjuncto de carros ; *rico* em Portugal é synonymo de *querido* ; *chacara*, significa *romance popular* ; *carro* em Portugal só se refere ao *carro de bois*, no Brazil é qualquer vehiculo puxado por animaes.

Accresce mais que ha em Portugal termos inteiramente desconhecidos no Brazil, e outros que apesar de conhecidos não são empregados : *confeituria* (confeitaria) derivada de *confeitos* ; *cambra* (camara) ; con-

(1) Paranhos da Silva *O idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brazil*.

deca (cesta); *lumes proprios* (phosphoros); *fontinha* (fonte pequena); *camapé* (canapé); *caneco* (barril); *abandonado* (homem devasso); *domestico* (criado); *tratamento* (salario).

Se attendermos á syntaxe verificamos bastantes divergencias entre as duas linguas.

O emprego do pronome *me* e *te* em logar do possessivo *meu* e *teu*, originando muitas vezes perfeita confusão. Dizem os Portuguezes:

« *Entrego-te o livro*, em que se não sabe se é o meu ou o teu.

Usam mesmo muito pouco d'esses possessivos, e dizem por exemplo: a *mamã*, o *papá*.

Gostam de empregar as variações *sigo* e *si* referindo-se ás pessoas com quem falam dando logar a perfeita ambiguidade de sentido. Infelizmente este uso já se vai generalizando no Brazil.

Teem os Portuguezes tambem uma *sympathia* enorme pelo emprego da preposição *a*, mas dizem *a' noite*, *a' tarde* e *PELA manhã*.

Quando o Brasileiro diz: *estou estudando*, o Portuguez diz: *estou a estudar*.

Geralmente a preposição *com* em Portugal exprime companhia; entretanto para nós exprime tambem posse: *Estou com o livro*.

Sobre a pronuncia dos vocabulos, então a differença é enorme.

Dizem os Portuguezes, segundo Soares Barboza: *véstoria*, *métade*, ou então *v'storia*, *m'tade*; outras vezes substituem essa vogal pelo *a*: *vájo*, *juálho* e, pelo que diz um escriptor, para escaparem do *e* fechado comjugam o verbo *fechar* do seguinte modo: *Eu fácho*, *tu féchas*, *elle fécha*, *nós fichamos*, *vós fichaes*, *elles fécham*.

No Brazil o *e* final de uma palavra tem em geral o som de *i*, no entanto os Portuguezes não pronunciam esta terminação, ou collocam-na no fim das terminações em *ar*, *er*, *ir*, *or*: *andare*, *vivere*, *subire*.

O povo baixo portuguez substitue por *i*: *andari*. Quando a palavra termina por *r* o nosso povo não

pronuncia a desinencia, o de Portugal accrescenta um i; *doutô, doitori*.

As palavras que terminam em *al* e *ale*, *el* e *ele*, etc., pronunciam os portuguezes *pél, mól, e nós pélli, mólli*.

Se elles dizem *jurnale*, nós *jôrnal*.

Bem se vê o profundo sulco differencial que largo se abre entre a lingua dos Portuguezes e Brasileiros.

Mais alguns annos e o Oceano não separará somente as duas regiões; teremos um lingua propria, como já possuímos uma vida social e economica e uma riquissima litteratura.

Ainda mais.

A nacionalidade brasileira é o resultado de varios factores physica e moralmente falando.

As invasões dos francezes no Rio de Janeiro desde 1555, o dominio da Hespanha em 1584, os inglezes em 1597, os francezes no Maranhão em 1608, o elemento indigena, o negro e cigano, quantos factores ahi de envolta com a raça portugueza para alterarem a lingua falada no Brazil?

Quantas modificações em cada uma d'aquellas provincias onde mais preponderou este ou aquelle povo?

E actualmente?

A grande emmigração allemã ao sul da Republica, principalmente no Paraná, Rio Grande do Sul e Santa-Catharina, onde ha colonias e comarcas só d'esta raça, a proximidade dos hespanhães nos Estados fronteiros, o contingente italiano, notadamente em S. Paulo e o nosso systema governamental estabelecendo a autonomia dos Estados não alterará profundamente para o futuro a lingua herdada de nossos pais?

A resposta não póde ser duvidosa.

Portanto, concluimos, que, si o caracteristico do dialecto é uma certa cultura e litteratura proprias, si a possibilidade da communicação do pensamento ainda é facilima entre Portugal e o Brazil por mais profundas que sejam estas alterações na phonetica e syntaxe da lingua falada nestes dous paizes, ellas ainda não deter-

minaram a denominação de dialecto á lingua do Brazil.

Comtudo, estamos quasi a nos emancipar completamente.

Ja Wolf lastimava que os Paulistas, como os indios não possuissem uma civilisação capaz de resistir á assimilação européa ou capaz de lhe communicar novos elementos.

No Brazil, bem se sabe, a lingua do Norte e do Sul se distinguem.

Linguas *d'oc* e *d'oíl* na França, qual d'entre as nossas sobrepujará ?

Estamos convicto, porém, que para o futuro o rio S. Francisco não dividirá só ethnographicamente dous Estados, sim separará em duas nações poderosas essa nossa patria que vê seus filhos formarem dous grupos distinctos por certas modificações dialectaes e por differenças nos caracteres physicos, moraes e intellectuaes.

III

São tres os dialectos mais notaveis do Portuguez : o gallego, o indo portuguez e o africo.

O gallego representa uma phrase evolutiva do antigo portuguez, apezar da Galliza ser provincia hespanhola.

Os primitivos monumentos da poesia portugueza são escriptos na lingua galleziana.

Era esta lingua falada ao norte de Portugal, desde o Minho até Coimbra,

Já que falamos na Galliza, apparece-nos a occasião de trancrever uma supposta origem da palavra : *Tangro-mangro* que se emprega nuns versos populares.

O Dr. Augusto F. de Freitas diz ser : *Tango, mar, angro* (Toque, amargor e aperto).

Entretanto, diz um outro escriptor, cujo nome não nos vem á memoria :

Ha em Hespanhol um jogo : *tango-mano* que o povo da Galliza diz *tangano*.

Com este vocabulo formou-se a locução *entrar o tangano n'el* definida por Cuveiro Pinol *entrar na ruina ò la muerte*.

Por não ser materia essencial ás nossas notas deixamos de citar o profundo estudo que Theophilo Braga no *Povo Portuguez* faz sobre esta expressão,

O Gallego e o Portuguez até o seculo 12.^o achavam-se perfeitamente unidos, e só á cultura que o segundo foi adquirindo pouco apouco, deve se o facto de não estarem estas duas linguas ainda confundidas.

O Gallego ficou estacionario e o Portuguez tornou-se uma lingua culta e altamente litteraria.

O Indo-Portuguéz e o Africano datam do seculo 15.^o e são falados em Ceylão, Diu, S. Thomé, Cochim, Cabo-Verde, etc.

O 4.^o esta hoje em decadencia e brevemente tende a desaparecer ante a supremacia do Inglez.

A lingua falada no Brazil é constituída pela lingua Portugueza na sua maior parte e por grande numero de vocabulos tupys-guaranys e africanos.

A influencia do elemento negro não é tam pequena como alguns julgam.

Innumeros são os termos que no Brazil foram introduzidos, principalmente da lingua de Angola e Congo, denominada *ambundo*.

Possuimos uma lista de 5000 nomes que seria ocioso enumerar ; entre elles, porem, muitos não são empregados.

Possuimos muitas phrases constantemente usadas em que o principal elemento componente é africano sem que d'elle se tenha perfeito conhecimento.

Parece-nos estar neste caso a palavra *lamba*.

Esta palavra é um substantivo que entre os Cafres significa *fome* ou *ter fome*.

Virá d'ahi a nossa phrase popularissima :

Passei uma LAMBA ?

Sobre o elemento tupy-guarany não achamos necessidade de tratar da questão anthropologica e ethnologica.

Humbolt, o professor Hartt, Wapeaus (1) e outros sabios detalhadamente trataram d'esta questão, onde tiveram de introduzir por base de suas opiniões as questões a respeito do homem prehistorico, da emigração do velho continente, apparecendo assim à tona da discussão o nome de Quatrefrages, Darwin, Lund etc.

E', pois, desviarmos do nosso alvo.

A lingua dos indios tem adquerido as denominações de *tupy-guarany*, *abancenga*, incluídos ahi o *nhengatú* (Amazonas) e o *kiriri*.

Quem melhor estudou a lingua indigena e seu desenvolvimento foi Couto de Magalhães e Baptista Caetano.

E' consideravel o numero de palavras tupys-guarany que compõem o nosso lexico, influenciando o primeiro ao norte e o segundo ao sul.

E' bom notar-se que a differença entre estes dous elementos são pequenas e superficiaes e que aquella influencia verificou-se em certas crenças, costumes e na adopção de algumas palavras.

Um outro elemento que trouxe-nos alguns vocabulos foi o cigano expulso de Portugal.

Foi uma raça que muito pouco influenciou nos primitivos europeus do Brazil e sobre a qual quasi nada em nosso paiz se tem estudado e escripto.

Que nos conste só ha publicado o *Cancioneiro dos Ciganos* de Mello Moraes Filho.

IV

Os primeiros textos da lingua portugueza são : A *Noticia a torto* e a *Noticia de particon*, publicada por

(1) *Geographia physica do Brazil*

Pedro Ribeiro no seculo 12.^o e os *Foraes do Castello Rodrigo* no seculo 13.^o

Em verso existem o *Cancioneiro da Affonso X*, o *Cancioneiro de D. Diniz*, o *Cancioneiro da Vaticana*, as *Trovas* e *Cantares* do seculo 14.^o

Apparecem poetas como Fernão Velho, Pera da Ponte, Pero Barroso Lopes, Mem Rodrigues e outros anonymos.

Do seculo 13.^o para a primeira metade do 14.^o pode-se fixar o pleno desenvolvimento da Lingua Portugueza.

Na segunda metade do seculo 14.^o appareceram os *Livros de Linhagens do Collegio dos Nobres*, e a *Historia do Testamento*.

Varnhagem dá-nos dos seculos 12.^o a 14.^o uma lista de 133 trovadores do *Cancioneiro da Vaticana*.

No seculo 15.^o : A *Chronica do Condestavel Nuno Alvares Pereira*, o *Leal Conselheiro*, a *Chronica do Conde D. Pedro* e poetas como Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, etc.

Começou então no seculo 16.^o a cultura grammatical com os Grammaticos Fernão Lopes (1536) e João de Barros (1540).

Appareceram neste e no seculo seguinte escriptores como: Sá Menezes, Fr. Luiz de Souza, Jorge Monte Mór, Manoel Bernardes e o maior de todos, o sublime cantor dos Luziadas.

Reparte-se nesta epocha a litteratura Portugueza com a do paiz que esta nação descobrira, litteratura que tanto tem-se engrandecido e aformoseado.

No seculo 18.^o appareceram: Garção, Felinto Elysio, Nicoláo Tolentino, Frei Francisco de S. Luiz.

Resumidamente podemos, pois, dividir as idades da Lingua Portugueza em quatro.

A idade ante classica, que começa antes da fundação da Monarchia portugueza até o seculo 14.^o e principios do seculo 15.^o.

A idade classica, d'este seculo até principios do seculo 17.^o em que floresceram : Vieira, João de Barros, Camões, Luiz de Souza.

A idade de decadencia que comprehende o ultimo quartel do seculo 17.^o e 18.^o

Nesta epocha, diz Costa e Cunha, os escriptores substituem a naturalidade e madureza do estylo dos quinhentistas por subtilidades frivolas, metaphoras despropositadas, equivocos e trocadilhos insulsos.

Segue-se a esta epocha a idade da restauração em que numerosos escriptores e poetas teem engrandecido a litteratura, procurando libertar a lingua do jugo da decadencia.

Brilham no seculo 19.^o : Bocage, Agostinho de Macedo, Curvo Semedo, Castilho, Garret, Alexandre Herculano, Latino Coelho, Adolpho Coelho, Theophilo Braga, Oliveira Martins; no Brazil : Bazilio da Gama, Durão, Alvarenga Peixoto, Domingos Magalhães, Porto-Alegre, José de Alencar, Muniz Tavares, Tobias Barretto, Gonçalves Dias, Macedo e muitos outros pois o Brazil conta entre seus filhos os continuadores dos antepassados e isso « porque nesta terra abençoada cada jovem é um escriptor, cada cabeça pertence a um poeta.





LECCÃO SETIMA

GRAMMATICA, SUAS DIVISÕES. ALPHABETO

I

Grammatica, segundo Whitney é a exposição methodica dos factos da linguagem ; segundo Holmes, é a sciencia da linguagem.

Linguagem é a representação dos nossos pensamentos por meio de palavras.

A grammatica póde ser encarada debaixo de diversos aspectos, e d'ahi a variedade de suas definições.

Temos : *Grammatica Pratica* a mais commum, que é arte de falar e escrever correctamente ; *Geral*, que se refere aos principios communs a todas as linguas, ou mais restrictamente aos principios communs de um grupo de linguas da mesma origem ; *Particular* que estuda os principios especiaes a uma lingua ; *Comparativa*, que estuda os principios e factos de uma lingua em relação á outra ; *Historica*, que estuda os factos da linguagem na sua evolução, desde a origem até o momento actual,

Assim podemos dizer que a *Grammatica portugueza* é o estudo geral, descriptivo, historico, comparativo e coordenativo dos factos da linguagem e das leis que os regem no dominio da lingua portugueza. (1)

Foram os sabios de Alexandria e seus rivaes da es-

(1) Pacheco Junior e Lameira de Andrade.

cola de Pergamo, diz Max-Müller, os que primeiro estudaram o grego de uma maneira critica, isto é, os que analysaram a lingua, distribuiram-na em cathogorias geraes, distinguiram as differentes partes do discurso, inventaram os termos technicos pelas differentes funcções das palavras, observaram a correcção maior ou menor do estylo de certos poetas, separaram as formas velhas das formas classicas e publicaram sobre estes assumptos longas e doutas obras.

Depois, como diz Sayce (1) appareceu o sabio Dionysio de Tracia que utilizando-se dos trabalhos philologicos do Aristoteles e outros, deu á luz uma Grammatica grega pratica, para ensinar em Roma aos filhos dos aristocratas contemporaneos de Pompeu, seguindo-se a elle Varro Flacco, Quintiliano, Appolonio Discolo e seu filho Herodio.

Em Portuguez cabe a precedencia a Fernão Lopes e depois João de Barros e D. N. Leão.

A grammatica portugueza, depois dos progressos da Linguistica, tem se sujeitado a uma divisão mais logica.

E' assim que, d'antes não havia divergencia sobre dividir-se a grammatica em Etymologia, Syntaxe, Prosodia e Orthographia, cathogorias a que Theophilo Braga chama irrationaes e velhas. (2)

Trasladamos para aquí o que escreveu Julio Ribeiro sobre este assumpto : (3) « A acceita-las (estas cathogorias), temos, é verdade, a Prosodia que ensina a pronunciar as palavras correctamente, isto é temos o tratado do accentto tonico, mas onde fica o tratado dos sons elementares, da materia prima da linguagem articulada ? Pois, á conta da pobre Etymologia que só tem por dever tratar da derivação historica, faremos correr a tarefa de classificar ideologicamente as palavras e de flexiona-las segundo a sua natureza ?

Será a orthographia uma parte distincta da Grammatica ou não passará de uma subdivisão phonologica

(1) Principes de Philologie Comparée, Pag. 190.

(2) Grammatica Portugueza. Advertencia.

(3) Questão Grammatical, Pag. 17.

que tenha por fim estabelecer leis para a representação graphica dos sons ?

E' ainda com o autor citado que dividimos a Grammatica em *Lexicologia* e *Syntaxe*, baseado em Burgraff, Ayer, Allen and Cornewell, Bastin, Chassang.

A *Lexicologia* estuda ou os sons das palavras ou as suas formas; subdivide-se assim em *Phonologia* e *Morphologia*.

A *Syntaxe* estuda ou as relações das palavras umas com as outras na oração, ou as orações entre si no periodo ; subdivide-se, pois, em *Syntaxe lexica* e *logica*.

Por sua vez a *Phonologia* considera os sons isoladamente, constituindo palavras, ou considerados graphicamente; temos no primeiro caso a *Phonetica*, no segundo a *Prosodia* e no terceiro a *Orthographia*.

Por sua vez tambem a *Morphologia* estuda as palavras formando grupos de idéas de que se compõe o pensamento, ou estuda as leis que presidem as flexões das palavras, ou então o origem d'estas, temos : *Taxonomia*, *Kampenomia* e *Etymologia*

A syntaxe de uma lingua, diz A. Coelho, é a parte da Grammatica que mais se sujeita á influencias individuaes. Julga, Jacob Grimm que o seu estudo é distincto do da Grammatica.

Das partes da grammatica a que está mais sujeita á contraversia, a que não tem bases certas é a *Orthographia*.

Para a bôa orthographia das palavras existem trez systemas.

O primeiro, chamado *etymologico*, basea-se na origem ou derivação das palavras ; manda que escrevamos *thio*, *statua*.

Este systema tem contra si, em primeiro logar a falta de conhecimento que ha, da origem de todas as palavras, origem, aliás que em numero limitado só pode ser conhecida por homens illustrados ; em segundo logar, a completa differença da palavra escripta com o som que tem e que é expresso pela nação.

Além d'isto ha diversas opiniões sobre algumas

origens, como *quiça* originado para alguns do italiano *chi sa*, segundo outros do latim *qui sapit*.

De que modo, pois, escrever esta palavra ?

Nas palavras de origem americana então a diversidade é enorme.

O 2.^o systema, chamado *phonetico*, manda que se escrevam as palavras como se pronunciavam : *omem*, *caxo*. Por este systema cada letra tem um só valor.

Diversas tem sido as reformas apresentadas para o completo dominio d'este systema, mas tudo em vão.

Diz Theophilo Braga, que os partidarios da orthographia phonetica representam modernamente na grammatica o papel dos que procuravam a linguagem natural.

Disse muito bem José de Castilho : « O *accento* peculiar do Portuguez é um em Portugal, outro nas ilhas, outro no Brazil, outro na Africa, outro na Asia, outro na Polynesia. O Portuguez de Lisbôa differe na pronuncia de muitos vocabulos do de Coimbra, do do Porto, do de Traz os Montes, do de Algarve. »

O mesmo podemos dizer do Portuguez falado no Brazil. Quando no sul abrem as vogaes dizendo *dépréssa*, no norte (Pará) dizem : *Lá vem a CANU'A carregada de CU'CUS de PU'PA a PRU'A*.

O 3.^o systema, o *mixto* ou *usual* vem a ser o preferivel.

Apropriando se do que de bom tem os dous outros, manda que se escreva attendendo-se a etymologia da palavra, accommodando-a á pronuncia commum. Dado o caso que sejam completamente differentes, querem uns que se observe de preferencia a etymologia, outros a prosodia. Devemos pela orthographia, mixta, escrever *theo* sem *h* apezar de derivado do grego *theios*, porque pelo uso diario d'esta palavra, pelo attrito que ella soffre, perdeu um seu elemento completamente desnecessario, o que não acontece com as palavras *theoria*, *thema*, originados com o mesmo *th* grego, mas que são pouco usadas.

A palavra *systema* como já vae sendo muito empregada pelos escriptores, ha quem a escreva sem o *h*.

Julgamos, pois, que a orthographia tende para tornar-se etymologica, como foi phonetica no seculo 13.^o, epoca da constituição verdadeira da Lingua Portugueza.

A orthographia portugueza, entretanto, tem feito crescer suas difficuldades; e causa tristeza ver que os escriptores não procuram um meio de se libertarem d'este modo inconveniente de escrever as palavras mais communs do vocabulario carregadas de lettras inuteis sem valor na pronuncia. Elles só teem feito augmentar o mal. e alguns esforços isolados que corajosamente teem querido por termo a estas orthographias desregradas e aristocraticas não teem tido successo. (1)

I I

A escriptura na accepção mais geral é um systema de figuras significativas com o fim de dar á expressão do pensamento uma forma permanente.

Assim, a escriptura é ideographica, quando exprime as proprias idéas; phonetica quando representa os sons que compõem as palavras.

A primeira compõe-se de figuras desenhadas por emblemas ou symbolos, e a ella pertencem os hieroglyphicos egypcios, os caracteres chinezes, os signaes dos Mexicanos, os quipos dos Peruanos e os pregos que os antigos Romanos collocaram no templo de Minerva.

A segunda compõe-se de sons representados por lettras, e a ella pertencem as linguas da Europa e algumas da America.

Na Europa e America a escripta vae da esquerda para a direita, entre os mexicanos é perpendicular, entre os Japonezes e Chinezes é obliqua, e nos primeiros tempos da Grécia acham-se exemplos d'uma escripta chamada « bustrophédon », que vae da direita para a esquerda e vice-versa alternadamente.

A forma primitiva da escripta foi inquestionavel.

(1) Gonçalves Vianna. Les langues litteraires de l'Espagne et de Portugal, Revue Hispanique, Março 1894.

mente a representação do que se pretendia dizer por meio da pintura.

Este modo de escrever usado pelos egypcios deu lugar a invenção dos hieroglyphicos. Aos hieroglyphicos seguiu-se a escriptura syllabica.

O tempo, porém, foi aperfeiçoando as primeiras tentativas e chegou-se a decompor as syllabas em sons simples. Estava inventado o alphabeto, palavra que é formada das duas primeiras letras do alphabeto grego (*alpha* e *bêta*) e que corresponde ao nosso *abêcê*.

Os caracteres alphabeticos foram introduzidos na Grecia pelo phenicio *Cadmus*, e diz até Herodoto, as letras chamavam-se phenicas ou cadméas. Os gregos, colonizando a Italia, introduziram o alphabeto entre os etruscos que o transmittiram aos romanos com algumas variações na forma dos caracteres; os romanos o espalharam por toda a Europa.

O alphabeto romano trazido da Grecia pelo Arcadio Evandro só teve a principio 16 letras, como provam as inscrições etruscas e eram: —a, b, c, d, e, f, i, l, m, n, o, p, r, s, t, u; mais tarde ajuntaram-se g, h, k, q, x, y, z. Claudio pretendeu augmentar mais 3 letras, porém esta innovação só durou o tempo de seu reinado.

Os romanos deram denominações differentes ás letras do alphabeto grego com excepção do *zeta* e *upsilon* (z, y),


As letras *i* e *u* que tinham até o seculo 17.^o o duplo papel de vogaes e consoantes foram substituidas pelas letras *j* e *v* neste character.

Usava-se tambem dobrar o *i* para indicar a semi-vogal *j* que não tinha signal especial no Latim.

O *y* nesta lingua foi adoptado na epoca de Cicero.

O alphabeto ainda é hoje summamente defeituoso, não só porque possui diversas letras para o mesmo som: *c, ç, s, x, ss* para o som *cê*; como tambem porque possui a mesma letra para diversos sons: o *x* tem o som *xê, zê, cê, csê* etc.

Já Platão e Leibniz disseram: « Dá-me um bom alphabeto, que dar-te-ei uma boa lingua. »



LECÇÃO OITAVA

LINGUAGEM SUA SEDE. APPARELHO DA PHONAÇÃO

I

Linguagem é a manifestação de nossas idéas por meio de palavras.

A linguagem é privilegio exclusivo do homem, é especial a elle, embora como os outros animaes possa exprimir suas intenções por meio de gritos inarticulados, por gestos e pelos movimentos dos musculos do rosto, diz Darwin.

O poder de emittir sons com o auxilio da corrente do ar expirado não pertence exclusivamente ao homem, segundo Meyer (1); este poder pertence antes a todos os vertebrados que respiram pelos pulmões, e a superioridade que o homem tem é baseada na faculdade de combinar estes sons.

Tem-se em todos os tempos dado ao dom da palavra o valor de um caracter distinctivo da especie humana, continúa Meyer, e de facto, tam longe quanto nossos conhecimentos se estendam no espaço com o soccorro da ethnographia e no tempo com o soccorro da historia, não encontramos povo algum desprovido da palavra.

Não ha negar que a linguagem articulada é o caracter distinctivo do homem, affirma Charles Martius, e nada deve ennobrecer e transformar as faculdades e o ce-

(1) Les organes de la parole. Pag. 1

rebro do homem tanto como a aquisição da linguagem, diz Hæckel.

O exercício da linguagem articulada está subordinado á integridade de uma parte muito *circumscripta* do hemispherio esquerdo.

Esta parte está situada na margem superior da *scissura* de Sylvius, em frente a insula de Rheil e occupa somente a metade ou antes o terço posterior da terceira circumvolução frontal.

O hemispherio esquerdo que tem sob sua dependencia o movimento dos membros direitos, é, pois, mais precoce no seu desenvolvimento que o hemispherio opposto.

Dá-se o nome de *dextros* aos individuos que se servem de preferencia da mão direita e *canhotos* aos que se servem da esquerda. Estas expressões são tiradas da manifestação externa do phenomeno ; mas, si considerarmos o phenomeno relativamente ao cerebro e não em relação aos agentes mecanicos, diremos que a maior parte dos homens são naturalmente *canhotos* do cerebro e que por excepção alguns d'entre elles, os que se chamam canhotos, são *dextros* do cerebro.

Entretanto não é o hemispherio esquerdo exclusivamente a séde da faculdade da linguagem : o hemispherio direito tem tambem a sua parte, tanto que o individuo tornado *aphemico* por uma forte lesão no hemispherio esquerdo não é privado d'aquella faculdade.

A faculdade de conceber as relações das idéas com as palavras pertence aos dous hemispherios, que podem em caso de doença substituir-se reciprocamente, mas a faculdade de exprimir aquellas relações por movimentos coordenados parece pertencer ao esquerdo (1).

Sabe-se, diz Topinard, (2) que ha aphasia, isto é, perda da palavra, ou aphemia, perda da palavra com conservação da intelligencia, todas as vezes que uma lesão aguda é produzida na parte posterior da terceira

(1) Du siège de la faculté du langage articulé. Broca 1865.

(2) L'anthropologie

circumvolução frontal de Broca, quando esta lesão é a esquerda.

A faculdade da linguagem tem sua sede nos dous lados mas exerce-se naquelle lado na maioria dos casos.

Da autopsia feita aos microcephalos, que jamais puderam aprender a falar, encontrou-se atrophiada a terceira circumvolução frontal.

A razão de ser esta a séde da faculdade da linguagem, é porque o hemispherio esquerdo que preside os movimentos do lado direito, em virtude do crescimento dos nervos tem desde o seu nascimento uma actividade maior.

Segue-se do que acabamos de dizer, conclue um escriptor, que um individuo, cuja terceira circumvolução frontal esquerda, séde ordinaria da linguagem articulada, fosse atrophiada de nascença, aprenderia a falar e falaria com a terceira circumvolução frontal direita, como a creança que nasce privada da mão direita e torna-se tam habil com a esquerda como se costuma a ser ordinariamente com a outra.

II

Tudo o que ouvimos ou melhor tudo o que é percebido pelo ouvido é um ruido ou um som.

Os ruidos são produzidos por um movimento irregular impresso no ar.

Os sons são produzidos pelas vibrações isockronas do ar elastico, ou melhor, por vibrações periodicas de um corpo elastico, vibrações que se transmitem debaixo da forma de ondas sonoras atravez do ar ou de um outro corpo.

Desde o momento que estas ondas attingem nossos ouvidos, exercem sua acção sobre os nervos auditivos e produz a impressão do som.

A linguagem articulada é formada da reunião de muitos sons que teem um sentido particular.

No homem estes sons, como um instrumento mu-

sical incomparavel, são produzidos no *apparelho da palavra* diz Passy. (1)

Fazem parte do *apparelho da palavra* a *expiração* ou *inspiração* e seus modificadores.

São *organs* da *expiração* ou da *inspiração* : os *pulmões*, dous *saccos* elasticos collocados na caixa *thoraxica*, que communicam com o ar exterior por meio da *trachea* *arteria*, tubo que se divide em dous na entrada dos *pulmões*, e subdivide-se em diversos ramos que enchem todo o interior do *pulmão*, ramos por meio dos quaes o ar é posto em contacto com o sangue.

Os *pulmões* assentam em um musculo resistente, elastico, que separa a *peito* do *ventre* : é o *diaphragma*.

Estes *organs* por meio de movimentos especiaes para *introducção* e *repulsão* do ar produzem a *voz* que toma o nome de *articulada* quando a *expiração* ou a *inspiração* fica sujeita a seus modificadores.

Esses modificadores são : a *larynge*, a *bocca*, e o *nariz*.

A *larynge* está collocada na *garganta* no alto da *trachea-arteria* ; *atravez* da *larynge* estendem-se horizontalmente e de *traz* para *diante* as *cordas vocaes*, unidas ás *paredes* da *larynge* por *membranas mucosas* e que deixam livre um espaço chamado *glotte*. E' por onde passa o ar durante a *inspiração* ou a *expiração*.

A *bocca* é a *cavidade* collocada sobre e *adiante* da *larynge*, cuja parte posterior tem o nome de *pharynge*, separada do *nariz* pelo *veu do palato*, e cuja parte extrema tem o nome de *campainha*.

Accrescentem-se mais as *gengivas* onde estão collocados os *dentes*, os *labios* que os cobrem e a *lingua*, feixe de vinte musculos, achatado e comprido, cuja ponta livre é susceptivel de todos os movimentos, e que é bem comparada ao badalo de um sino.

A *lingua* pode tambem ser considerada como um *organ* de *tacto* de uma delicadeza extrema, diz *Bourdon*.

O *nariz* finalmente, que é dividido em *fossas na-*

(1) Etude sur les changements phonetiques.

zaes que communicam com ar exterior por dous buracos chamados *narinas*.

Assim, diz Topinard, (1) o ar expirado pelos pulmões entra em vibrações nos estreitamentos da larynge onde se forma a voz e atravessa a bocca onde se faz a articulação.

Pode-se distinguir na formação da palavra dous momentos principaes: 1.º producção d'uma corrente de ar; 2.º modificação d'esta corrente por obstaculos que se encontram em sua passagem e fazem então apparecer ora sons, ora ruidos.

A palavra ordinariamente se produz na expiração.

A corrente de ar expiratoria encontra na palavra dous generos principaes de obstaculos que se acham parte na larynge, parte na bocca. Na larynge ella passa entre as cordas vocaes que entram em vibração e produzem sons de altura variavel segundo sua tensão é maior ou menor; na bocca a mesma corrente pode encontrar-se com uma obstrucção completa, porém momentanea d'este organo, ou ser forçada a passar por conductos estreitos. (2)

A grande multiplicidade de sons empregados na palavra faz suppôr a principio, segundo opinião de Meyer, que a possibilidade de chegar a effeitos tam variados implica uma estrutura mais ou menos complicada dos appparelhos materiaes que servem para produzir estes effeitos.

Tudo repousa, entretanto, sobre o principio que o ar sahindo dos pulmões escapa-se ora pelas fossas nazaes, ora pela bocca e que a este phenomeno acompanham ruidos diversos conforme o ar é levado por um ou outro dos dous conductores, attentas as conformações especiaes que se dão à cavidade bocal.

A corrente de ar pode chegar sem vibrações sonoras até a larynge ou subir atravessando-a, acção que dá nascimento a vibração sonora, isto é, ao som.

(1) L'Anthropologie.

(2) Impressão das emoções e tendencias da linguagem, R. Bourdon.

Os sons empregados para a formação da palavra não são todos puros ruidos ou puros sons.


Na conversação commum em voz alta é uma mistura de ruidos e de sons que constitue na maior parte do tempo a palavra articulada.

A intensidade da linguagem, segundo Passy (1) não é em geral um acto voluntario, expontaneo, inconsciente; segue, pois, as leis dos outros phenomenos analogos.

Assim como sob o imperio de emoções vivas os phenomenos physiologicos teem uma tendencia para augmentar de intensidade, o som torna-se tambem forte, rapido, alto, fraco ou baixo, etc.



(1) Obra citada. Pag. 42.



LECÇÃO NONA

VOZES, RUIDO. ACCENTOS. SONS. METAPLSAMOS

I

As vozes podem ser simples, livres ou puras como *a, e, i, o, u*; nasaes ou compostas como *an, en, in, on, un*.

No primeiro caso a resonancia faz-se na cavidade boccál, no segundo nas fossas nazaes.

Estas letras são as chamadas commumente vogaes.

Vogaes são simples modificações da voz, resultantes da forma que toma a bocca.

Toda a vogal pode ser nazalada, desde que o véu do palato abaixando-se, deixa passar uma parte do ar pelo nariz.

Entretanto não ha necessidade que o ar passe realmente pelo nariz; pelo contrario podemos fechar o nariz e faremos ficar o accento nazal ainda mais notado. A unica condição necessaria é a deslocação do veu que nas vozes ordinarias cobre mais ou menos completamente o orificio posterior das fossas nazaes. (1)

Se a cavidade boccál é aberta moderadamente, ficando a lingua em repouso, um simples som da glotte

(1) Novas lecções sobre a Sciencia da Linguagem.

dará nascimento ao *a*, considerada como vogal fundamental.

Si, porém, a cavidade buccal forma um estreitamento longitudinal, o som produzido é um *i*.

Si, ao contrario, a parte posterior da lingua approxima-se do véu do palato de maneira que só dá passagem á corrente de ar por uma fenda muitissimo estreita, temos o *u*, em cuja pronunciação approximam-se muito os cantos da bocca.

As outras duas vogaes *e* e *o* são intermedias: a 1.^a entre *a* e *i*; a 2.^a entre *a* e *u*.

Das vozes livres, chamadas *vogaes*, as de maior importancia são as seguintes:

â (accento agudo)	pâ	i (commum)	{ subtil útil
a (grave, sem accent)	cama	ó (accento agudo)	avó
é (accento agudo)	rapé	ô (fechado, accent circumflexo	avô
ê (fechado, accent circumflexo	mercê	o (sem accent)	cano
e (mudo, sem accent)	vime	u (commum)	{ azúl tumulo

Ha outras sem grande importancia, e com Max-Müller affirmamos que as vozes livres são em numero indeterminado.

As vozes nasaes não constituem sons especiaes; são simples modificações das livres ou oraes.

As vozes nazaes não appresentam modalidades.

Duas vozes podem juntar-se dando nascimento ao *hiato* quando são pronunciadas separadamente: *luar*, *saúde*, *rio*, e ao *diphthongo* quando ao contrario são pronunciadas por uma só emissão de voz: *aula*, *máu*.

Propositalmente appresentamos para exemplo a palavra *rio* para fazer notar que no Sul do Brazil as duas vogaes d'esta palavra *io* formam diphthongo, pois que são pronunciadas: *riu*; o mesmo como *friu* (frio) *tiu* (tio).
Schema dos diphthongos oraes:

ae pae
ai orai, naípe
ao { máo, ou máu
au { páu, aula, nauta
ei lei, amei, rei
eo { véo, céo, ou veu, ceu
eu { chapeu, Euro, seu
ie serie, especie, mie

io { vario
iu { sentiu, riu, viu
oe heróe, móe, distróe, róe
oi noite, foi, oito, boi
ou cousa, andou, ouro
ua agua, quadro, quatro
ue guerla, guela.
ui fui, muito, ruivo.
uo quota, arduo

As outras combinações dão logar a hiatos.
Os diphthongos nasaes são :

ãe mãe.
ão { pão, mão.
am { orgam, abençam, ama-
ram.
eem { teem
êm { vêm

õe { põe
oêm { põem
uan quando, cuánto
uen quinquenio
ui muito.
uin quinquenio, quinque-
virato

A primeira das duas lettras do diphthongo chama-se *prepositiva*, e a segunda *pospositiva* ou *subjunctiva*.

De proposito collocámos o diphthongo *ui* entre os oraes e nazaes.

Camões rima *muito* com *fruito* (diphthongo oral) na Est. 120 do Canto 3.^o

Estavas linda Ignez posta em socego
De teus annos colhendo doce *fruito*
Naquelle engano d'alma ledo e cégo
Que a fortuna não deixa durar *muito*

Os brasileiros pronunciam, porém, *muinto* (diphthongo nasal).

A lingua Portugueza, diz Th. Braga, como todas as romanicas é rica de diphthongos proprios formados : 1.^o pela degenerencia phonetica : *corona*—*corò*a, 2.^o pela dissolução de uma consoante em vogal : *actus*—*auto* ;

3.^o pela attracção d'uma vogal : *rabies*—raiva ; 4.^o excepcionalmente pelo alongamento de uma vogal : *do—dou* ; *sto—estou*.

Em Portuguez só se dá a reunião de trez vogaes, produzindo um *triphthongo* nas palavras de syllabas *guaes*, *gueis* e semelhantes ex : *averiguaes*, *averigueis*, *eguaes*. etc,

Diz Meyer, que o elemento fundamental e característico da classe dos sons designados sob o nome de *consoantes*, consiste nos ruidos que se podem determinar voluntariameente nas vias respiratorias por meio da corrente do ar.

Consoante, é um ruido que modifica as vozes, e cujo som, portanto, só pode ser percebido com o auxilio da vogal (*cum-sonare*).

As vozes ou phonemas dividem-se em livres ou sonoras, explodidas ou explosivas, e fricativas ou constrictas.

Os primeiros estão comprehendidos nas vogaes.

Os explodidos ou explosivos são : *q, g* (guê) gutturaes ; *t, d*, dentaes ; *p, b*, labiaes.

Os phonemas ou vozes constrictas são *g* ou (gê) *x*, palataes ; *l, r, rr*, linguaes ; *c* ou *s* (cê) *z, n*, dentaes ; *f, v, m*, labiaes.

EXPLODIDAS OU EXPLOSIVAS		CONSTRITAS
Gutturaes	kê, guê	gê, xê
Palataes		lê, rê, rrê
Linguaes		cê, zê, nê
Dentaes	tê, dê	fê, vê, mê
Labiaes	pê, bê	

Vozes explosivas, explodidas ou momentaneas são

aquellas que depois de produzidas cessam repentinamente a producção da voz ; só podem ser pronunciadas com auxilio de vogal.

As constrictas ou fricativas são as que se produzem simplesmente por uma contracção do tubo vocal.

Julio Ribeiro, de cuja Grammatica resumimos o schema acima, diz que para as vozes simples basta determinar a forma de tubo vocal ; para as constrictas o ponto do estreitamento do mesmo tubo ; e para as vozes explodidas os orgams que operam a occlusão d'elles.

E' o que tambem diz a Grammatica Latina de Guardia e Wierzeyski (1).

A classificação que demos é a mesma de Ad. Coelho (2).

E' bom notar que a classificação phisiologica das consonancias é ponto muito controverso entre os Grammaticos o que não acontece com a que tem por base a influencia que os labios dentes, etc. operam na sua pronunciação.

A' reunião de duas ou tres consoantes differentes dá-se o nome de *grupo consonantal* ou *vozes complexas*: globo, chronica.

A' reunião de duas consoantes eguaes, consecutivas dá-se o nome de *consoantes dobradas*: somma, forro, sacco.

Foi Ennio quem introduzio o uso de escrever duplas as consoantes que se faziam sentir com mais força no corpo das palavras. Até os Gracchos escrevia-se indifferentemente com letras simples ou dobradas. O uso das letras dobradas prevaleceu da guerra de Jugurtha em diante (3).

II

Em sua origem os accentos não foram mais que

(1) Pag. 17.

(2) Glottologia. Pag. 26 e seggs.

(3) Guardia e Wierzeyski Gr. Latina, Pag. 3.

meios naturaes de attrahir a attenção sobre tal ou qual parte do discurso.

Hoje o *accento* é considerado na phrase de Diomedes, como a alma da palavra, ou na opinião de Humboldt como a viva emoção do sentimento que acompanha o discurso, o medeador entre o pensamento e a forma. (1)

A palavra *accento* vem do Latim *accentus* (*ab acciendi*), que correspondia a tons do Grego, *tom*, *tenro*, da tensão das cordas da lyra.

A adopção d'estes termos pelos grammaticos latinos parece provar que o *accento* latino tinha como o *accento* grego um valor musical.

A anedocta conhecida do tocador de flauta que dava o tom ao orador C. Graccho com o instrumento chamado *tonarion* confirma as exposições fornecidas pelos grammaticos, assim como por Cicero e Quintiliano. (2)

A importancia do *accento* é tal, que um linguista comparou-o com as pulsações que marcam a vida.

Gaston Paris mostrou que o *accento* latino que já tinha um grande força no antigo periodo da lingua não cessou de nos seculos seguintes ganhar em energia. Mas o Latim quér que o *accento* cáia na penultima e na antepenultima; a syllaba final sentio-se d'esta visinhança e perdeu em sonoridade tudo a que ganhou a vogal accentuada (3).

No Portuguez, como veremos, o *accento* pode cahir em qualquer das trez ultimas syllabas.

Accentu é a maior ou menor intensidade, a maior ou menor predominancia que tem a syllaba d'uma palavra.

O *accento* em Latim estava subordinado a quantidade, entretanto em Portuguez confundem-se estas duas noções e só é considerada longa a syllaba predominante. Conforme a quantidade, os sons podem ser longos ou breves, si tem mais ou menos duração.

(1) Apud Pacheco e Lameira Grammatica Portugueza.

(2) Guardia e Wierzeyski. Pag. 28.

(3) Michel Bréal. Melanges de Mythologie et Linguistique.

Conforme a intensidade a voz é ou não accentuada, isto é, *tonica* ou *atona*.

A syllaba sobre a qual o accento cáe chama-se *pre-dominante*.

As palavras tomam diversas denominações segundo a syllaba é pronunciada com mais ou menos força.

São : *Oxítonas* ou agudas si a syllaba accentuada é a ultima : missál, amár.

Paroxítonas ou graves si a syllaba accentuada é a penultima : tintéiro, canéta.

Proparoxítonas ou exdruxulas ou dactylicas, si a syllaba accentuada é a antepenultima : húmida, câmara, pécego.

As duas ultimas denominações reúnem-se sob o nome de *barytonas*.

E' bom notar que com o emprego de certos verbos acompanhados de pronomes o accento predominante não cae em nenhuma d'essas trez syllabas apontadas : Aos pobres *annuncia-se-lhes* o Evangelho (Pereira de Figueiredo. (1).

Uma outra observação a fazer é que em alguns vocabulos apparece mais de um accento, ha como que um certo rythmo que não se pode transgredir : modestamente, civilidade.

A grande lei sobre o accento latino é a sua conservação na lingua Portuguesa, como nas diversas linguas romanas : *servus*, sérvio ; *hominem*, hòmem ; *amorem*, amór.

A lei da persistencia do accento tonico está sujeita a diversas excepções.

Pode, assim, a deslocação d'este accento ser causada pela homonymia : íntimo, intimo ; pelo desaparecimento dos verbos em *ere* breve ; *cápere*, cabér ; pela difficuldade fia pronuncia, evitando o esforço na articulação : *ténebras*, trévas.

Para o uso pratico teem as linguas certos signaes que servem de indicativo da accentuação das syllabas, ou dão outro valor às lettras.

(1) Apud Julio Ribeiro Gr. Pag. 14.

Estes signaes, conhecidos pelo nome de *notações prosodicas* ou *accentos* são :

O *agudo* (´) que indica o som das vogaes : rapé, pá.

O *circumflexo* (^) que indica o som fechado das vogaes *e*, *o* : mercê, avô.

A *cedilha* (,) que abranda o som do *c* antes de *a*, *o*, *u* : caça, moço, açude.

O *apostrophe* (') que indica a suppressão de letras : minb'alma.

O *til* (~) que indica o som nazal do *a*, *o*, *e* que em alguns casos pode ser substituido pel *m*, ou *n*, e que tem tambem o valor de indicar as abreviaturas : irmã, paixões.

III

Os sons das vogaes são :

1.º agudo que é o mais forte, mais intenso.

2.º grave ou mudo que é o menos intenso.

3.º medio ou circumflexo, que tem a intensidade maior que o grave e menor que o agudo :

4.º nazal aquelle que geralmente passa pelo nariz.

As letras vogaes teem os seguintes sons :

A

Som	agudo	gato,	jucá
	medio	penna,	era
	nazal	santo,	irmã

E

Som	agudo	até,	fêra
	grave	ponte,	monte
	medio	careta,	sello
	nazal	engenho,	lento

I

Som	agudo	missa,	javalí
	grave	serio,	vario
	nasal	lindo,	cinto

O

Som	agudo	filhó,	pó
	grave	santo,	lenço
	medio	poça	avô
	nasal	ponta	honra

U

Som	agudo	tatú,	luva
	nasal	junto	anum

As consonancias são representadas da maneira seguinte :

Bê

Por b : abbade, banco.

Cê

Por c antes de e, i : cento, cinto.

ç antes de a, o : roça, moço.

s santo, sapo.

ps psalmo.

sc sciencia.

x auxilio, syntaxe.

z nariz, matriz.

ss entre vogaes : cassa.

Dê

Por d : dedo, dido.

Fê

Por f : ferias, faca.
ph nos derivados gregos : phisica.

Ghê

Por g antes de a, o, u : gato, gorro, gume.
gu antes de e, i : guelra, guia.

Gê

Por g antes de e, i : geito, região.
j : Julio, jantar.

Kê

Por c antes de a, o, u : casa, caco, cujo.
k : kagado, kermesse.
ch : parochia, chimica.
qu : quedo, quinze.

Lê

Por l : leme sola.

Mê

Por m : meza, cama.

Nê

Por n : navio, canna.

Pê

Por p : prego, capa.

Rê

Por r : entre vogaes : cara, muro.

Rrê

Por r no principio : razão, raio, ou entre vogaes nas palavras compostas : de-rogar.

rr : terra, carro.

rh ou rrh nos derivados gregos : rhetorica, arrhas.

Tê

Por t : rato, sitio.

th : thema, methodo.

Vê

Por v : voto, livro.

w nos derivados allemães : Wurtemberg

Xê

Por ch : cheiro, cacho.

x : enxada, peixe. :

Zê

Por s entre vogaes : casa, mesa ; excepto nas palavras compostas em que sôa *cé* : pro-seguir ; excepto pre-sumir e re-sumir.

s : nas palavras obsequio, transacto, subsistir.

x : exacto. exemplo.

z : zinco, azul.

Sobre os diphthongos e grupos consonantæes são todos representados segundo a pronuncia.

Notamos somente 1.^o que o grupo *ks* é representado por *x* : sexo, convexo, crucifixo.

2.^o que os diphthongos *au*, *ao*, *ai*, *ae*, *eu*, *eo*, *oi*, *oe*, *u*, *ue*, devem ser representados d'uma ou d'outra maneira conforme a origem da palavra.

Assim escreve-se *pau* por causa do latim *palum*, *pae* por causa de *pater* etc.

Sobre a orthographia d'estes diphthongos não ha ainda uma base sobre que estejam todos de accordo.

Alguns grammaticos mandam, por exemplo, escrever *eo* quando o *e* fôr aberto, e *eu* quando fechado.

Escrever *io* nas primeiras pessoas dos verbos e nos nomes e *u* nas terceiras pessoas

Escrever *au* e *ai* no principio e no meio e *ao* e *ae* no fim.

Observemos mais as seguintes regras orthographicas;

a) Antes de *b*, *m*, *p* usa-se de *m* e não *n*: ambos, commum, campo.

Exceptuam-se as palavras derivadas.

b) Nenhuma palavra começa ou termina por lettrado-brada.

c) Não se dobram as vogaes.

Dado o caso que pela transformação dos sons encontrem-se duas vogaes, é costume representa-las por um accento agudo ou circumflexo: *mala*—*maa*—*má*; *dolor*—*door*—*dôr*.

d) Com excepção de *x*, *z*, *q* todas as mais consoantes podem vir dobradas; notando-se que só se dobram communmente entre vogaes.

Syllaba é um som pronunciado de uma vez, por uma só emissão de voz: *o*, *bra*, *drão*.

Quando estes sons reunidos representam uma idéa temos a *palavra*.

Conforme o numero de *syllabas* as palavras são: *Monosyllabas*, as que constam de uma só *syllaba*: *pa* e, *dôr*, *ar*.

Disyllabas, as que constam de duas *syllabas*: *banco*, *meza*.

Trisyllabas as que constam de tres: *cadeira* *caneta*, *tinteiro*

Polysyllabas as que constam de mais de tres *syllabas*: *caderneta*, *inconstitucionalidade*.

IV

As palavras soffrem diversas modificações por addição, subtracção transposição e absorpção.

Estas modificações teem o nome de *figuras de metaplasmos* ou *metaplasmas* (do grego *metaplasmos*), trans-ferencia.

As figuras de addição são: *Prothese*, que augmenta sons no começo do vocabulo: alevantar por levantar. *Epenthese*, que augmenta no meio: Mavorte por Marte.

Paragoge ou *Epithese* que augmenta no fim: martyre por martyr.

As figuras de subtracção são:

Apherese, que elimina ou subtráe sons no principio do vocabulo: posthema por aposthema.

Syncope, que subtráe sons no meio do vocabulo: mór, por maior; imigo por inimigo.

Apocope, que subtráe no fim: carcer por carcere.

As figuras de transposição são:

Metathese, que muda indeterminadamente o lugar dos sons do vocabulo: guirlanda por grinalda; frol por flór.

Tmesis, que muda as variações pronominaes para o meio das formas do futuro e do condicional dos verbos. Em vez de *te direi* emprega-se *dir-te-ei*.

As figuras de absorpção são:

Synalepha, que supprime a vogal final de um vocabulo quando o seguinte começa por vogal: d'est'arte por de esta arte; do por de o.

Contracção que parece á primeira vista estar na mesma relação de *d'o—do—de* o é *no, numa* e em geral as contracções com a preposição *em*, que escrevem *n'uma—em* e *uma*, etc.

Precisamos notar que é esta graphia um erro imperdoavel.

Pois si pela presteza da escripta e por maior facilidade escreve-se *do* em lugar de *d'o* pode-se tambem escrever *n'uma* por *em uma* quando a lettra a supprimir era *e*?

A se collocar o apostropho, signal da suppressão da lettra, devia ser no começo da palavra *'numa*, como se faz em *'té* por *até*.


E' uma d'essas inconsequencias de que são victimas os nossos melhores escriptores e litteratos.

Ecthlipse que absorve a vogal nazal de um vocabulo: co'os por com os.

E' uma figura muito empregada no verso.

Crase que reúne dous sons eguaes num só: á em lugar de a + a e antigamente ó em lugar de a + o.





LECÇÃO DECIMA

LEIS GERAES DA TRANSFORMAÇÃO DOS SONS. ESTRUCTURA DA PALAVRA. DERIVAÇÃO E COMPOSIÇÃO.

I

A evolução do Latim, dando nascimento ás linguas romanicas, tornou patente certas leis determinantes da transformação dos sons.

Estas leis podem ser resumidas nas nove seguintes:

1.^a. Presistencia do accento tonico: Amar de *amāre*; homem de *hóminem*.

Este principio foi o grande factor que determinou a origem latina da Lingua Portugueza.

E'uma lei que se observa em todas as linguas romanicas.

Ha algumas excepções produzidas: a) por analogia: *amávamos* modelado em *amáva* derivado de *amabámus*; b) a declinação latina em *ere* breve originou verbos em *er* longo *cúrrere*, correr; excepções produzidas pela conservação do accento thematico, e até por euphonia.

2.^a. Quêda da vogal não accentuada, quer no principio da palavra: *episcopus* bispo; quer no meio *malitate* maldade; quer no fim *misturare* misturar.

3.^a Conversão das vozes accentuadas ou não.

a em o : *famem* — fome ..
a em e : *alacrem* — alegre.
a em i : *agnem* — Ignez..
e em a : *reginam* — rainha
e em i : *mecum* — migo..
e em o : *per* — por.....
i em a : *bilancem* — balança
i em e : *trifolium* — trevo
o em a : *domnam* — dama
o em e : *obscurum* — escuro

o em u : *undam* — onda..
u em o : *totum* — todo.....
æ e æ em e : *cælum* ceu :
æra era.....
au em o : *pauper* — pobre,
ou então conserva-se :
cauda-cauda mudando-se
tambem em ou e oi : *aurum*, ouro, oiro.

4.º Queda ou perda da consoante entre vogaes: *comedere* comer, *malum*, mau; e perda ou transformação da consoante final *ad a*, *sic sim*.

Sendo as vogaes mais sonoras que as consoantes, estas tendem sempre a cabir mais facilmente.

Desde que uma consoante pela sua posição ou formação é pouco percebida, não servindo de caracter distinctivo ao grupo phonico, é facil desapparecer.

5.º Presistencia da consoante inicial, que ás vezes transforma-se: *casa* casa; *catus* gato.

No segundo exemplo dá-se o que se chama:

6.º Abrandamento, isto é, troca de lettras que teem o mesmo orgam sonoro.

Os principaes casos de abrandamento na passagem dos sons do Latim para o Portuguez foram:

b em v : <i>debére</i> dever.....	n em l : <i>animam</i> alma....
c em g : <i>caveolam</i> gaiola..	p em b : <i>lupum</i> lobo.....
d em l : <i>judicare</i> julgar..	r em l : <i>papyrus</i> papel...
f em v : <i>ourificem</i> ourives	t em d : <i>rotam</i> roda.....
l em r : <i>lilium</i> lyrio.....	l em d : <i>scala</i> escada.....

No romance do Infeitiçado, recolhido do Algarve por Est. da Veiga encontramos :

Leixando uma dama infanta.
Por um perro, que dormia.
Se me *leixaes* pelo perro. etc.

Julga João Ribeiro que a mudança do l em d

(reforço) foi creada pelo arabe onde estas duas letras são linguaes: arrabalde de *ar' rebath*; aldeia de *al-dhaia*

8.^o Dissimilação, isto é, a reacção ou repulsão que um som exerce sobre outro para evitar que seja repetido. Esta lei existe tambem em Latim e foi observada por Leo Meyer e Corssen que dizem que ha um principio em latim pelo qual esta lingua esforça-se por não repetir o mesmo som na palavra. Assim havendo dous suffixos quasi identicos *ali* e *ari* formam-se em latim *austi-alis*, *rur-alis*, *reg-alis*, *mor-alis*, *mort-alis* ao lado de *vulgaris*, *popul-aris*, *epul-aris*, isto é, o suffixo *ari* não se junta em regra a um thema ou raiz que contenha já outro *r* nem o suffixo *ali* a um thema ou raiz que contenha já um *l*.

Pott que é da mesma opinião diz: Si o corpo da palavra encerra um *l* os Romanos preferiam a desinencia *aris*: *secularis*, *regularis* com as duas unicas excepções: 1.^o que o *l* era conservado quando havia tambem um *r* no corpo da palavra e o *r* estava mais perto da terminação que o *l*: *pluralis*, *lateralis*; 2.^o quando o *l* fazia parte de uma consoante composta como em *fluvialis*, *glacialis*.

9.^o Conversão dos grupos *cl*, *fl*, *pl*, em *ch*: *clave*, *clamare*, chave, chamar; *flamma*, *chamma*; *plorare*, *planum*, *pluviam*, chorar, chão, chuva.

Conversão de *cl*, em *ch*, ou *ut* ou *it*: *cactum*, cacho: (Julio Ribeiro); *actum*, auto; *lectum*, leito; *octum*, oito; outo (archaico).

Conversão dos grupos *bl*, *cl*, *gl*, *sl*, *tl* em *lh*: *tribulare*, *trib'lare*, trilhar; *articulum*, *art'c'lum*, artelho; *tegula* *teg'la*, telha; *insula*, *ins'la*, ilha (unico exemplo, diz Julio Ribeiro); *vetulum*, *vet'lum*, velho.

Conversão de *gn* em *nh*: *lignum*, lenho. Camões rima *estranho* e *magno* no Canto 4.^o Estr. 32 dos *Luíadas*:

... .. caso estranho.

Quaes nas guerras civis de Julio e Magno.

Sobre as consoantes duplas *lh* e *nh* fazemos nossas as palavras de Pacheco Junior:

«A nossa consoante dupla *lh* só foi representada graphicamente no seculo 15.^o.

Nos seculos 14.^o e 15.^o representavam-na (como no hespanhol e provençal) por *ll* ou *l* ainda quando não se seguia o *i* palatal : *fillo*, *filo*, *muller*, *mellor*.

Em S. Paulo o povo pronuncia *moiado*, *teiado* ; o francez diz *bataion* (*bataillon*).

O *l* latino tinha tres sons : lingual, dental e palatal; o ultimo soáva quasi como a nossa molhada e em *bata-lha*, *filho*, *lhe* se percebe um som rapido do *i*. Esse *h* inorganico servia apenas para substituir o *i* palatal ou alongar a vogal.

O emprego do *nh* foi uma consequencia logica da adopção do *lh*. Julgamos que os Romanos pronunciavam *gn* e *nh* com o som da nossa molhada, como os francezes e italianos e não diziam como nós *signo*, *magno* mas *sinho*, *manho*. Esse modo de escrever (*cognoscere*, conhecer, *ignóro* popular *inhóro* ; os antigos diziam conháto de *cognáto*), o facto de ser essa nossa molhada representada antigamente por *gn* : *pegnorar*, *senor*, e de serem as palavras em que os elementos *g*, *n* soam separados, todas de criação artificial, de origem erudita : *igneo*, *inexpugnável*, *estagnado*, bastariam para verificar nossa hypothese, notando-se que isso era commum ao Celtico e Ibero».

São estas leis as mais importantes, reconhecidas por todas as Grammaticas, para transformação dos sons em Portuguez.

Quaes as causas, porém, que produziram estas leis?

Impossivel será determina-las, entretanto ha dous grandes principios que juntos á grande influencia do meio podem ser considerados como os de maior importancia.

O primeiro principio é « a lei do menor esforço » que Sweet e Palesy chamam « principio de economia. »

O segundo é o « principio de emphase » largamente estudado por Sayce e Sweet.

Tiraram-se d'ahi duas leis :

1.^o A linguagem tende constantemente a desembraçar-se do que é superfluo.

2.º A linguagem tende constantemente a pôr em relevo o que é necessário.

E' da primeira que derivam a fraca accentuação das syllabas pouco importantes, a assimilação mais ou menos completa de dous sons consecutivos, a abreviação das syllabas longas. Esta lei é observada clara e quotidianamente na linguagem do povo, elemento corruptor de uma lingua.

O Inglez, de todas as linguas indo-européas é a que mais emprega o principio do menor esforço.

A lei do menor esforço, diz Chaignet, (1) não é uma prova de fraqueza, é uma prova de bom senso.

E' a lei da economia universal que a natureza e o espirito seguem por toda a parte e sempre no emprego de suas forças.

A riqueza não é senão a força economisada.

O instincto do bello, o sentimento da harmonia e do rythmo, a necessidade de simplicidade, as necessidades superiores da clareza logica, o espirito emfim, eis o grande autor d'estas permutas que tem por fim, os fins intellectuaes da palavra. supprimir ou diminuir pouco a pouco nas articulações tudo que exige um esforço violento e inutil. todos os sons que fazem mal aos ouvidos, que preeguem as faces, que fazem abrir desagradavelmente a bocca, que fazem inchar as veias da garganta, todos os sons que approximam-se dos berros, dos mugidos, dos sibillos, dos miados e dos uivos dos animais.

A segunda lei, embora menos conhecida, não deixa por isto de ser menos verdadeira e é, por certo uma consequencia logica da primeira.

E tanto é assim que, si o principio de economia agisse elle só, tornar-se-iam as linguas depois de um certo tempo desconhecidas e por consequencia seriam improprias para servir de meio de communicação.

E' justamente o que se observa no emprego dos archaismos e neologismos, cuja luta é um dos factos mais

(1) La philosophie de la science du langage.

interessantes a estudar na vida litteraria de uma lingua.

II

A estrutura das palavras é especialmente estudada na *Morphologia*.

Os elementos significantes ou orgams de que se compõe a palavra, tem diversas denominações quer consideremo-los na sua significação, quer na sua posição, quer na sua origem.

A simples analyse de uma palavra nos mostra que ha nella um elemento que indica a idéa principal, é a *raiz*, e outros elementos secundarios, os *affixos*.

Os *affixos* dividem-se em *prefixos*, *suffixos* e *infixos*.

Prefixos, são os collocados antes da radical : hemi-spherio.

Suffixos, são os collocados depois : fac-ada.

Infixos são os collocados no meio da palavra : amar-te-ei.

As palavras são compostas de orgams que teem um sentido ; na palavra *padeiros*, distinguimos a radical *pad*, raiz *pa*, que indicam a idéa principal, o suffixo *eiro* que mostra o factor, e o orgam *s* que indica a pluralidade.

Costuma-se muitas vezes na pratica confundir as idéas de raiz e radical, o que convem distinguir.

A raiz é o elemento que encerra a idéa originaria, a idéa d'onde etymologicamente decorreu um grupo de palavras ; a radical ou o thema é o vocabulo sem as desinencias. Assim na palavra *desanimar*, temos o prefixo *des*, a terminação *ar*, a radical *desanim*, e a raiz *an* que significa *respirar*, *viver*.

A terminação ou desinencia é a parte do vocabulo que varia, e onde se operam todas as flexões.

Da raiz *mad* ou *mid* (adaptar, conciliar) formamos : modo, modulo, medico, medicina, moderador, immoderado, comodo, incommodo, accommodar, medio em

que se vê que a radical é *mod*, *medic*, *moder*, *commod*, etc. e a raiz é *mad* ou *mid*.

Com a raiz latina *spec* (vêr) possuímos em Portuguese as palavras : respeitar, respeito, respeitavel, bispo, respectivo, respeitosamente, respectivamente, despeito, suspeitar, suspeita, *circumspecto*, *inspector*, *inspecção*, *aspecto*, *prospecto*, *perspicacia*, *perspectiva*, *expectativa*, *auspicio*, *especular*, *especulador*, *espia*, *especie*, *especial*, *especifico*, *espelho*, etc. (Deduzido de Max Muller).

Entretanto despojando estas palavras de suas terminações, o que resta não tem egualdade ou semelhança entre si.

Regnaud define raiz, o elemento *commum* a toda uma familia de palavras formadas por analogia (1).

Os prefixos e suffixos são de origem vernacula, latina e grega.

Entre os prefixos vernaculos contamos :

ante, precedencia : ante-hontem.

contra, opposição : contra-dizer.

em, collocação : embarcar

sem, exclusão : semsaboria

sobre, por cima : sobreestar.

Entre os latinos :

bis ou *bi*, duas vezes : *bisneto*, *bipede*

circum, ao redor : *circumferencia*

extra, fóra : *extraordinario*

in, negação, lugar onde : *infiel*, *inflammar*

pre, antecedencia : *prevêr*

re, reiteração : *relêr*

sine, sem : *sinecura*.

Entre os gregos :

a ou *an*, negação : *atheu*, *anonymo*.

amphi, ambos : *amphibio*

archi, supremacia : *archiduque*, *archanjo*

cata, ordem : *catalogo*

eu, bem : *euphonia*

meta, mudança : *metamorphose*

peri, ao redor : *perimetro*

pan, tudo : panorama
pseudo, falso : pseudonymo
tele, ao longe : telephonio, telegrapho
theo, deus : theologia.

Podemos incluir nesta lista os numeros gregos, que tambem são empregados como prefixos : *mono*, *dis*, *tri*, *tetra*, *penta*, *hex*, *hepta*, *octo*, *ennea*, *deca*, etc.

Além d'estes prefixos ha um arabe que deu origem a muitas palavras portuguezas, é o artigo *al* : albergue, assucar, azzulejo, alcaide etc.

Os suffixos na lingua portugueza são em grande parte originados do latim ou formados no proprio seio da lingua.

Substantivos derivados de substantivos :

ada, golpe, porção, acto : facada, rapazeada, buffetada (pancada dada sobre a buffa, parte do capacete correspondente a bocca, diz Leoni.)

ade, nos nomes da terceira declinação latina e outros por analogia : bondade.

ado, no latim *atus*, indica profissão : educado.

agem, collecção, estado : folhagem, aprendizagem.

al, no latim *alis* e *elis*, extensão, quantidade : areial, laranjal.

aria, agglomeração : livraria.

ario, *eiro*, profissão, officio : estatuario, boticario, porteiro.

cida, no latim *cida*, matador : regicida, filhicida.

ista, pessoa, emprego : banhista, occulista.

Além d'estes, temos os suffixos augmentativos : *ão*, *az*, *eço*, *eça*, *ico*, *iça*, *oço*, *oça*, *ello*, *ulo*, e os diminutivos de que trataremos na Lecção 43.^a.

Substantivos derivados de adjectivos :

ão e *ude*, qualidade, estado : gratidão, juventude.

encia, qualidade : prudencia.

dade, dos nomes da 3.^a declinação em *tas*, qualidade : fidelidade.

Ha em Portuguez um grandissimo numero de palavras derivadas com este suffixo.

ica : justiça, malicia.

mento. estado, acção : atrevimento.

Substantivos derivados de verbos :

ão, acção : rasgão, comparação

ante, suf. de p. presente : marchante

ança, *ença*, *ancia*, *encia*, forma nomes abstractos : lembrança, crença, ignorancia, resistencia.

or : imperador, fumador

mento, acção, resultado : fallecimento, testamento.

Adjectivos derivados dos substantivos :

al, *il*, no latim *alis*, *elis*, *ilis* : imperial, febril.

ario, *eiro* : imaginario, solteiro

atico, : lunatico

ente : prudente

oso, (o suffixo de maior emprego): nervoso, rendoso, invejoso.

Adjectivos derivados de adjectivos :

ento : pardacento

ete : triguerete

el : fiel, cruel

oso : verdoso

Adjectivos derivados de verbos ;

ando, *endo* : venerando, tremendo.

ado, *ido*, (participios passados latinos): amado, temido,

avel, *evel*, *ivel*, *ovel*, *uvel* : amavel, indelevel, sensivel, movel, soluvel.

ante, *ente*, *inte*, (participios presentes latinos): amante, tenente, pedinte.

ivo (corresponde a *bilis*) : fugitivo.

ico : espantadiço.

Derivação dos verbos

Os verbos derivam-se com os suffixos

ar, er, ir, ajoelhar, emmagrecer, cuspir.
 isar: arborisar, fertilisar.
 icár: fabricar.
 itar: dormirar.
 mhar: escrevinhar.
 escer: favorecer.

Entre os suffixos gregos temos:

algia, dór: odontalgia.
 cosmo, mundo: microcosmo.
 geo, terra, : apogeo:
 grapho, o que escreve: typographo.
 philo, amigo: bibliophilo.
 phago, comer: antropophago.
 tono, som: monotono.

Alem d'este modo de formação de palavras temos a juxta-posição, onde os elementos que as compõem não estão perfeitamente fundidos e um ligeiro exame descobre a composição: redactor-chefe, lusco-fusco, arco iris.

As palavras justapostas compõem-se de

substantivo e subst.	{ arco-iris	pl. }	arcos-iris.
	{ mestre-escola	«	mestres-escolas
subs. e adjectivo: ..	redea-falsa..	«	redeas-falsas.
adj. e subs:	gentil homem	«	gentis homens.
verbo e subs:	guarda vestido	«	guarda-vestidos.
adj. e adj:	lusco-fusco...	«	luscos-fuscos.
particula e adj:	maldicto	«	maldictos.
part. e subs:	entrecasco.....	«	entrecascos.
verbo e verbo:	vae-vem	«	vae-vens.
palavras diversas: ..	bemtevi.....	«	bemtevis.

Outras são introduzidas por meio de linguas estrangeiras (Lecção. 4.^a)

A formação das palavras por meio de prefixo ou juxta-posição dá-lhes o nome de *compostas*; a formação por meio de suffixo classifica-as de *derivadas*.

As linguas modernas, diz Chavée (1) principalmente as neo-latinas teem formado palavras derivadas contra a logica e as leis organicas da linguagem. Para que, por exemplo, *patriota* e *patriotico* exprimissem aquelle que ama a sua patria, era preciso juntar-se-lhes algum termo que significasse zelo, amor, affectos.

A formação, das palavras compostas dá logar ao que se chama *hybridismo*, que é a formação de uma palavra com termos de linguas differentes.

Entre outras ennumeramos:

Bureaucracia, francez e grego
Sociologia, latim e grego
Monoculo, grego e latim
Linguistica, latim e grego
Cipóchumbo tupy e latim
Alcoolmetro arabe e grego

O hybridismo é acceitavel quando um dos elementos componentes não existe na lingua ou quando está consagrado pelo uso.

Precisamos fazer agora outras observações:

1.^a Ha casos em que a juxtaposição é tam intensa que só uma analyse rigorosa consente que se conheça a composição.

Naufragio : *navis fragium*, quebramentô da nau.

Marmota : *murem-montes*, rato montez.

Acabrunhar : *caput-pronare*, vergar a cabeça.

Kermesse : *ker-messe* (hollandez), egreja missa.

Benjoim : *luban-jauin* (arabe), incenso de Java.

2.^a Deve-se observar tambem que as vezes a junccão do prefixo produz um som desagradavel.

Para evitar este hiato supprime-se a vogal ou consoante final: emigrar *ex-migrar*; intrinseco *intra-secus*; ou então a consoante assimila-se á inicial da palavra seguinte: acclamar, *ad-clamar*.

Estas modificações, como diz Darmsteter, já eram

(1) Essai d'Etymologie Philosophique Pag. 32.

usuaes no latim e são communs a todas as linguas neolatinas. (1)

3.^a Muitos d'esses compostos latinos, pela quêda do signal externo de composição, ficaram considerados como palavras simples: colhêr de *col-ligere*.

A maior parte d'esses compostos decompuzeram-se, porém, na epoca romana: *providêre*, *pro vidêre* prover; *ex* por *e*; *dis*, por *de*; *subtus* por *sub*, etc.

NOTA. — Julgamos ser desnecessario dar uma lista completa de prefixos e suffixos; a um trabalho mnemotechnico reduz-se o estudo do alumno, do qual não tira proveito algum. affirmamos pela pratica que temos do ensino.

Compete ao professor, tanto que possa, procurar nas palavras, conforme se deparar a occasião, aquelles elementos e explica-los ao alumno.



(1) Des mots composés.



LECÇÃO DECIMA PRIMEIRA

TAXENOMIA : PARTES DO DISCURSO. SUBSTANTIVO.

I

A divisão das partes do discurso em um certo numero de classes é muito antiga.

A *taxenomia*, parte da Grammatica que estuda a classifica-las, divide-as em diversas categorias, conforme o aspecto sob que forem consideradas.

Chama ao nome e ao verbo palavras *variaveis*, porque ellas soffrem mudança em suas terminações para exprimirem genero, numero, gráu, modo, tempo etc ; e ao adverbio, preposição, e conjuncção *invariaveis*, porque não se sujeitam a essas mudanças.

Estas alterações que os vocabulos soffrem chamam-se *flexões*.

O character da flexão não é bastante determinado em Portuguez, porque vemos ás vezes palavras consideradas *invariaveis* soffrerem alterações de gráu como : *sub, sobre, supremo, certamente, certissimamente* ; e os pronomes *que* e *quem* incluídos na clãsse das palavras *variaveis*, quando não mudam de flexão.

Considerados historicamente os vocabulos podem dividir-se em primitivos e derivados.

Primitivos são os que não se originam de outros na mesma lingua : *arvore, barca*.

Derivados são os que se originam dos primitivos : *arvoredo, barçaça, barqueiro*.

As palavras derivam-se de outras por meio de sufixos vernaculos, gregos e latinos (Vide Lecção 40.^a).

Comparados uns com outros os vocabulos são : synonymos, antonymos, homonymos e paronymos.

As duas primeiras classes são consideradas como fazendo parte da familia ideologica ; as duas ultimas da familia phonica.

As primeiras representam idéas semelhantes ou completamente oppostas.

As segundas, sem representar idéa alguma, confundem os sons.

Synonymos são palavras que, apesar de terem radical differente, teem identico sentido : amor, amizade, estima ; ver, encher, olhar etc.

Não pôde haver synonymos perfectos senão quando um d'elles está em desuso ; si ambos são usados esta synonymia perfeita não pode durar muito tempo, porque o pensamento não se sobrecarregará com uma bagagem inutil e por fim se desembaraça de um d'elles. (1)

Marsh julga que só podem ser considerados synonymas as palavras que teem identica significação e pertencem grammaticalmente a mesma cathegoria : aversão, odio, inimizado.

São diversas as causas da grande variedade dos synonymos. Entre as principaes, contamos :

1.^a Formas divergentes, produzidas por palavras de fundo popular : *mancha* e de fundo erudito : *macula* ou produzidas pela origem do nominativo *ladro* e do accusativo *ladrão* ;

2.^a *Technologia scientifica* : *odontalgia*, *dôr de dentes* ; *bexigas variola* ;

3.^o *Differenças locaes* : *doce*, *bolos* ; *pacova*, *banana*.

O Dr. Saldanha da Gama appresenta-nos uma grande lista de synonymos entre os vegetaes que mudam ás vezes, de nome nos municipios de um mesmo Estado.

Na infancia das linguas é extraordinario o numero dos synonymos que tinha uma palavra.

(1) Darmesteter. *La vie des mots* ; pags 139.

Assim ha 420 para ilha em Islandez; 500 para leão; e 1000 para espada no Árabe.

Os dictionarios sanskritos communs dão 5 palavras para mão, 44 para luz, 15 para nuvem, 33 para carnagem, 35 para fogo, 37 para sol. Podia chamar-se o sol: o brilhante, o ardente, o globo de ouro, o conservador, o destruidor, o lobo, o leão, o olho do céu, o pae da luz, etc..

Para fazer-se idéa d'esta exhuberancia de synonymos na lingua primitiva basta citar por exemplo as 5744 palavras relativas ao camello enumeradas por Hammer. (1)

Antonymas, são palavras que tem significados oppositos: frio, calor.

Homonymas, são palavras que, embora escriptas e pronunciadas de um modo semelhante, teem diverso significado: *era* verbo e *era* substantivo; *cara* adjectivo, e *cara* substantivo.

Estes homonymos são chamados *homographos* quando escriptos com as mesmas lettras, e *homophonos* quando, embora escriptos diversamente, pronunciam-se do mesmo modo: *nós* pronome, e *noz* substantivo; *sella*, apparelho para cavallo. e *cella* quarto de convento.

A homonymia dá nascimento aos trocadilhos ou equivocos a que os Francezes chamam *calembourgs*.

Entre os latinos: *Malam, malam, malam?*

Preferirei uma maçã (face) desagradavel.

Nisi non nisi nisi in aliis.

Os gaviões não se estribam senão nas azas.

Quid facies facies Veneris cum veneris ante?

Ne sedeas sed eas ne pereas per eas.

O que farás quando chegares ante as faces de Venus?

Não pares porém segue, senão morrerás por ellas.

A homonymia em Portuguez é menos do que a synonymia, foute de archaismo

Entre as causas do homonymia podemos ennumerar

(1) Max-Muller Lecções sobre a sciencia da linguagem
Pags. 345 e 458.

como principaes: Contracção das palavras, *grão* (grande), *grão*, substantivo; *cem*, numero (*centum*), *sem* conjuncção. Corrupção phonetica: a não pronuncia das letras dobradas: *pelo* e *pello*.

Paronymos são os vocabulos que teem quasi identica prosodia; teem sentido diverso e são resultantes principalmente dos metaplasmos: descripção e discripção; soar e suar; detrahir e distrahir.

Attendendo á significação das palavras ellas dividem-se em substantivo, adjectivo, pronome, verbo, adverbio, preposição, conjuncção e interjeição ou mais resumidamente em: nome, verbo e particulas.

II

Substantivo é a palavra que designa o nome de animal coisa ou objecto ex: Pedro, leão, papel

Os substantivos dividem-se em proprios e appellativos.

Proprios são aquelles que indicam individualmente uma coisa ou animal, distinguindo-o dos outros, ex: João, Pernambuco.

Appellativos são os que indicam a idéa de diversos animaes ou objectos pertencentes todos a uma classe commun ex: pedra, menino, gato.

Os nomes proprios tornam-se appellativos quando são empregados para indicar um grupo, uma classe ex: Os Andradas.

Mesmo assim é costume escrever a inicial d'esses nomes com letra maiuscula, como si fossem substantivos proprios.

Nos substantivos proprios de pessoa temos a considerar o *prenome* que é o communente chamado *nome de baptismo*, e o *cognome* chamado *nome de familia*. Assim em Joaquim Nunes Machado, Joaquim é o *prenome*, Nunes Machado é o *cognome*.

Os substantivos proprios derivam-se em grande parte do grego, hebraico, latim e germanico:

Do grego : Theocrito, Phillippe, Diogenes.

Do hebraico : Maria, David, Jeronymo, Moyses.

Do latim : Mario, Deodato, Cicero.

Do germano : Carlos, Eduardo, Izabel.

Nos tempos antigos os nomes proprios serviam para caracterisar os individuos por qualquer facto ou circumstancia notavel em sua vida.

Viamos assim que : Aristides era o melhor ; Job que geme ; Archimedes eminente machinista ou pensador ; Carlos forte, habil ; Leopoldo ornado, valente ; Julio que tem o primeiro pello ; Abrahão pae da multidão ; Agar estrangeira.

Este costume encontra-se muito vivo nas tribus indigenas :

Piragibe, espinha de peixe ; Poty, camarão.

E', pois, opinião corrente que todos os nomes proprios de homens são antigos epithetos, isto é, antigos adjectivos.

Em certos nomes proprios encontram-se as vezes os elementos gothico e arabe fundidos, como em *Venegas* (Viégas), formado do arabe *Iben* (filho) e do germanico *Egas*.

Ha diversas soluções para explicar a formação dos substantivos *patronymicos*, isto é, dos substantivos proprios que indicam filiação.

Theophilo Braga diz : Nas inscrições hispano-latinas, o nome de familia prevalece sempre ao da tribu. A forma *ez*, peculiar dos *patronymicos* : Alvarez filho de Alvaro, Fernandez filho de Fernando, Mendez filho de Mendo que subsiste no euskariano *ez* e *iz*, apparece no contabrico e asturiano na forma *ves*, como notou Fernandes Guerra que o liga ao primitivo *ives*, pronome ibero.

João Ribeiro appresenta a opinião de Larramend que no « *El impossible vencido* » julga que o suffixo dos *patronymicos* é originado do artigo vascuense ou 'biscainho *ez* : Perez de Pero, Garcez de Garcia.

Frederico Diez diz ser originado do genitivo gothico : Rodrigues, Rodriguiz : Gothico *Hrôthareiks* ; Fernandes -- Fernandiz Gothico *Frithananthis*.

Knapps diz : A noção do patronymico exprime a origem. O caso correspondente é o ablativo, originando-se assim do latim : Paes de *Pelagies*.
Sendo a flexão do plural, vemos o Italiano em i-
Galileo, Galileo.

Os substantivos appellativos dividem-se em abstractos, concretos, collectivos e verbaes.

Abstractos são os que só existem na nossa imaginação, isto é, que não tem existencia real ex : esperança, bondade, amor.

Concretos são os que existem realmente, ex : rio, banco.

Collectivos são os substantivos que estando no singular indicam pluralidade, indicam multidão, reunião de individuos da mesma especie ex : povo, exercito, rebanho.

E' principal caracteristico d'estes substantivos o exprimirem pluralidade estando no singular.

Não se julgue, porem, que elles não possam ter flexão de numero.

Si o substantivo colectivo exprime uma collecção, podemos imaginar a existencia de mais de uma collecção ; assim : um rebanho, seis rebanhos.

O colectivo pode ser *geral* si indica a totalidade da collecção ex : tropa; *partitivo* si indica uma parte ex : batalhão.

Pode ser *determinado*, si indica um numero certo, positivo, ex : duzia ; *indeterminado*, si não designa uma determinação, uma quantidade exacta, ex : chusma.

Ha certos collectivos, diz Julio Ribeiro, que podem chamar-se *especiaes*, porque se applicam particularmente a uma cousa mais do que a outra.

São entre outros :

Alcateia de lobos

Armento de bois

Bando de { aves
 { ciganos
 { salteadores

Cafila de camellos

Facto de cabras

Jolda ou choldra de cabras

Malta de capoeiras

Manada de bois

Matilha de cães

Manga de arcabuzeiros

Cardume de peixes
 Chusma de criados
 Corja de } bebados
 } ladrões
 } tratantes
 } vadios
 Enxame de abelhas

Nuvem de moscas
 Ponta.. « mulas
 Rancho « soldados
 Rédua.. « cavalgadas
 Roda... « homens
 Sucia... « velhacos
 Vara... « porcos

Substantivos *verbaes* são certas partes do verbo empregados como substantivo ex : o raia da lua

Diz Leoni : (1) Os autores que primeiro contribuíram para formar a lingua empregaram o infinito do verbo como substantivo de acção, mesmo quando já havia um outro substantivo equivalente, como :

O velho pae sisudo que respeita
 O murmurar do povo....

LUZIADAS, cant. 3.º Extr. 122.

O frechar dos arcos. Lucena.

E' isto uma herança do latim.

Quando dizemos o *cahir das folhas*, indicamos a acção d'ellas desprenderem-se e soltarem-se das arvores; no entretanto a *quéda das folhas* denota a abreviatura da acção e em rigor o instante em que o corpo despenhado encontra o chão.

O primeiro indica uma acção indefinida e envolve uma idéa de reiteração ; o segundo uma acção feita e menos propria para representar o acto successivo de se desprenderem.

Assim são muito proprias as expressões : o romper d'alva, o fechar da noute, o andar do tempo.

Estes substantivos só tomam a flexão do plural quando não indicam ou denotam uma acção.

Qualquer palavra ou mesmo uma oração inteira


(1) Genio da Lingua Portugueza.

póde ser empregada como substantivo : o rico, o sim, o psiu, o Faça-se a luz, etc.

Mesmo póde apparecer uma oração ou proposição exercendo a funcção de um substantivo, embora possua a lingua o substantivo equivalente, ex. : *Esperou que elle viesse*, isto é, *a sua vinda*. Estas orações chamam-se *substantivas*.

Quando duas ou mais palavras teem o valor de um substantivo, damos-lhes o nome de *locução substantiva*, ou substantivo composto, ex. : — *bem-te-vi*, *mal-me-quer*, *Pedro Ivo*.





LECÇÃO DECIMA SEGUNDA

FLEXÕES DOS SUBSTANTIVOS : GENERO ; NUMERO

I

Flexões (do latim *flecto*, curvo) são as variações morphologicas que os vocabulos appresentam em sua terminação.

As flexões dividem-se em nominaes e verbaes.

Ha diversas theorias para explicar a origem d'essas mudanças de formas nas terminações.

A escola moderna, a mais acceitavel, tem provado que estas flexões eram originariamente palavras que tinham significação distincta, eram, por assim dizer, pronomes, participios etc., que soldaram-se á raiz.

Esse phenomeno acha-se palpitante nas formas do futuro e do condicional das linguas romanicas : *amar-hei* ; *amar-hia* = *havia*.

O latim forma os perfeitos por meio de composição, como em *amavi*, onde se vê que *vi* está por *fui*.

O francez vai mais longe, pois que tem as fórmas analyticas *j'ai aimé*, e o futuro *aimerai*, por *j'ai à amer*, o que é confirmado pelas velhas formas do sul *dir-vos ai* por *je vous dirai*.

Nos poetas provençaes encontramos ;

*Comptar-vos-ai — Contar-vos-ei. Donar-teu he
— Dar te lo ei.*

No inglez a terminação do preterito *d* ou *ed* é o preterito *did* do verbo *to do*.

O que Leoni diz sobre a desinencia *ax* latina, vem mais corroborar a nossa opinião.

A desinencia latina *ax*, escreve elle, é uma forma que se deriva do verbo *ago*.

Com effeito, assim como *actio*, *onis* e *actus*, *us* são formas do mencionado verbo, a desinencia *ax* e suas variações mostram proceder da mesma raiz ou mais particularmente do nome *alus* que significa obra, producção, impulso, movimento, d'onde provem a idéa de extensão, grandeza, altura e intensidade, significações que se acham todas expressas nas desinencias *aço*, *eço*, *iça*, *oço*.

Com a primeira significação : Canniço, réde feita de cannas ; palhaço, feito de palha ; mortição, de morte e iço, indicando, movimento que se repete e assim também : movediço, espantadiço. etc.

Feitiço, feito por obra ; como substantivo é corrupção do africano *fatiche*.

Com a segunda significação, isto é, extensão, altura, vemos :

Alvoroço, grande alvura que sobe ao rosto causada por tudo o que póde abalar o animo ; d'ahi a idéa de sobresalto ou commoção vehemente.

Esta palavra, julga Ad. Coelho, designar antes a agitação da madrugada, a *alvorada*, derivando-se assim de *alvor*.

Aranhiço, aranha de pernas muito altas.

Flexões nominaes são as alterações que os nomes soffrem na terminação.

Tratemos agora especialmente das que affectam aos substantivos.

Estas flexões são de genero, numero e gráu.

Genero é a distincção do sexo dos animaes. Por extensão a noção do genero foi applicada aos objectos.

Os generos são dous : *masculino* e *feminino*.

Ha tres processos para determinar-se o genero dos substantivos : a significação da radical, a terminação e a acceção.

São masculinos pela *significação* : os nomes de animaes machos : — João, cavallo ; — os nomes de deuses : Satanaz, Baccho ; os dos pontos cardeaes e ventos : — Norte, Sul, Zephíro ; — os de rios, montes, mares : — Beberibe, Alpes, Caspio ; os de mezes : — Janeiro ; — as notas de musicas e os nomes dos numeros : — dó, ré, mi ; dez, cem.

São femeninos pela *significação* : os nomes de animaes femeas : — Maria, leôa ; — os nomes de deusas e divindades : — Venus, Justiça ; — os nomes das cinco partes do mundo, ilhas, cidades, villas e aldeias : — America, Creta, Roma, etc. Esta regra é muito cheia de excepções : a etymologia, a terminação e o capricho são os elementos que poderão distinguir os generos d'essas palavras.

São tambem femeninos pela *significação* : — os nomes dos dias da semana, com excepção do *sabbado* e *domingo* ; os nomes de sciencias artes e lettras, com excepção do *desenho* ; os substantivos abstractos : — sêde, embriaguez.

São masculinos pela *terminação* ; 1.^o os que terminam em *á*, como : cajá — exceptua-se : — pá ;

2.^o os terminados em *e* como : — pente, — exceptuam-se : — arvore, ave, carne, cidade, especie, fonte, ponte, rêde, serie — e todos os substantivos abstractos ;

3.^o os terminados em *é*, como : — café, — exceptuam-se : — chaminé, fé, galé, libré, maré, polé ralé, ré, sé ;

4.^o os terminados em *o*, como : — tinteiro ;

5.^o os terminados em *ó*, como : — cipó, — exceptuam-se : — avó, eiró, enxó, filhó, ilhó, mó, teiró ;

6.^o os terminados em *u*, como : — cajú, — exceptua-se : — tribu ;

7.^o os terminados em *y*, como : — jaboty ; — exceptua-se : — juruty ;

8.^o os terminados em *ai*, *ao* ou *au*, *eo*, *eu*, como : — ai, pau, chapéo, breu — ; exceptua-se : — náu ;

9.^o os terminados em *al, el, il, ol, ul*, como : — animal, cordel, funil, anzol, paúl ; — exceptuam-se : — cal, pastoral, moral, vestal, capital (cidade eipal).

10.^o os terminados em *am, an, em, en, im, in, om, on, um*, como : — orgam, irman, homem, hyphen, seraphim, gruin, som, colon, jejum ; — exceptuam-se : — adem, nuvem, ordem — e os terminados em *gem*, como : — imagem ;

11.^o os terminados em *ar, er, ir, or, ur*, como : — altar, prazer, porvir, calor, catur, ; — exceptuam-se : — colher, mulher, côr, dôr, flôr ;

12.^o os terminados em *az*, como : — ananaz ; — exceptuam-se : — tenaz, paz ; — os terminados em *ez*, como : — arnez ; — exceptuam-se : — fez (só usado no plural), rez, tez, torquez, vez ; — os terminados *iz*, como : — juiz ; — exceptuam-se : — aboiz, cerviz, cicatriz, codorniz, matriz, perdiz, raiz, sobrepeliz, variz ; os terminados em *oz*, como : — calabroz ; — exceptuam-se : — foz, noz, pioz, voz ; — os terminados em *uz*, como : — arcabuz ; — exceptuam-se : — cruz, luz ;

13.^o os terminados em *is* e *us*, como : — oasis, pús, — exceptuam-se : — bilis, cutis, phenis ;

14.^o os terminados em *ão*, como : — coração e quando são augmentativos : — caixão, etc.

Outros, porém, derivados do femenino latino conservam este genero em Portuguêz : — occasião, multidão.

São femeninos pela *terminação* :

1.^o os acabados em *a*, como : — caneta, lyra, — exceptuam-se : — dia — e em geral os nomes gregos em *a* como : — planeta ;

2.^o os terminados em *ã* e *ê*, como : — lâ, mercê. — Os terminados em *ã* confundem-se com os terminados em *an*.

3.^o os terminados em *ade*, como : — saudade — exceptuam-se : — alvaiade, alcaide, abbade, frade.

Pela *accção* temos :

Masculinos

Capital, fundo monetario
Cabeça, principal chefe
Cura, sacerdote
Lente, professor.

Femeninos

Capital, cidade principal
Cabeça, parte do corpo
Cura, curativo
Lente, vidro de augmento.

Poucas são as regras para formação do feminino dos substantivos :

1.º os que acabam em consoante, accrescentam a letra *a*, flexão característica do genero femenino : como — autor, autora ; portuguez, portugueza.

2.º os que acabam em vogal mudam-na para *a* : — filho, filha ; infante, infanta.

3.º os terminados em *ão*, mudam o *ão* para *ôa*, para *ona*, e para *ã* : — leão, leôa ; folgazão, folgazona ; irmão, irmã.

Estas regras estão, porém, tão cheias de excepções, e ainda são tantos os substantivos que formam o feminino irregularmente que melhor é darmos uma lista a mais completa possivel d'estes substantivos :

abbade — abbadessa
 actor — actriz
 alcaide — alcadeza
 autocrata — autocatriz
 avô — avó
 barão — baroneza
 bode — cabra
 boi — vacca
 cão — cadella
 carneiro — ovelha
 cavallo — egua
 cervo — corça
 czar — czarina
 compadre — comadre
 conde — condessa
 diacono — diaconisa
 dom — dona
 duque — duqueza

ladrão — ladra
 macho — femea
 marido — mulher
 monge — monja
 macho — besta
 mu — mula
 padrasto — madrasta
 padre — madre
 padrinho — madrinha
 páe — mãe
 papa — papiza
 pardal — pardoca
 perdigão — perdiz
 Perú — perua
 poeta — poetisa
 príncipe — princeza
 prior — prioreza
 propheta — prophetisa

embaixador — embaixatriz	rapaz — rapariga
frade — freira	rei — rainha
frei — soror	reu — ré
gallo — gallinha	sacerdote — sacerdotisa
gamo — corça	sandeu — sandia
genro — nora	sultão — sultana
heroe — heroína	tecelão — tecedeira
homem — mulher	tabaréo — tabarôa ou tabarêa
ilhêo — ilhóa	visconde — viscondessa
imperador — imperatriz	zangão — abelha
judeu — judia	

Ha alguns substantivos que admittindo flexão de genero indicam augmento de volume ou de capacidade, outros cujo masculino indica unidade e o femenino collecção, e outros finalmente cuja flexão feminina faz com que a palavra não tenha correspondencia de significação ou etymologia com o seu variante masculino.

Do 4.º caso temos : — bacio, bacia ; jarro, jarra ; vallo, valla.

Do 2.º caso temos : — fruto, fruta ; ramo, rama ; bago, baga ; marujo, maruja.

Do 3.º caso :

barro — argilla	barra — entrada do porto
cachaço — pescoço	cachaça — aguardente
pinto — animalzinho	pinta — marca, signal
tino — juizo, instincto	tina — vasilha
thesouro — lugar onde se guarda dinheiro	tezoura — instrumento cortante.

Ha substantivos tambem que, debaixo de uma só forma, designam os dous sexos ; para destingui-los põe-se-lhes os adjectivos *macho* e *femea*; como : tigre, jaguar, sabiá, cegonha —; são chamados *epicenos*.

Outros, cujo genero só é conhecido pelo determinativo que os precede —: o martyr (masc.), a martyr (fem.); um hypocrita (masc.), uma hypocrita (fem.); são chamados *communis a dous*.

Alguns grammaticos reúnem estas duas classes sob o nome de *uniformes* (uma forma) em contraposição aos outros substantivos que se denominam *biformes* (duas formas).

Em Portuguez, como vimos, os generos são dous : masculino e feminino ; entretanto a lingua Latina d'onde a nossa originou-se tem mais um que é o *neutro*.

E' bom notar que os Romanos cêdo perderam também o sentimento do emprego do neutro, genero a que com muita razão chamam os Grammaticos indianos *kliva*, isto é, *eunuco*.

Apezar de só terem passado para o Portuguez os generos masculino e feminino, acha João de Barros que se confessa o primeiro que pôz em arte a nossa lingua, que podem ser classificados como neutros os nomes das letras do alphabeto, os substantivos verbaes : o *querer*, o *amar* etc. e artigo *al*.

Soares Barbosa considera neutras as terminações de alguns de nossos adjectivos de tres formas, a primeira dos adjectivos de duas e ainda a unica dos adjectivos de uma só, quando empregados no discurso ou substantivamente ou para modificar orações inteiras. Temos as formas : —este (masc.), esta (fem.), isto (neutro) ; esse (masc.), essa (fem.), isso (neutro) ; aquelle (masc.), aquella (fem.), aquillo (neutro) ; todo (masc.), toda (fem.), tudo (neutro) etc.

Diez é de parecer que sempre que os adjectivos *aquillo*, *algo*, *outrem*, *isso* etc. preencherem funcções de substantivo e vierem empregados como predicados de um nome neutro ou de uma phrase inteira, devem ser considerados como de genero neutro.

Bergmann é de opinião que as formas substantivas : o verdadeiro (*verum*) ; o bello (*pulchrum*) ; o bom (*bonum*), são verdadeiros typos do neutro.

Além d'estes, temos neologismos latinos que por serem do genero neutro nessa lingua podem ser considerados do mesmo genero, em Portuguez como : *curriculum vitæ*, *memorandum*, *ultimatum*, *mare magnum*, *Corpus Christi* etc.

Em todo o caso só incidentemente apparecem estes e casos semelhantes.

Ha bastante divergencia entre os generos de algumas palavras em diversas linguas.

Assim em allemão *mulher* é do genero neutro, *lua* masculino, *sol* feminino; em francez *mar* é feminino e em Portuguez esse genero é conservado na palavra *preia-mar* (plena-mar).

As palavras *cômeta* e *planeta* eram antigamente femininas:

Camões diz :

Mas já a planeta que no céu primeiro
Habita cinco vezes apressada.

Arvore, linhagem, tribu eram masculinas.

Theorema, problema, clima, fim eram femeninas.
No Cancioneiro Geral de Garcia de Rezende vemos :

Foy m'ô princepe olhar
Por seu nojo e *minha* fym

Diz A. Garrett : O povo á maneira de nossas antigos escriptores, ainda hoje faz *fim* ora masculino, ora feminino, mas não indifferentemente nem á tóa. *Fim*, como alvo, objecto etc. é sempre masculino; como termo, acabamento de vida ou de outro estado qualquer, sempre feminino, para elles.

II

Numero, é a propriedade que tem os nomes de mostrar a unidade ou pluralidade pela mudança de terminação.

Os numeros são dous : *singular* e *plural* que existentes no Latim passaram da mesma forma para o Portuguez.

Esta lingua, porém, possui algumas palavras que mostram reminiscencias do *dual* grego : — dous, ambos, nós, vós.

A regra geral para os substantivos formarem o plural é accrescentar lhes um *s* ao singular.

Este *s* é a terminação do accusativo plural latino de todas as declinações, com excepção unica dos nomes neutros, dos quaes possuimos indicando idéa numerica plural os nomes *alimaria* (animaes), *moda* (os modos):

Os nomes que terminam em voz pura (vogal ou di-phthongo) ou nazal seguem a regra geral: — alma, rede, livro, cajú, maçã, pae, mãe, organ, — exceptuados: — ademan — que faz — ademanes, — canon — que faz — canones.

Fazem tambem o plural regularmente os terminados em *k*, *b*, *d* *t* etc., de origem estrangeira: — Almanak, Job, bond, deficit. Muitos, porém, conservam o plural originario: — memorandum, — plural — memoranda; — dilletante, — plural — dilletanti.

Os nomes que no singular já terminam por *s* não soffrem alteração passando para o plural: — pires. Exceptuam-se: — Deus — que significando os do Paganismo ou os falsos, faz — Deuses; — simples — que faz — simpleses, — e antigamente — ourives e alferes — que faziam — ouriveses e alfereses.

.....alfereses volteiam as bandeiras
Camões, Canto 4.^o, Estr. 27.

Dos terminados em *ão* uns seguem a regra geral: — mão, mãos; — outros mudam o *ão* em *ães*: — capitão, capitães; — outros mudam o *ão* em *ões*: — coração, corações.

Uns escriptores sustentam que a razão d'esta diversidade deve-se procurar na origem latina d'estas palavras, e assim dizem: Si os nomes em latim forem da 2.^a declinação o seu plural é *ãos* (accusativo plural *anos*) ou *ães* (accusativo plural *anes*); si forem da 3.^a o plural é *ões* (accusativo plural *ones*) como: latim *organos*, portuguez *orgãos*; latim *panes*, portuguez *pães*; latim *leones*, portuguez *leões*.

Basta transformar o *o* em *til*, seu equivalente.

Outros escriptores dizem:

Si o nome castelhano termina em *an* o portuguez é em *des* : *sacristan*, *sacristães* ; si no castelhano terminar em *ano*, o nosso plural é *ãos* : *ciudadano*, *ciudadãos* ; si terminar em *on* o plural é *ões* : *coraçon*, *corações*.

Os que não teem origem latina ou castelhana formam o plural em *ões*.

Apezar d'estas regras ha certos nomes terminados em *ão* cujo plural não está bem determinado, como — *aldeão*, *aldeães* e *aldeões* ; *alão*, *alães* e *alões* ; *ancião*, *anciãos* e *anciões* ; *charlatão*, *charlatãos* e *charlatães* ; *folião*, *foliães* e *foliões* ; *guardião*, *guardiães* e *guardiões* ; *phaisão*, *phaisães* e *phaisões* ; *villão*, *villães* e *villões*, etc.

Os que terminam em *em*, *im*, *om*, *um*, mudam o *m* em *ns* : — *homem*, *homens* ; *seraphim*, *seraphins* ; *sons*, *sons* ; *atum*, *atuns*,

Os que terminam em *al*, *ol*, *ul*, mudam o *l* em *es* : — *animal*, *animaes* ; *lençol*, *lençoes* ; *paúl*, *paúes*. Exceptuam se : — *cal*, *mal*, *real*, *consul* e seus compostos que fazem : — *cales*, *males*, *reales* (moeda hespanhola) e *reis* (moeda portugueza), *consules*, etc.

Os que terminam em *el* mudam o *l* em *is* : *papel*, *papeis*.

Os que terminam em *il* paroxytono mudam o *il* em *eis* : — *fóssil*, *fósseis*.

Os que terminam em *il* oxytono mudam o *l* em *s* : *fuzil*, *fuzis* ; *barril*, *barris*.

Os que terminam em *r* ou *z* acrescentam *es* : *amor*, *amores* ; *juiz*, *juizes*.

Os que terminam em *x* mudam esta letra para *ce* e acrescentam *s* : — *calix*, *calices* ; *index*, *indices* ; *codex*, *codices*.

Em Portuguez poucos são os nomes d'esta terminação e appresentam elles duas fórmulas no singular : *calix* e *calice*.

Sobre os nomes terminadss em *o* devemos observar que alguns ao passarem para o plural mudam o *o* fechado tónico em *o* aberto : — *ovo*, *ôvos* ; *imposto*, *im-*

Outros, porém, conservam-no fechado ;— coco, cocos ; momo, momos.

Não ha regras bem assentadas sobre a phonetica do plural d'estes substantivos.

Em todo o caso podemos appresentar as seguintes deduzidas de artigo do Dr. Castro Lopes :

Quando o *ó* fechado no singular é seguido das letras *b, c, ç, d, f, gr, j, l, lh, m, n, p, rd, rm, ro, rr, rx, rt, rr, st, t, x* ou *ch*, com o som de *x*, e *z*, conserva-se no plural fechada a dita vogal, como: golbo, globos; socco, soccos; lodo, lodos; fofó, fofos; sogro, sogros; nojo, nojos; bolso, bolsos; piolho, piolhos; torno, tornos; dono, donos; escopo, escopos, accordo, accordos; mormo, mormos; choro, choros; morro, morros; dorso, dorsos; conforto, confortos; sorvo, sorvos; encosto, encostos; gafanhoto, gafanhotos; roxo, roxos; mocho, mochos; rapozo, rapozos.

Exceptuam-se: 1.^o quando o *ó* é seguido de *c* mas precedido de *tr* abre-se no plural : — troco, trócos; 2.^o quando o *ô* é seguido de *ç*, mas precedido de *p*, ou *tr*, fica aberto no plural : — pôco, pócos; destroço, destrocós. 3.^o —miolo e tijolo—fazem no plural —miólos e tijólos —porque não tem consoante algum que preceda immediatamente o *o*. Pela mesma razão ; — olho faz ólhos.

4.^o Exceptuam-se também — soccorro e forro — que fazem — soccórros e fórros.

5.^o — Porto --- faz no plural — pórtos.

6.^o — Composto, imposto e preposto — fazem : — compóstos, impóstos e prepóstos ; — e como estes, todos os formados do verbo *pôr*.

Quando a vogal *o* fechada vem antes de *g, rn, rp, so, ss, v*, no plural transforma-se em *ó* aberto.

Antes de *g* : — fogo, fógos ; — exceptuam-se : — desafigo e pedagogo.

Antes de *rn* : — aderno, adornos.

Antes de *rp* : — corpo, córpos.

Antes de *so* : — goso, amoroso, gósos, amorósos e todos os terminados em *oso*.

Antes de *ss* : — cosso, óssos -- exceptuam se : — en-

dosso, ensosso ; --- porque --- endosso - é composto do vocabulo --- dorso (o antes de rs), e --- ensosso --- é composto de *in* e *salsus* que mudando o *a* em *o* o *l* em *s* produz as syllabas --- sosso--- as quaes não vem do substantivo --- osso.

Antes de *v* --- ovo, óvos, povo, povos.

Alguns substantivos não são usados no singular : --- alviças, algemas, matinas, nupcias, trevas, --- etc.

Outros não se usam no plural : 1.º os nomes próprios : --- Paulo, João. Exceptuam-se os casos em que são empregados figuradamente, indicando uma classe : em Camões :

Um Pacheco fortissimo e os timidos
ALMEIDAS por quem sempre o Tejo chora.

Canto 1.º, Estr. 43.

Os PEREIRAS tambem arrenegados.

Canto 4.º, Estr. 40.

2.º os nomes de sciencias, artes, virtudes e vicios empregados abstractamente: Philologia, pintura, caridade, embriaguez ;


3.º os nomes de provincias, estados, rios, montes, serras etc :—Pernambuco, Capibaribe, Mantiqueira ;

4.º os nomes de metaes ou substancias inorganicas : —ouro, hydrogenio ;

Em geral os substantivos abstractos não são usados no plural.

Ha substantivos que soffrendo a flexão do plural mudam de significação : bem, bens ; honra, honras ; liberdade, liberdades ; lettra, lettras.





LECÇÃO DECIMA TERCEIRA

FLEXÕES SUBSTANTIVAS : GRAU, DECLINAÇÃO EM LATIM E PORTUGUEZ

I

Os substantivos além da flexão de genero e numero que soffrem, podem tambem mudar a sua terminação para exprimir a maior ou menor intensidade na grandeza dos objectos.

Dá-se a esta flexão o nome de *gradativa* que consiste na addição de desinencias para augmentar ou diminuir a idéa da palavra São, pois, *augmentativo* e *diminutivo* os graus do substantivo.

A noção de gráu pode ser applicada a qualquer classes de palavras, conforme o sentido e a extensão que se derem a essa noção.

D'este modo, quem negará que nos synonymos não se observam estes phenomenos ?

Por acaso não terá uma significação mais intensa a palavra *palacio* do que a palavra *casa* ?

O mesmo poderíamos dizer, se observassemos a etymologia de certas preposições como : *in*, comparativo *inter*, superlativo *intimus* ; *ex*, comparativo *extra*, superlativo *extremus* ; *sub*, *super*, *supremus* etc.

Nos pronomes as formas do gráu comparativo arya-

no *ter* são indiscutíveis : *nos* comparativo *noster* ; *cos* comparativo *voster*.

Os verbos por sua vez podem ser susceptíveis de grau.

Assim, exprimindo a frequencia ou reiteração de um acto, diremos : *saltitar*, *palpitar* e *tutucar* originados de *saltar*, *palpar* e *tocar*.

Esse processo é usado pelos indigenas, e como diz José de Alencar : *Muré* flauta, *mnremuré*, flauta grande.

Muitas vezes encontramos as formas do gerundio assumindo flexão diminutiva como para dar mais expressão á phrase, o que também acontece no Gallego e Hespanhol : — *Estar dormindinho*.

Da mesma maneira os adverbios acceitam uma mudança na terminação para tomar forma diminutiva : *cedinho*, *devagarinho*.

No estylo familiar é uso repetir a mesma palavra para augmentar a força da expressão : --- Estou *muito* muito satisfeito.

A Grammatica, entretanto, só dá flexão gradativa aos substantivos e adjectivos.

Os dous graus dos substantivos *augmentativo* e *diminutivo* podem ser *analyticos* e *syntheticos*.

Analyticos são os expressos por duas palavras.

Neste caso as palavras empregadas são : *grande* para o *augmentativo* e *pequeno* para o *diminutivo*, como : --- *casa grande*, *casa pequena*

Syntheticos são os formados por meio de suffixos.

E' este o caso mais usual na lingua e para elle damos as seguintes regras :

Para formar o *augmentativo* :

Os nomes que terminam em vogal perdem esta letra e accrescentam as desinencias *ão*, *ão*, *az*, *azio*, *alha*, *orio*, *astro* : --- *casaco*, *casacão* ; *mestre*, *mestraço* ; *carta*, *cartaz* ; *copo*, *copazio* ; *gente*, *gentalha* ; *sabido*, *sabidorio* ; *poeta*, *poetastro*.

Os que terminam por consoante soffrem sem alteração alguma, o accrescime d'aquellas terminações : --- *mulher*, *mulherão* ou *mulheraça*.

Além d'estes suffixes ou terminações o Portuguez tem mil modos de formar o augmentativo, modos que não se podem sujeitar a regras.

Assim de --- amigo --- formamos o augmentativo --- amigalhão ; --- de bocca, boqueirão --- de espada, espadagão --- de cão, canzarrão --- de nariz, narigão --- de tolo, toleirão --- de santo, santarrão --- de homem, homemzarrão

Deduz-se, porem, de todos estes exemplos que o principal suffixo augmentativo é *ão* e o seu feminino *ona*.

A Lingua Portugueza possui tambem certos augmentativos a que faltam positivos, como : --- cansaço, comilão, dizidor, estirão, fujão.

Para formar o *diminutivo synthetico* devemos observar :

1.^o si o nome termina em vogal, ou esta cáe ou colloca-se a letra *z* para depois addicionarem-se lhe sem mais alterações os suffixos diminutivos ; --- filho, filhinho, cão, cãozinho.

2.^o si termina por consoante ou colloca-se aquelle *z* ou accrescenta-se sem mais alteração os suffixos : --- colher, colherinha ou colherzinha.

Os suffixos diminutivos são *acho, culo, ejo, el, elha, ela, ete, eto, ico, ilha, im, inho, isco, ito, ola, ote, ulo* ; --- rio, riacho ; animal, animaculo ; animal, animalejo ; fardo fardel ; aza, azelha ; via, viela ; sabão, sabonete ; coro, coreto ; abano, abanico ; manta, mantilha ; flauta, flautim ; pae, paesinho ; chuva, chuveiro ; pequeno, pequenito ; saco, sacola ; rapaz, rapazote ; globo, globulo

E' desnecessario dizer que a cada desinencia masculina corresponde uma feminina ; assim a *ão* corresponde *ona* ; a *ito, ita* ; a *elo, ela, a eto, eta* ; a *inho, inha, etc.*

Possue a Lingua Portugueza diminutivos irregulares empregados na linguagem familiar, diminutivos que em alguns casos exprimem mais carinho do que propriamente diminuição. Estão neste caso : — Papae titio, vovo, padrinho. Em outros casos o diminutivo é formado pela reduplicação de uma syllaba da palavra :

— de José, Zézé — de Luiz, Lulú — de Carlota, Lolota.
Estes vocabulos são chamados *hypocoristicos*.

II

Na *Sciencia da Linguagem* diz Max Müller sobre casos : (1)

Na língua philosophicã dos Stoicos, *ptozis* que os Romanos traduziram por *casus*, significa realmente *quê-da*, isto é, a relação de uma idéa com outra e o acto pelo qual uma palavra cáe e se appoia sobre outra.

Longas e vivas discussões appareceram sobre a questão de saber se si o termo *ptozis* ou *casus* podia applicar-se ao nominativo e todos rejeitaram a expressão de *casus rectus*, porque, segundo os grammaticos stoicos, o sujeito ou nominativo não cáe nem sobre cousa alguma se appoia, mas sim serve de ponto de appoio ás outras palavras da oração

Ed Chaignet explica a razão d'esta denominação de *caso recto* dizendo (2) :

A palavra em si é sempre o signal de uma acção, porque nós não percebemos senão movimentos e acções ; a substancia immovel que os produz se occulta e desaparece.

Mas como ella não existe sò para isto, porem é tambem o fundamento necessario de toda a actividade, o principio immovel de todo o movimento, collocamo-la, supponho-la no discurso como ponto de repouso d'onde parte o movimento, d'onde se desenvolve o predicado.

D'ahi a forma que toma e sujeito de todo o verbo, este *caso recto* que se chama *nominativo* e que mostra o ser em repouso, existente em si e por si.

Os outros casos não são nomes, como diz Aristoteles, mas derivações, obliquidades, declinações do nome.

(1) Pag. 126.

(2) La philosophie de la science du langage.

O nominativo e os demais casos de que se compõe a declinação latina soffreram senão completo desaparecimento, pelo menos grande simplificação, simplificação que já se observa na propria lingua latina.

A diminuição, depois o desaparecimento nas linguas romanas da declinação casual tem causas phoneticas e syntacticas. Sem remontar além do Latim classico que nos offerece já uma declinação reduzida, essa declinação foi a principio attingida profundamente pela queda do *m* final.

Na 4.^a declinação ficando confundidos o nominativo e o accusativo, resultou a vinda das preposições para reger o accusativo. (1)

O desaparecimento dos casos trouxe em Portuguez o emprego do systema proposicional que tambem se encontra no latim popular, como dissemos.

Por certo foi se operando lentamente nas linguas neo-latinas, e em francez, como diz Brachet, temos a distincção do artigo *li* nominativo, de *le* accusativo.

Hovelacque affirma que a simplificação encontra-se em todas as linguas modernas.

Em Portuguez encontramos alguns vestigios da declinação latina.

Do *nominativo*, temos principalmente os nomes proprios : --Carlos, Luiz, Marcos, Moysés, calix, Deus, Jesus, simples, demo, elle, ladra (de que prevaleceu o feminino *ladra* em logar de *ladrona*), leopardo, serpe, vinagre.

O nominativo parece ter sido, diz Sayce, uma addição posterior á declinação nominal. Tudo parece indicar que o accusativo é a forma mais primitiva do nome. (2)

Do *genitivo* poucos vestigios encontram-se em Portuguez e isto é facil de explicar porque desde o periodo classico o genitivo começou a ser substituido pelo ablativo com a preposição *de*.

(1) Romania n. 91—1894, Pag. 321.

(2) Principes de Philosophie Comparée.

Assim mesmo encontramos—aqueducto, juriscôn-
sulto, legislação, petroleo, plebiscito, terremoto.

Do *dativo*, por causa da confusão do locativo, do
genitivo, do ablativo e do instrumental, como diz Schlei-
cher, a flexão era imperfeita. Assim mesmo possuímos
os pronomes :—mim, ti, si, lhe; crucifixo, devoto, fidei-
commisso.

Foi o *accusativo* um dos poucos casos da declinação
latina que na passagem para o Portuguez conservou
toda a força syntactica.

E' occasião de succintamente tratarmos da questão
de qual ser o caso d'onde etymologicamente derivaram
os nomes portuguezes : do *accusativo*, ou do *ablativo* ?
Dizem os que sustentam ser o *ablativo* o caso origina-
rio, que, por exemplo, a palavra *servo* em Portuguez
não pôde vir de *servum* (acc.) e sim deve vir de *servo*
(abl). Esse grande argumento cae por terra desde que
attendamos que o suffixo *m*, resto da forma aryano *ma*,
perdeu-se, o que já é observado nos antigos documentos
da lingua.

Segundo Diez, o *m* final tinha um som surdo parti-
cular, e era muitas vezes supprimido, sobretudo nas
inscrições.

Nos mais antigos documentos encontram-se : *viro*,
urbe, por *virum*, *urbem*.

Diz Corssen : E' difficil de dizer quando as con-
soantes *s* e *m* cujo som na bocca do povo desde os tem-
pos mais antigos era surdo e fraco, cessaram de re-
soar e desapareceram.

Desde o começo do seculo 4.º a queda completa do
m e *s* finaes era um facto na linguagem popular.

A queda do *m* é tam natural como a do *s* de grande
numero de nominativos.

Vemos assim no latim barbaro *illo* por *illum*, *An-*
tonio ou *Antoniu* por *An'oni*us.

Para provarmos ainda mais ser o *accusativo* o caso
originario, basta observarmos as palavras imparisylla-
bas neutras :

tempo — acc. tempus. abl. tempore

corpo	—	acc.	corpus.	abl.	corpore.
peito	—	«	pectus.	«	pectore.
lado	—	«	latus.	«	latere.

D'onde se vê, a originarem-se do ablativo estas palavras deviam ser em Portuguez : *tempre, corpre, latre*, etc., como succede com os nomes que não são neutros.

arvore	—	acc	arborem.	abl.	arbore.
lebre	—	«	leporem.	«	lepore.

Ainda se encontram vestigios do accusativo nos pronomes—te, se, nos, vos, nos termos o, a, (*illum, illam* accusativos de *ille, illa*).

Em alguns vocabulos portuguezes acham-se vestigios do accusativo:—marmota, morcego, homem.

E' digno de nota os dous casos nominativo e accusativo dando origem a mesma palavra.

A derivação só é indicada pelo accento tonico.

virgo	(nominativo)	lat.	virgo
virgem	(accusativo)	«	virginem
erro	(nominativo)	«	error
error	(accusativo)	«	errorem
ladro	(nominativo)	«	latro
ladrão	(accusativo)	«	latronem
serpe	(nominativo)	«	serpe
serpente	(accusativo)	«	serpentem
léo	(nominativo)	«	léo
leão	(accusativo)	«	leonem
saibo	(nominativo)	«	sapor
sabor	(accusativo)	«	saporem

O mesmo encontra-se em Francez : *Pâtre, pasteur ; sire, seigneur ; chantre, chanteur*.

E' o que constitue as formas divergentes.

O *vocativo*, por ser uma repetição do nominativo, somente introduzio no Portuguez a palavra : Ave-Maria.

Em Portuguez para empregarmos este caso precedemo-lo de alguma interjeição.

O *ablativo*, segundo Bréal, tornou-se pela perda do locativo e do instrumental o representante de um grande numero de relações, vindo então em seu auxilio o emprego de varias preposições.

Um fragmento da obra de Cezar *Da Analogia* nos faz crer que é talvez a elle a quem devemos o termo *ablativo*.

Este nome não se encontra em escriptor algum anterior.

O *ablativo* foi o caso que mais relações representava e segundo diz J. F. de Castilho em cada grupo de palavras nove descendem do *ablativo*.

Verificou tambem este escriptor que em uma pagina de Cicero dous terços dos substantivos e adjectivos estavam no *ablativo*.

Em Portuguez possuímos algumas palavras que nos indicam vestigios d'este caso. Assim : — Amanuense, agora ; as formas migo, tigo, sigo, que passaram agglutinadas com as preposições para o Portuguez, Italiano e Hespanhol, e todos os adverbios em *mente* (*ablativo de mens, mentis*).


Na linguagem popular encontramos formas com esta origem, taes como : *cum quibus* (dinheiro), *qui-pro-quo* (engano, descuido) *busillis*, derivado segundo o Dr. Castro Lopes da phrase *in diebus illis*.

Terminemos com Michel Bréal (1) : Todos sabem que um dos principaes caracteres que distinguem as linguas romanas do Latim, é a perda da flexão casual dos adjectivos. Si perguntamos d'onde vem esta mudança, a observação externa nos revela duas causas : a pronunciação e o *accento tonico*.

Corssen demonstrou que para o fim do imperio romano o *o* e o *u* acabaram de confundir-se ; que da mesma maneira os sons do *e* e do *i* se tinham approximado tanto que tornou-se difficil distingui-los.

Não precisa maior prova para demonstrar o desaparecimento da declinação em Portuguez.

(1) *Melanges de Mythologie et Linguistique*.



LECÇÃO DECIMA QUARTA

ADJECTIVOS : DIVISÃO.

Os adjectivos são considerados por alguns philologos como as primeiras palavras que o homem pronunciou ao adquirir a faculdade de falar.

E' assim que o *sol* é o *brilhante*, o *rapido*.

Parece á primeira vista que o que mais devia ferir os olhos do observador eram as qualidades exteriores, os attributos.

Sayce é de opinião que o vocabulo primitivo, tinha o sentido de uma phrase, e diz que a linguagem pertence á sociedade e não ao homem, deve pois começar com a phrase e não com a palavra. (1)

E' esta uma profunda questão da Linguistica.

Diz Rousseau e com razão que pode-se julgar que as primeiras palavras de que os homens fizeram uso, tiveram no seu espirito uma significação muito mais lata do que as que são empregadas nas linguas já formadas, e que elles ignorando a divisão do discurso em suas partes constitutivas deram a principio a cada palavra o sentido de uma proposição inteira. (2)

O mesmo diz Schleicher.

Definamos o que seja adjectivo.

Adjectivo é a palavra que exprime um attributo qualificativo ou determinativo que modifica o substantivo.

(1) Principes de Philologie Comparée. Cap. 4.º

(2) Discours sur l'inegalité.

Seu principal caracteristico é vir sempre com o substantivo claro a quem modifica ; quando este está occulto o adjectivo toma o nome de *pronome*.

Esta opinião não é geral ; querem alguns grammaticos que em qualquer dos casos o adjectivo não perca a sua denominação.

O adjectivo divide-se em qualificativo e determinativo.

Qualificativo é o que mostra a qualidade ou propriedade da pessoa ou coisa expressa pelo substantivo : *bom livro, casa grande*.

Determinativo é o que limita, destingue ou designa a pessoa ou coisa expressa pelo substantivo : *meu livro, esta casa*.

O adjectivo qualificativo divide-se em explicativo ou restrictivo.

Explicativo é o que mostra uma qualidade essencial, uma qualidade que já pertence ao substantivo : *homem bipede, agua molle*.

Restrictivo é o que mostra uma qualidade accidental, accessoria, uma qualidade que pode pertencer ou não ao substantivo : *homem branco, rosa encarnada*.

Praticamente para distinguir-se o adjectivo restrictivo do explicativo basta collocar se antes do substantivo a palavra *todo* e si o sentido ficar completo e logico o adjectivo será explicativo, no caso contrario será restrictivo.

Esta distincção é baseada mais na significação do substantivo de que na propriedade do adjectivo ; assim é que um mesmo adjectivo pode ser explicativo ou restrictivo conforme o substantivo com que concordar : *gelo frio, frio* é adjectivo explicativo ; *tempo frio, frio* é adjectivo restrictivo.

Os adjectivos determinativos dividem-se em

Determinativos	{	Possessivos	{	Numeraes	{	Cardinaes.
		Demonstrativos				Ordinaes.
		Relativos				
		Quantitativos				
		Articulares				
				Indefinidos		

Adjectivos possessivos são os que exprimem idéa de posse em referencia ás pessoas grammaticaes.

As pessoas grammaticaes são :

Eu, nós (4.^a pessoa) ; tu, vós (2.^a pessoa) ; elle, ella, elles, ellas 3.^a pessoa). (4)

Os adjectivos são portanto :

Masculino : meu (*meum*), teu (*tuum*), seu (*suum*)

Feminino : minha (*meam*), tua (*tuam*), sua (*suam*)

referindo-se a uma só pessoa.

Masculino : nosso (*nostrum*), vosso (*vostrum* ou *vestrum*)

Feminino : nossa (*nostram*), vossa (*vostram*)

referindo se a mais de uma pessoa.

As formas do plural : meus, teus, seus, minhas, tuas, suas, nossos, vossos, nossas, vossas são formadas na propria lingua.

Na origem latina d'estes adjectivos ha a notar o feminino = minha — ao lado de — tua e sua. Devemos observar, porem, que a forma primitiva era — *mia* — até o seculo 12.^o e que pelo prolongamento da nasal *m* ficou — *minha*, — como prova — *mui* — pronunciado *muin* — muito, (*muinto*) e *mancha* (*maculam*).

Encontra-se a forma *mia* no Canc. inedito : *Mia morte* ; com *mia* molher (Diez).

Adjectivos demonstrativos são os que indicam a posição dos objectos. São : simples e compostos :

Simples :

este, esta (singular) estes, estas (plural) lat : *iste, ista*
esse, essa (singular) esses, essas (plural) lat : *ipse, ipsa*
aquelle, aquella (singular) aquelles, aquellas (plural) lat :
ecce illum, ecc'illum, ecce illam, ecc'illam ou *hic ille, hic illa*.

Os compostos são :

(1) Vide Lecção 15.^a

Est'outro, a, os as do latim *ist'alterum*
 Ess'outro, a, os, as » » *ips'alterum*
 Aquell'outro, a, os, as, do latim *ecc'illum alterum*.

Os adjectivos demonstrativos appresentam vestígios do genero neutro nas formas : isto (*istud*), isso, (*ipsud*), aquillo (*ecc'illud*) e seus compostos : ist'outro, iss'outro e aquill'outro, que todos são somente considerados como pronomes.

—Este— refere-se á pessoa ou ao objecto que está proximo de quem fala (1.ª pessoa)

—Esse— á pessoa ou objecto que está proximo á pessoa com quem se fala (2.ª pessoa)

—Aquelle— refere-se á pessoa ou objecto que está distante de ambos (3.ª pessoa).

Relativos, são os que lembram uma pessoa ou cousa e ligam orações. São, por isso, chamados tambem *con-junctivos*.

São :—qual, plural quaes (*qualis*); que (*qui*); quem (*quem*); cujo fem. cuja, plural cujos, cujas, (*cujus*). Estas palavras devem antes ser incluídas na classe dos pronomes, pois que com excepção de *cujo*, nunca trazem substantivo junto com que concordem, a não ser em phrases exclamativas e interrogativas.

Quantitativos são os adjectivos que indicam um numero, uma quantidade certa ou incerta.

Quando exprimem uma quantidade certa chamam-se *numeraes*.

Quando exprimem um numero, uma quantidade incerta, indeterminada chamam-se *indefinidos*.

Os *numeraes* dividem-se em *cardinaes* e *ordinaes*.

Cardinaes são os que exprimem simplesmente a idéa numerica : —cinco, cem.

Ordinaes são os que indicam o numero com idéa de ordem, de collocação : — quinto, centesimo.

Os *numeraes* portuguezes só se distinguem dos latinos pela phonetica : um, *unus*; dous, *duos*; tres, *tres*; quatro, *quatuor*; cinco, *quinque*; seis, *sex*; sete, *septem*; oito, *octo*; nove, *novem*; dez, *decem*.

De 14 a 15, dizem Pacheco e Lameira, (1) os nossos numeros indicam uma contracção regular dos typos latinos, sujeitos á acção dissolvente das leis phoneticas que transformaram a desinencia *cim* em *ze*.

Assim temos : onze, *undecim* ; doze, *duodecim* ; treze, *tredecim* ; quatorze, *quatuordecim* ; quinze, *quien-decim*.

De 16 a 19 abandonando as formas syntheticas seguiu o Portuguez outro modelo a que os Romanos davam preferencia por ser mais claro, segundo refere o Grammatico Prisciano : —dezesete, *decem et septem* ; dezoito, *decem et octo* ; dezenove, *decem et novem* (Tito Livio, Cezar) e em toda a nnumeração d'elle não mais se afastou.

De 20 a 90 nota-se o atrophiamiento do numéral latino.

Assim : vinte, *viginti* ; vinte e um, *viginti unus* ou *unus et viginti* ; vinte e dous, *viginti duos* ou *duos et viginti* ; trinta, *triginta* ; quarenta, *quadraginta* ; cincoenta, *quingenta* ; sessenta, *sexaginta* ; setenta, *septuaginta* ; oitenta, *octoginta* ; noventa, *nonaginta*.

E' digno de nota o que Max-Muller baseado em Bopp diz sobre o numero *vinte* : (2)

—Vinte— no latim *viginti* e no sanskrito *vinsanti*, encerra em si mesmo o proprio nome do numero. Em primeiro logar *vi* foi reduzido de *dvi*. Não ha nesta alteração nada de extraordinario porque o latim *bis* primitivamente era *dvis*. Vemos mais *dis* em latim, como preposição, com a significação de *em dous*, na palavra *discussão*, que verdadeiramente é a acção de quebrar um caroço para chegar a amendoa, como tambem *percussão* significa bater, ferir de parte a parte.

Quanto a segunda parte da palavra *viginti*, é uma corrupção da palavra que significa *dez*. *Dez* em sanskrito é *dansan*, d'onde derivou-se *dasati*, decada ; este ficou reduzido a *sati* o que com *dvi=vi* (dous) nos dá *vinsati* por *visati* : *vinte*.

(1) Grammatica Portugueza. Pag. 365.

(2) La science de langage. Pag. 50 Bopp. Obra citada, Pag. 238, Tomo 2.º.

— Cem — vem do latim *centum*.

De 200 a 900 basta mudar a terminação latina *enti* ou *genti* para *centos* ou *zentos* : duzentos, *ducenti* ; trezentos, *tricenti* ; quatrocentos, *quadragenti* ; quinhentos, *quingenti* ; seiscentos, *sexcenti* ; setecentos, *septingenti* ; oitocentos, *octingenti* ; novecentos, *noncenti*.

— Mil, — vem de *mille*.

— Millão, bilhão — e os formados identicamente são palavras vernaculas.

Para formar os ordinaes, o Portuguez não faz mais que copiar os ordinaes latinos.

Podemos em todo o caso appresentar tres modos de formação : 1.º accrescentamento da terminação *esimo* : — trigesimo, quadragentesimo ; 2.º augmento do suffixo : *eiro* : — primeiro, terceiro ; 3.º derivação directa do latim : — segundo, quarto, quinto, nono.

Damos agora os numeræes ordinaes latinos e os seus correspondentes em Portuguez :

primus ou primario — primo ou primeiro
secundus — segundo
tertius ou tertiarius — tercio ou terceiro.
quartus — quarto
quintus — quinto
sextus — sexto
septimus — septimo
octavus — oitavo
nonus — nono
decimus — decimo
undecimus — undecimo
duodecimus — duodecimo
decimo tertius — decimo terceiro
vigesimus ou vicesimus — vigesimo.
vigesimus primus — vigesimo primeiro.

quingagesimus — quingagesimo
sexagesimus — sexagesimo
septuagesimus — septuagesimo
octogesimus — octogesimo
nonagesimus — nonagesimo
centesimus — centesimo
duocentesimus — duocentesimo.
tricentesimus — tricentesimo
quadragentesimus — quadragentesimo
quingentesimus — quingentesimo
sexcentesimus — sexcentesimo
septingentesimus — septingentesimo

trigesimus ou tricesimus —
trigesimo.
quadragessimus — quadrage-
simo

octingentesimus — octingen-
tesimo
nongentesimus — nonagen-
tesimo
millesimus — millesimo

Podem ser incluídos no classe dos numeraes os mul-
tiplicativos : — simples, duplo, triplo, quadruplo quin-
duplo etc., que todos conteem o elemento *pli*, dobro,

A palavra indiana — corja — antigamente significava
um numero de 20 peças da mesma especie.

— Arroba — é a palavra arabe que significa a quarta
parte.

Da mesma forma as palavras: dizimo (*decimus*), gro-
za (doze duzias), par (dous), novena, vintena, quarentena.
e os numeraes italianos : *duo*, *trio*, e os nomes for-
mados com os prefixos latinos *deci*, *centi*, *milli* : — de-
cmetro, centmetro, millmetro — e finalmente os com-
postos dos prefixos gregos *deca*, *hecto*, *kilo*, *myria* : —
decmetro, kilometro, myriametro, estas duas ultimas
classes usadas em Arithmetica.

Entretanto todas estas palavras são consideradas
como substantivos e o mesmo acontece a — Biennio,
triennio, centenario, etc., e os formados com a desinen-
cia *avos* : — onz'avos, doz'avos.

E' occasião de dar uma noção ligeira do modo de
datar os documentos,

Antigamente encontrava-se o seguinte : *Dante na*
Ribeira X dias de mago, e tambem uma outra formula,
ainda hoje empregada : — Aos 11 de Novembro.

No seculo 14.º vê-se — Lisboa X dias por andar de
Agosto, — sobre o que diz João Ribeiro :

O eixo de todo o calendario consiste no dia primeiro
de cada mez : os dias que se seguem são dias *andados*
e os dias que precedem ao 1.º são dias *por andar*.

No exemplo citado o dia é 22 de Julho.

Si dissessemos : — X dias andados de Agosto, era :
10 de Agosto.

E' uma reminiscencia das calendas romanas.

Indefinidos são os adjectivos que indicam numero ou quantidade não determinada, incerta.

Podemos enumerar os seguintes :

Algun, alguma, alguns, algumas : *aliqu'unum*, *aliquam* ou *algo um*.

Cada (invariavel e sempre adjectivo) segundo Diez derivado de *quisque*, segundo Meyer do grego *kata*.

Cada um, cada qual (inv.) compostos vernaculos.

Certo, a, os, as, (sempre adjectivos) : *certum*. No latim classico a forma é *quidam*, vulgarisada no elemento popular do Brazil

Demaes (inv, e sempre precedido do artigo os) composto vernaculo.

Mesmo. a, os, as, (sempre precedido dos artigos), *melipssimus*, *metipsimus*, *metips'mus*, *medessmo*, *medesmo*, *meesmo*.

Mais : *magis*.

Menos : *minus*.

Muitos a, os, as : *multum*

Nada : *res, nata*.

Nenhum, a, uns, umas : *nec'unum* ; é propriamente de formação portugueza.

Outro, a, os, as : *alterum*.

Pouco : *paucum*.

Qual, quaes (sempre pronome, repetido) : *qualis* ; nos conhecidos versos de Camões : estrophe 64, canto 6.^o.

QUAL do cavallo voa que não desce
QUAL co'o cavallo dando em terra geme.
QUAL vermelhas as armas faz brancas
QUAL co'os penachos do elmo açouta as ancas

Canto 7.^o, Estr. 35 :

A QUAL Chalé, a QUAL a ilha da Pimenta
A QUAL Coulão, a QUAL dá Cranganor.

Qualquer : formação vernacula, com a forma archaica — qual quizer.

Quanto, a, os, as, : *quantum*.

Que (significando — qual, quaes, quanto, que coisa)

qui.
Quem (repetido) : *quem*. Em Camões : Canto 1.º, Estrophe 92.

QUEM se afoga nas aguas encurvadas
QUEM bebe o mar e o deita juntamente.

Só, (sempre adjectivo) *solum*.

No plural regido da preposição *a* forma uma locução adverbial *a sós*.

Tal, taes (corresponde a — qual, quaes) : *talis* :

QUAES para a cova as providas formigas
TAES andavam as nymphas.
Luziadas. Canto 2.º Estr. 23.

Tanto, a, os, as : *tantum*. No Canto 4.º, Estr. 29 diz Camões :

TANTOS climas e ceus exprimentados
TANTO furor de ventos inimigos.

Todo, a, os, as : (com a variação neutra — tudo) :
totum.

Um, uma, uns, umas : *unum*.

A *um* corresponde *outro*.


UNS trazem derredor de si cingidos
OUTROS em moda airosa sobraçados.
Luziadas. Canto 1.º, Estr. 47.

Entre os *indefinidos* podem ser incluídos ; — Fulano, do arabe *Folano* e por analogia — Sicrano, Beltrano e o termo — gente, — muito usado pelo erudito Ramalho Ortigão.

Julio Ribeiro diz que a origem de — Fulano é incerta. Constancio entende que Fulano é o termo arabe *folano* : a ser assim, continúa elle, talvez que a atracção da rima creasse os termos oppostos — beltrano e sicrano —

— Beltrano — parece ser o substantivo proprio Beltrão, empregado para indicar pessoa que se não quer nomear, do mesmo modo porque se empregam para fim identico os substantivos propios Sancho e Martinho.

Os indefinidos : — *alguem* (*aliquem*), *ninguem* (*nequem*), *outrem* (*alterum*), e *quemquerque* (composto vernaculo) conteem em si o elemento *hem*, homem, e só se referem a pessoas.



LECCÃO DECIMA QUINTA

FLEXÕES DOS ADJECTIVOS. SYNTAXE

I

As leis geraes que regem a flexão generica e numerica dos substantivos applicam-se com poucas excepções ou amplificações aos adjectivos. Precisamos fazer notar que os adjectivos não teem genero e sim terminações que se adaptam ao genero dos substantivos.

Os adjectivos que não mudam de terminação, são chamados uniformes, em contraposição aos outros que são, biformes, isto é, tem duas fórmulas.

D'entre as regras para a formação generica do adjectivo destacamos :

Os adjectivos que terminam em *o* mudam-no para *a* : — justo, justa ; cujo, cuja. Note-se que os terminados em *ovo* e *oso* abrem o penultimo *o* : — novo, nóva ; generoso, generósa. Exceptua-se só que é uniforme.

Os que terminam em *u* acrescentam um *a* quando aquella letra é precedida de consoante : — cru, crua. Quando faz parte do dipthongo *eu* muda este dipthongo em *éa* : — europeu, européa ; plebeu plebéa. Exceptuam-se : — meu, minha ; teu, tua ; seu, sua ; judeu, judia ; sandeu, sandia ; e os que se escrevem com a graphia *éo* : — ilhéu, ilhota ; tabaréu, tabarôa.

Os que terminam em *ez*, *or*, *ol* e *um* acrescentam *a* : — portuguez, portugueza ; conhecedor, conhecedora ; hespanhol, hespanhola ; um, uma ; algum, alguma. Exceptuam-se : — cortez, montez, pedrez, soez ;

— bicolor, incolor, multicolor, semsabor, tricolor e os comparativos em *or* ; — reinol ; — cabrum, commum, ovelhum, vaccum — que são uniformes.

E' preciso notar que os nomes terminados em *or* tem tres formas para o feminino : — director, directora ; enredador, enradadeira ; gerador, geratriz

Geralmente são considerados como substantivos.

Os terminados em *ão* mudam esta terminação para *an* : — christão, christian ou christã.

Affastam-se d'estas regras : — bom, bôa ; dous, duas ; mau má.

São uniformes :

1.^o Os acabados em *e* : — prudente. Exceptuam-se : — este, esta ; esse, essa ; aquelle, aquella.

2.^o Os acabados em *al* : leal ; — em *el* : — cruel, amavel ; — em *il* ; — util, subtil ; — em *ul* : — azul ; — em *ar* : — singular ; — em *er* : — esmolér ; — em *az* : — capaz : — em *iz* : — feliz ; — em *oz* : — ve-loz ; — em *m* : — ruim ; — em *n* : — joven ; — em *s* : — simples.

Tambem antigamente não tinham terminação feminina os adjectivos terminados em *or* :

Maria, MORADOR em Lisbôa.

Fern. Lopes,

Arte, IMITADOR da natureza.

Arrais.

Até o seculo 15.^o os adjectivos terminados em *ol* eram uniformes. O mesmo acontecia com os terminados em *ez*, *iz* :

A NOSSA PORTUGUEZ casta linguagem.

Hyssope. Diniz.

Sobre a flexão de *numero* quasi nada mais ha acrescentar além das regras que já demos sobre a formação do numero plural dos substantivos (Lecção 12.^a)

Faremos notar somente que os adjectivos contrahidos, em regra não tomam signal de plural, ex :—são de santo ; grão de grande.

—Qualquer—só toma flexão de numero no seu primeiro termo componente :—quaesquer.

Herdamos do Latim os tres *graus* de significação a que estão sujeitos os adjectivos qualificativos.

São tres : positivo, comparativo e superlativo.

Si o adjectivo exprime só e simplesmente a qualidade, diz-se que está no grau *positivo* :—Maria é bella.

— Si o adjectivo exprime uma qualidade em *equal*, *maior* ou *menor* gráu relativamente á qualidade de outros substantivos diz-se que está no gráu *comparativo de equaldade*, *superioridade* ou *inferioridade* :— O mar é TAM BELLO como o céu, porém é MAIS POETICO E MENOS VASTO do que elle.

Si o adjectivo exprime a qualidade do substantivo no mais alto ou no mais baixo gráu relativamente á qualidade de outro substantivo diz-se que o adjectivo está no gráu *superlativo relativo* : O MAIS RICO dos homens não é O MAIS FELIZ. O orgulhoso é O MENOS FELIZ na sociedade.

Si, porém, este gráu superlativo exprime a qualidade do substantivo no mais alto ou no mais baixo gráu sem comparação, sem relatividade, diz-se que o adjectivo está no gráu *superlativo absoluto* : homem MUITO ALTO OU ALTÍSSIMO.

D'ahi conclue-se que o gráu comparativo subdivide-se em comparativo de *equaldade*, de *superioridade* e de *inferioridade*, e que o superlativo subdivide-se em *absoluto* e *relativo*.

Pode-se formar o *comparativo* de dous modos : 1.^o *analyticamente* juntando-se ao positivo os adverbios *tam*, *tanto* (egualdade), *mais* (superioridade), *menos* (inferioridade).

A *tam* e *tanto* correspondem as formas *como* e *quanto* : A luz é TAM PRECIOSA COMO OU QUANTO a agua. A *mais* e *menos* corresponde *que* ou *do que* : De outra

pedra MAIS CLARA QUE o diamante. Camões C. 1.
Ext. 22.

A rosa é MENOS BELLA QUE a violeta.
2.^o *synthetically*, por meio do suffixo *ior* (latim) que corresponde a *or* (portuguez).

Só possuímos em Portuguez os seguintes comparativos *syntheticos*:—bom comp. melhor; máu, comp. peor; grande, comp. maior; pequeno, comp. menor; alto, comp. superior; baixo, comp. inferior.

Junior, senior, major, prior, exterior, posterior, interior—embora pela sua origem possam ser incluídas nesta classe são considerados como substantivos ou adjectivos positivos.

O Portuguez possui também formas de comparativo *synthetico* exprimindo idéa de superioridade ou inferioridade mas representados por adjectivo positivo:—maiusculo—que corresponde no latim a—*grandiusculus*.—e—minusculo—dos quaes formamos também—maiorzinho e menorsinho—e o substantivo—mindinho.

O superlativo, como vimos, pode ser *absoluto* e *relativo*.

Si for expresso por uma só palavra é *synthetico*, si por mais de uma *analytico*.

O superlativo *absoluto synthetico* forma-se com o accrescimo da terminação *imo* derivada de *timus*, abrandada em *simus*, e *imus*:—facil sup. abs. synth. facilimo ou facilissimo.

Iss ou faz parte do thema ou é elemento euphonico.

Alguns adjectivos soffrem modificações antes de accitarem esse accressimo. Assim os que terminam em *vel* mudam-no em *bil*, approximando-se da origem latina;—agradavel (lat. *agradabilis*) agradabilissimo; notavel, (lat. *notabilis*), notabilissimo.

Os que terminam em vogal ou diphthongo nasal mudam o *ão* ou *m* em *n*:—chão, chanissimo; commun. communissimo.

Os que terminam em *z*, mudam-no em *c*: feroz, ferocissimo.

Os que terminam em *co* mudam esta terminação em

qu : —rico, riquissimo ; ou deixam cahir a vogal : —
parco, parcissimo.

Como neste ultimo caso, deixam cahir a vogal final
os terminados em e e o : —excellente, excellentissimo ;
bello, bellissimo.

Possue a Lingua Portugueza superlativos absolutos
syntheticos formados irregularmente.

Estão em primeiro logar :

	comp.	melhor.	sup.	optimo
Bom	«	peior	«	pessimo
Mau	»	maior	»	maximo
Grande	»	menor	»	minimo
Pequeno	»	superior	»	summo ou supremo
Alto	»	inferior	»	infimo.
Baixo				

Em segundo logar :

acer	sup.	acerrimo	livre	sup.	liberrimo
amigo	»	amicissimo	magnifico	»	magnificen- tissimo
antigo	»	antiquissimo	mau	»	malissimo
aspero	»	asperrimo	misero	»	miserrimo
celebre	»	celeberrimo	nobre	»	nobilissimo
christão	»	christianissi- mo	pobre	»	pauperrimo
cruel	»	crudelissimo	sagrado	»	sacratissimo
doce	»	dulcissimo	sabio	»	sapien- tissimo
fiel	»	fidelissimo	salubre	»	saluberrimo
frio	»	frigidissimo	simples	»	simplissimo
geral	»	generalissi- mo	seme- lhante	»	similimo
humilde	»	humilimo	sem po- sitivo	»	uberrimo
infel	»	infidelissimo			
integral	»	integerrimo			

Muitos d'estes superlativos teem além da forma refe-
rida uma outra regular : —poberrimo ao lado de pau-
perrimo ; frissimo —ao lado de frigidissimo ; inteiris-
simo —ao lado de integerrimo ; os primeiros superla-
tivos populares e os segundos eruditos.

Ha tambem superlativos e mesmo comparativos cujos positivos não se empregam : —minazeissimo, — positivo — minaz ; — belacissimo, — positivo — belaz.

Camões empregou no Canto 20 E. 46.

E os Turcos BELACISSIMOS e duros.

O superlativo *absoluto analytico* forma-se antepondo-se ao adjectivo positivo os adverbios *mui*, *muito* ou *nada*, ou então os adverbios em *mente*, ou os adverbios *assás* e *demasiado* : — João é MUI, MUITO, ASSAS, GRANDEMENTE OU NADA sabio.

O Portuguez não possui o superlativo *relativo synthetico* a não ser os formados com os comparativos syntheticos precedidos do artigo e seguidos de preposição *de* : o MELHOR DOS agouros é combater pela patria.

O superlativo *relativo analytico* forma-se, antepondo-se as palavras *o mais* ou *o menos* e suas variações ao positivo : — A caridade é A MAIS NOBRE das virtudes. O ar é o MENOS PESADO dos elementos.

Ha um outro modo de formação de superlativos, que se observa principalmente no Hebraico, é o da reduplicação : — Cantico dos Canticos. Rei dos Reis. — Este processo approxima o superlativo do numero plural, diz Sayce.

O superlativo é gráu que pertence ao adjectivo, entretanto na linguagem popular ou familiar costumamos dizer : — cousissima nenhuma.

Finalmente alguns adjectivos regeitam a flexão gradativa. Entre outros : — jovem, longinquo, adolescente, primeiro, immortal, repentino etc.

II

A syntaxe dos adjectivos refere-se a sua concordancia e collocação na oração.

Os adjectivos *qualificativos* concordam em genero e numero com os substantivos a que se referem : — casa branca, homens sabios.

si o adjectivo fizer as vezes de adverbio fica invariavel.

E' occasião de sobre o adjectivo *meio* dar a palavra a Silvio Tulio (1) : « Erram muitos escriptores contemporaneos empregando o adjectivo *meio* sem lhe darem construcção adverbial que lhe compete em muitas phrases taes como : — casa meio feita, pessoa meio morta, porta meio aberta. — Uma casa pode estar meia feita e meio feita.

Na primeira hypothese affirmase-se que a casa está — feita — até metade, por exemplo, da altura que deve ficar ; na segunda que a feitura da casa está em meio.

Na primeira phrase o vocabulo — meia — é rigorosamente adjectivo e como tal concorda com o substantivo em genero e numero ; na segunda emprega-se o mesmo adjectivo adverbialmente e então dá-se sempre a terminação masculina.

O segundo excerpto de Vieira (Sermão 40, 163) tira todas as duvidas porque nos dá exemplos de ambas as hypotheses : « Eram linguas partidas não só porque eram muitas linguas senão porque eram linguas e meias linguas, como as que elle aremedava. Meias linguas porque eram meio-européas e meio-indianas ; meias-linguas porque eram meio-politicas e meio-barbaras ; meias linguas porque eram meio portuguezas e meio de todas as outras nações que as pronunciavam ou mastigavam a seu modo. »

A regra da concordancia do adjectivo com o substantivo soffre excepção. 1.^o Quando concorrem muitos substantivos do singular de genero e significação diferentes, neste caso o adjectivo vae para o masculino plural : — Esforço e arte humanos.

2.^o Quando, porém os substantivos são de significação semelhante, o adjectivo concorda com o ultimo : — Pesar e dór amarga ou dór e pesar amargo.

3.^o Quando os substantivos estão no singular e são do mesmo genero o adjectivo vae para o plural : — A bocca e a face retorcidas.

4.º Quando os substantivos estão no plural e de género differente, o adjectivo concorda com o que está mais proximo : — Pezares e tristezas desconhecida ou tristezas e pezares desconhecidos.

5.º Quando o substantivo é nome de titulo feminino o adjectivo concorda com a pessoa a quem nos referimos ou com quem falamos : — Vossa Senhoria é servido Vossa Reverendissima está desejoso.

Os possessivos concordam em género e numero com os substantivos, e em regra collocam-se antes d'elles Exceptua-se no verso :

—Da terra tua o clima e região
Camões, Canto 2.º, Estr. 109.

ou quando o substantivo é precedido de outro adjectivo : Camões, Canto 2.º, Estr. 44.

Formosa filha minha, não temaes.

O portuguez costuma empregar o pronome pessoal em lugar do possessivo : — Vi-te os olhos — por — vi teus olhos.

A lingua Portugueza possui o que Pacheco e Lameira chamam possessivo pleonastico e possessivo periphrastico.

O 1.º consiste no emprego claro do possuidor : — os seus feitos d'elle. E' emprego popular.

O 2.º é o formado com os verbos *ter* e *haver* : — Com a sede que tenho de vingança — por — com a minha sede de vingança.

Os demonstrativos concordam com os substantivos e a elles se antepõem : — Este livro. — Exceptua-se quando a phrase é exclamativa : — Que menino este !

Os demonstrativos quando pronomes são ás vezes substituidos pelos artigos *o*, *a*, *os*, *as* :

No que disse Mavorte valeroso.
Luziadas Canto 4.º Estr. 41.

Dos relativos notamos :

Qual — traz sempre o artigo *o, a, os, as* acompanhando-o. pode ter claro o subsequente, e, como já vimos (Lecção 14.ª) tem função de indefinido.

Qual vae dizendo :—Luziadas. Canto 4.º, Estr. 90.
Qual em cabello — Luziadas. Canto 5.º Estr. 91

— Que — tem o subsequente occulto e é substituído por *o qual* e suas variações, quando o nome a que se refere (o antecedente) está distante e ha necessidade de clareza : — A penna que me deste. A penna da Livraria Moderna a qual hontem perdeu-se.

— Que — empregado interrogativamente pode conforme o sentido trazer claro ou occulto o artigo que o precede :

Que gente será está, em si diziam
Que costumes, que lei, que rei teriam ?
Camões, Canto 1.º, Estr. 45.

— Quem — refere-se á pessoas embora Camões algumas vezes empregue-o referindo-se a cousas ; nunca tem claro o subsequente.

— Quem — precedido de — sem — resolve-se em *o qual*

..... esposa
Sem quem não quiz amor que viver possa.
Lusiadas. Canto 4.º, Estr. 91.

Data esta transferencia do Seculo 17.º.

— Cujo — concorda com o subsequente que vem sempre claro e é differente do antecedente.

Antigamente era considerado tambem como interrogativo ; perdeu, porem, este latinismo.

Diz Julio Ribeiro que o emprego de — cujo — sem antecedente e subsequente immediato, si bem que classico é archaico : — Cujas são estas arvores ?—Eu sei cujo é o gado.

Os numeracs cardinaes precedem os substantivos ;

exceptua-se no adagio : — Em Abril aguas mil — onde — mil — não é numeral e sim indefinito com a significação de — muitas.

Um numero elevado indeterminado, diz Diez, (1) é expresso muitas vezes no Latim e em outras linguas por *centum mille*. No antigo romano havia tambem *quingenti*.

A expressão latina tradicional era *sexcenti*, mas em Plauto *quingenti* não é raro.

Em Portuguez entre — cem e duzentos — os numeros expressam-se por — cento : — cento e vinte, cento e noventa e nove ; precedendo immediatamente a — mil — émprega-se — cem — : Cem mil livros.

Os ordinaes, quando distinguem personagens de alta gerarchia, são empregados depois do nome : — Pedro segundo.

Nos numeros altos os ordinaes são substituidos pelos cardinaes : — Livro quarenta e dous.

Quando um numero cardinal encontra-se com um ordinal, pode se indifferentemente collocar antes qualquer um d'elles : — Os dez primeiros livros ou os primeiros dez livros (2).

Na chronologia empregam-se os numeraes cardinaes, com excepção do primeiro dia do mez que é expresso pelo ordinal ex : — Mil oitocentos e noventa e quatro. Primeiro de Maio. — Empregando a palavra — seculo — o cardinal pospõe-se e o ordinal antepõe se : — Seculo dezenove. Decimo nono seculo.

A palavra — ambos — empregada como numeral nas linguas néo latinas, com excepção do moderno francez, exige depois de si os artigos *os, as*. Entretanto Camões no Canto 4.^o Estr. 30 diz :

De ambas partes se move a primeira ala

Dos indefinidos, — um — contem em si uma idéa de pessoa indeterminada e é equivalente a — algum.

(1) Grammaire des langues romaines. Vol. 3.^o Pag 21

(2) Diez. Obra citada Vol. 3. Pag. 149.

E' empregado nos antigos textos com valor pleonastico — O homem é um animal. — Outro — tem a forma neutra — al.

Quando um substantivo, diz Diez, é designado relativamente a outro precedido por *alter*, (outro) os dous substantivos devem ter a mesma relação que tem a idéa restringida com a idéa geral : — O ouro e os outros metaes — Tem a forma invariavel — *outrem*.

Algun — substitue — um — e tem a forma neutra — algo (*aliquis*) e — alguém. Em Latim usa-se *aliquis*, *quisquam* e *quidam*.

Este pronome pode ser substituido por substantivos indicando uma indeterminação no mais alto grau. — Onde homem nunca chegou. (Diez).

Tal — corresponde a *nonnemo* : — tal semeia que não colhe ; e a *quidam* : — um tal homem. — Serve para designar uma pessoa hypothetica, que não se nomeia porque não existe : — Um tal Gonzaga (Diez).

As — palavras tanto, quanto, muito, pouco, todo — isto é, aquellas que exprimem idéa de numero também como vimos, são consideradas indefinidos

Devemos incluir nesta classe a formula latina *nescio quis* um não sei que, que designa, como affirma, Diez, alguma cousa de desconhecida.

Usa-se de — outrem, alguém, ninguém — como adjectivos, já na forma masculina, já na feminina, segundo o sexo das pessoas de quem se fala : — Outrem mais prendado ou prendada do que eu. — Aqui não ha alguém tam isento ou isenta de vaidade — Aqui não ha ninguém que não fique saudoso ou saudosa do Sr.

No estylo familiar — alguém — significa ás vezes pessoa de consideração : — Cuida que é alguém — ; e — ninguém —, ao contrario, individuo sem importancia :

— E' um ninguém.

— Ninguém — vindo antes do verbo, não admite outra negação, mas, depois d'elle não a exclue : — Ninguém pode dizer d'esta agua não beberei — Não vejo ninguém. (1)

Observamos, afinal que o termo—gente—é considerado indefinido sem que aliás se possa julgar o seu emprego especialmente como um brazileirismo.

Ramalho Ortigão emprega-o, entre outros livros, nas « Farpas », tomo 6.º Pag. 163 ; 8.º, 288 ; 10.º 26 e 44, etc.

No 3.º anno (1893-1894) da Revista Lusitana o illustrado glottologo portuguez, Leite de Vasconcellos emprega este termo á pag. 26.

E Camões diz :

Que aonde a gente põe sua esperança
Tenha a vida tam pouca segurança.

Canto 1.º, Estr. 405.





LECÇÃO DECIMA SEXTA

ARTIGO : SUA ORIGEM. EMPREGO E OMISSÃO. PRONOMES
PESSOAES : SUA COLLOCAÇÃO.

I

Em geral os grammaticos incluem os artigos na classe dos adjectivos determinativos e dão-lhe o nome de adjectivo articular.

Não ha razão alguma para não seguirmos a corrente do uso commum.

Max-Muller (1) diz que *artigo* é a traducção litteral do nome grego *arthron* (latim *artus*) que significava a articulação ou junta dos ossos.

Todos os pronomes eram considerados com articulações ou artigos do discurso.

Foi Zenodato quem primeiro imaginou a distincção entre pronomes pessoaes e os simples artigos, aos quaes desde então deu se o nome de *arthra*.

A existencia do artigo data do seculo 6.º, e nos mais antigos textos romanos vê-se o pronome *ille* exercendo esta funcção. Exemplos aos centos nos são dados pelo sabio Raynouard e muitos outros. (2)

Artigo, ou adjectivo articular é a palavra que modifica o substantivo de um modo preciso, determinado, particular.

(1) La science du Langage. Pag. 110.

(2) Diez. Pag. 16, Vol. 3.

O artigo em Portuguez é com suas variações para genero e numero e *o, a, os, as*.

O artigo contrae-se e combina-se com as preposições *a, de, em* e *per* da seguinte maneira :

<i>ao</i>	—	<i>a</i>	<i>o</i>	<i>do</i>	—	<i>de</i>	<i>o</i>
<i>á</i>	—	<i>a</i>	<i>a</i>	<i>da</i>	—	<i>de</i>	<i>a</i>
<i>aos</i>	—	<i>a</i>	<i>os</i>	<i>dos</i>	—	<i>de</i>	<i>os</i>
<i>ás</i>	—	<i>a</i>	<i>as</i>	<i>das</i>	—	<i>de</i>	<i>as</i>
<i>no</i>	—	<i>em</i>	<i>o</i>	<i>pelo</i>	—	<i>per</i>	<i>o</i>
<i>na</i>	—	<i>em</i>	<i>a</i>	<i>pela</i>	—	<i>per</i>	<i>a</i>
<i>nos</i>	—	<i>em</i>	<i>os</i>	<i>pelos</i>	—	<i>per</i>	<i>os</i>
<i>nas</i>	—	<i>em</i>	<i>as</i>	<i>pelas</i>	—	<i>per</i>	<i>as</i>

Notamos : 1.^o Até o seculo 17.^o havia a forma *ó* por *a--o* semelhante *o á* por *a--a*. 2.^o Antigamente havia as preposições *por* e *per* dando origem ás contracções *pelo* e *pelo*. A forma *pelo* desapareceu, subsistindo *pelo*; ao contrario a preposição *per* ficou desusada, e firmou seu dominio a preposição *por*. 3.^o Deixamos muitas vezes de usar a contracção *no, na, nos, nas* por euphonia, quando a palavra seguinte começa por voz nasal ; assim dizemos : — *em a route* — *por — na route*.

Sobre a origem do artigo definido divergem as opiniões dos grammaticos.

Uns são de opinião que o artigo origina-se do grego

Esta theoria não tem base alguma scientifica.

Bem sabe-se que o grego popular nada innovou no Latim, apenas creou grande numero de palavras usadas nas sciencias, as quaes só se fizeram notar depois da constituição da lingua.

Como já vimos o uso do artigo data do seculo 6.^o e é de verdadeiro emprego popular.

Além d'isto devemos considerar que, si apezar da grande influencia que os Gregos exerceram na Italia, a ponto de Cicero, Tiberio, Graccho e outros discursarem nesta lingua, o Latim não possuiu artigo ; como poderia aquelle povo introduzir tal palavra na peninsula Iberica.

em Portugal, onde a sua influencia foi somente sobre os usos e costumes ?

A segunda opinião sustentada por Leoni, Julio Ribeiro e outros, é a que dá como origem do artigo no singular o ablativo latino *hoc, hac* e no plural, o accusativo *hos, has*.

Diz este ultimo grammatico : O erudito Plinio o Moço, escriptor do 1.^o seculo da era christã, entendia que o pronome *hic, hæc, hoc* empregado como determinativo deveria ser reconhecido como verdadeiro artigo.

Egger affirma que nas escolas do Imperio do Occidente usavam os grammaticos romanos de *hic, hæc, hoc* para designar os generos dos nomes.

O que parece robustecer a opinião de Leoni e Julio Ribeiro é a antiga forma de escrever : *ho, ha*.

Devemos notar, porém, que, o *c* de *hoc, hac* é uma letra que em caso algum elimina-se completamente ; pode abrandar-se : *caveolam*, —gaiola ; —*amicum*, —amigo ; outras vezes e principalmente nos monossyllabos nazalar-se : *nec*, —nem ; —*sic*, —sim — ; *pectine*, —pente.

Só nos recordamos do caso de desaparecimento completo na forma contracta : — deão — de — décano — ou — dégano — originada de *decanus*.

Para explicar a letra *h* da forma archaica *ho, ha*, basta um simples olhar sobre certas palavras escriptas no seculo 15.^o : —*hinsidias*, *husofructo*, *he, hum*, —hoje : —*insidias*, *uso-fructo*, é, um.

Nas edicções primitivas dos Luziadas não faltam exemplos.

A terceira opinião, a nosso vêr, a verdadeira, diz que o artigo origina-se do accusativo *illum, illam*, (singular) *illos, illas* (plural).

Em todas as linguas romanicas o artigo é assim originado do accusativo de *ille, illa, illud*.

O Hespanhol tem *el, la, los, las*, o Francez *el, il, la, li, le, la, les* ; o Valachio *le, a, i* ; o Provençal *lo, la, il, li, las* ; o Italiano *el, la, lo, le, gli* ; porque razão só o Portuguez que tem as formas antigas *el, lo, ho* e as modernas *o, a, os, as* havia de affastar d'esta regra sem uma razão plausivel ?

E' o proprio Julio Ribeiro quem diz que não se póde negar que houve no Portuguez e no Gallego lucha pela existencia entre as formas *lo, la, los, las* e *o, a, os, as* encontrando-se exemplos classicos d'umas e d'outras.

Além do artigo *o* e suas variações, o Portuguez conservou o artigo *el*, usado na phrase *el-rel* e *el-dourado*.

Um outro artigo, chamado indefinido, por alguns grammaticos e ao qual não querem dar plural é *um*.

Deve antes com as suas variações *uma, uns, umas* ser classificado como adjectivo indefinido.

Querem crêr que *um* appresente vestigios de *homo* (homem) ou pelo menos sua influencia.

I I

O artigo emprega-se para determinar a significação de um substantivo ou para substantivar qualquer parte da oração ou uma oração inteira.

O artigo emprega-se ;

1.º Antes dos nomes proprios principalmente no plural :—os Almeidas—; no singular serve para mais distinguir a pessoa—o Camões ; ou é usado no estylo familiar :—o José ;

2.º Antes dos nomes das cinco partes do mundo, paizes mares, em summa, antes dos nomes geographicos. Esta regra tem innumeradas excepções ; como :—Pernambuco, Goyaz, Matto-Grosso, Minas-Geraas, S. Paulo, Santa Catharina, Sergipe, Portugal, Castella, Pariz, Berlim, Gibraltar, etc.

3.º Antes dos nomes de Sr., Sr.^a, de titulos, dos epithetos e cognomes —o Sr. Antonio, o Visconde do Rio Branco, o Leão Corôado, Izabel a Catholica.

Exceptua-se antes das formas—dom e dona, frei, soror, são ou santo : D. Pedro, D. Catharina, Frei João, Soror Maria, S. Bernardo, Santo Antonio.

4.º Antes dos pronomes possessivos, e ás vezes antes dos adjectivos possessivos, mas principalmente neste ultimo caso quando se quer exprimir vehemencia determinação :—Este é o meu filho e aquelle é o teu.

- 5.º Antes das horas :—Ao meio dia.
6.º Antes dos antonymos :—A luz e as trevas ; a modestia e o orgulho.
7.º Nas enumerações gradativas :—O sol, a luz, o calor como vivificam a terra !

Não se deve empregar o determinativo articular quando o substantivo já estiver determinado, nem quando o substantivo estiver tomado em sentido indeterminado :—Este livro. Onde ha fogo ha fumaça.

E mais nos seguintes casos especiaes :

- 1.º Antes dos termos principaes de um adagio :—Ouro é o que ouro val. Falar é prata, silencio é ouro.
2.º Nas enumerações sem idéa de gradação :—Gloria, honra, ouro, prazer, tudo se esvae no tumulto.
3.º Antes dos dias da semana e dos nomes de mezes.
4.º Antes dos substantivos que formam com o verbo uma idéa unica :—ter fome.
5.º Antes de—Sr., Sr.^a—quando a estes nos dirigimos sem lhe darmos titulos ou outro nome :—Sr. F. como vae ?.
6.º Antes do nome que vae ser definido :—Linguistica é a sciencia.
7.º Nas apostrophes ou phrases exclamativas :—Avante ! Mancebos.
8.º Antes do pronome *que* nas phrases interrogativas.
9.º Antes dos synonymos :—O sol, estrella fixa, astro de primeira grandeza, astro fecundador.

III

Ha quem considere como pronomes somente os pessoases.

Outros incluem nessa classe todos os adjectivos determinativos que vierem sem substantivo claro, trazendo á memoria um nome já enunciado.

Dispensamo-nos de analysar os pronomes que teem funcção de adjectivos. (Vide Lecção 15).

Pronomes pessoais, são os que lembram um nome em referencia ás pessoas grammaticaes.

E como as pessoas são tres : aquella que fala, aquella com quem se fala, e aquella de quem se fala, os pronomes pessoais são tres : da 1.^a pessoa *eu, nós* ; da 2.^a *tu, vós* ; da 3.^a *elle, ella, elles, ellas*.

« No periodo épithetico da lingua é onde colloco a
« origem dos pronomes pessoais. Bleek mostrou que
« estes pronomes eram originariamente substantivos
« significando *criado, reverencia, senhor*.

« Por toda a parte onde se pode analysar com successo o pronome mesmo nas linguas de flexão, vê-se
« que era um antigo substantivo que gradualmente perdeu seu sentido primitivo para tornar-se um puro symbolo ou o que os chinezes chamam uma *palavra vazia*. » (1).

Em geral os grammaticos dão o pronome *nós* como plural de *eu*. Julgamos ser isso uma incorrecção grammatical.

Não podemos melhor sustentar nossa opinião do que dando a palavra a Bopp. (2).

Diz elle, que *eu* não póde ter plural propriamente falando, porque não ha senão um só *eu*.

Quando digo *leões*, exprimo uma pluralidade de seres dos quaes cada um é um *leão*.

Entretanto quando digo *nós*, exprimo uma idéa que comprehende de uma vez o *eu* e um numero indeterminado de outros individuos que não são *eu* ; podem mesmo pertencer cada um a uma outra especie. Quando digo *elles* multiplico a noção indicada por *elle* no singular. Pode-se mesmo em rigor conceber um *tu* multiplo ; ao contrario, a idéa de *eu* não soffre multiplicação. Si é verdade, pois, que *nós* é o plural de *eu*, é isto uma especie de abuso da lingua ; o sentimento da personalidade escurece tudo a ponto de absorver e de deixar sem denominação tudo que não é o *eu*.

(1) Sayce. Principes de Philologie Comparée. Pag. 170—184.
(2) Grammaire comparée Pag. 263 2.^o Volume.

Devemos notar também que o pronome de 2.^a pessoa leva ás vezes o verbo á 3.^a pessoa.

Assim dizemos em Portuguez : — Você (2.^a pessoa, aquella com quem se falla) quer ? (verbo na 3.^a pessoa).

O mesmo acontece com o Francez, onde o criado fala na 3.^a pessoa e diz : *Monsieur veut-il ?*

Assim em Allemão.

Pott nota que os Allemães fazem tudo para não empregar o pronome de 2.^a pessoa e quando teem de fazê-lo recorrem ao methodo grosseiro de indicar o pronome pessoal por meio de um substantivo (1).

Em Portuguez temos o pronome — Você — derivado de — Vossa Mercê — com as formas intermediarias — Vossemecê e Vosmecê.

Por deferencia usamos também do pronome *nós* em lugar do pronome *eu*, exigindo a syntaxe que o adjectivo participio passado fique no singular.

Assim um orador falando em seu nome individual diz : — Nós estamos convencido.

DECLINAÇÃO DOS PRONOMES PESSOAES

<i>Singular</i>	<i>1.^a pessoa</i>	<i>2.^a pessoa</i>	<i>3.^a pessoa</i>	<i>3.^a pessoa (reflexo)</i>
Nomina- tivo...	eu	tu	elle-ella
Dativo...	mim-mi	ti	lhe	si
Accusa- tivo ..	me	te	o, a	se
Ablativo .	commigo	contigo	comsigo
<i>Plural</i>				
Nomina- tivo...	nós	vós	elles-ellas
Dativo...	nos	vos	lhes	si
Accusa- tivo...	nós	vós	os, as	se
Ablativo .	comnosco	comvosco	comsigo

(1) La diversité des races humaines. Pag. 5—6.
19

Examinemos agora a origem de cada um d'estes pronomes.

Eu forma abrandada da germanica *eo*, em Latim *ego*; no seculo 13.^o *eo*, depois *ieo* ou *jeo*, latente com a forma *geu* em *nan geu* (popular) *nem eu*.

Tu, te, me, se, nós, nos, vós, vos, vieram sem alteração e directamente do Latim. *Te* possui as variantes *che* e *xe*.

Elle, ella, elles, ellas com as formas archaicas *el, ello, ille* originam-se de *ille, illa, illis, illas*.

Mim é originado de *mihi*; o *m* final é produzido pelo prolongamento da nasal, como muito pronunciamto *muinto*.

No Portuguez ha muitas palavras duplas, nazalizadas e não :—assi e assim.

Camões emprega *mi* por *mim*.

Lhe e *lhes* derivam-se de *illi, illis* com as formas primitivas *lhi, lhis* e as intermediarias *li, illi, lhi*, plural *les, lhis*.

O, a, os, as substituem desde o seculo 16.^o o pronome *elle*, quando exprime o objecto sobre o qual se exerce a acção do verbo, e teem as formas antigas *lo, la, los, las* :—ama-lo, quere-las ;—originam-se de *illum, illam, illos, illas*.

João Ribeiro, orthographa o pronome *lo* assim :—amal-o — Entretanto diz em uma nota : « Os que dizem que o *l* é simplesmente euphonico, explicam a permuta do *r* em *l* :—amar-o em amal-o.

Mas como admittir permutas com *s* em *l* em *col-o* (por *vos-o*) contra todas as regras da phonetica? Houve, pois, quèda da letra precedente *r, s* e a conservação do artigo *lo*. (1)

Logo, dizemos nós, si a letra final desapareceu, aquelle pronome deve ser escripto separadamente, porque, além do mais, torna bem patente a sua forma antiga e origem etymologica.

Esta é tambem a opinião do sabio glottologo portuguez A. Coelho que diz :

(1) Gram. Port. 3.^o anno.

Nas formas verbaes do infinito e da 2.^a pessoa em certas outras palavras como — todos, sober (sobre) — dava-se a modificação do som final *r* ou *s* por influencia do *l* do artigo ; dizia-se assim : — *amal los homens* — por — *amar los homens* ; *amal las mulheres* — por *amar las mulheres* ; *sobo los rios* — por — *sober los rios* — *todo los dias* — por — *todos los dias* — Um facto identico se dá ainda hoje com o pronome regimen da 3.^a pessoa : — *ima-lo, amá-lo.* (1)

Ti e si derivam-se do *tibi* e *sibi* pela queda do *b* e contracção do *i*.

Migo, tigo, sigo usados em Portuguez sempre com a preposição *com* veem das formas latinas compostas : *mecum, tecum, secum* em que os pronomes *me, te, se* já trazem a preposição *cum*,

Dá-se em Portuguez uma repetição — *comigo* — (*cummecum*) O mesmo se observa a respeito de *nosco, vosco* derivados por meio de contracção de *nobiscum* e *vobiscum*.

IV

Sobre a collocação dos pronomes pessoaes complementos (variações pronominaes) ha tantos exemplos classicos em opposição, que infalliveis, certas e irrevogaveis leis ainda não foram approvadas.

A collocção das variações pronominaes pode ser feita antes dos verbos e tem o nome de *proclise* ; depois do verbo e tem o nome de *enclise* ; e no meio das formas do verbo e tem o nome de *mesoclise*.

Os pronomes chamam-se *procliticos, encliticos* e *mesocliticos*.

Examinemos as regras sobre a collocção.

Diz o Dr. Teixeira de Mello : « Nas orações em que o verbo tem por antecedente uma adversativa os pronomes veem depois.

Entretanto diz Gama e Castro : Quando a phrase começa por uma conjuncção os pronomes veem antes.

(1) Glottologia. 'ags. 37—38.

Diz Dr. Paranhos da Silva : Ha quem pense que só nas orações incidentes se podem collocar antes dos verbos os pronomes *me, te, se, etc*, entretanto :

De um gesto natural se converteu.

Camões.

Diz José de Castilho : Quando a oração começa pelo verbo ou seu agente, o verbo antepõe-se ao pronome ; no entanto :

O tempo me soprou favor divino
E as musas me fizeram desgraçado

Bocage.

Eu me arranco d'aqui com magua e dor.

Padre Antonio Vieira.

Ella lhe prometteu vendo que a amavam

Camões.

Diz Arthur Barreiros : Depois das palavras *a, e, mas* o pronome é eclitico ; entretanto : Té que aprouve a Deus de o levar para si e lhe succedeu etc.

Em Madrid tambem se recitaram poesias e se fez a festa, etc. P. Chagas.

Diz Dr. Teixeira de Mello : Nas formas de gerundio nunca se deve antepor.

Diz João Ribeiro : Nas phrases de gerundio, ha anteposição.

Diz ainda Teixeira de Mello : No infinito dos verbos manda a regra collocar os pronomes depois ; entretanto em Camões :

..... e começa os olhos bellos
A lhe beijar as faces e os cabellos.

Ad. Coelho dá a seguinte regra, que reconhece não ser *necessaria* : (1) Attrahem o pronome regimen para antes do verbo :

Os pronomes indefinitos	} precedendo o verbo.
Os pronomes interrogativos	
Os pronomes relativos	
(Os adverbios em geral (menos terminados em <i>mente</i>).	
As conjuncções	
As preposições com infinito	

No meio de tantas regras devemos observar as seguintes :

1ª. Não se deve eomeçar phrases pelos pronomes regimens.

2ª. Não se deve colloca-los depois dos participios passados.

3ª. Com as formas do futuro e condicional os pronomes são mesocliticos (pela figura *tmese*).

Além d'estas regras, é preferivel nas formas do infinito e gerundio ser o pronome enclitico, e nas orações negativas e subordinadas ser proclitico.

Tenha-se attenção tambem para a bôa comprehensão do discurso e para a euphonia (2).

Todas as variações pronominaes combinam-se com as formas *se* e *o*. O pronome *o* sempre se pospõe ; o pronome *se* sempre se antepõe :

Tornar-se-lhe amarello de enfiado

Lusiadas, Cº 2º 39.

Sem que t'c merecesse, nem te errasse

Idem Cº 2º, 39.

(1) Revista Luzitana Pag. 178—1887.


(2) Para maior conhecimento de tam controvertida questão consulte-se : Rascunhos sobre a Lingua Portugueza de B.(aptista) C.(aetano).

Com os pronomes *me, te, lhe*, dà-se a figura synalepha : *m'o, t'o, lh'o*.

Com os pronomes *nos e vos* emprega-se o pronome *lo*, cahindo o *s* por euphonia : *no-lo, vo-lo*. Esta combinação em regra vêm antes do verbo.

Ha tambem a combinação de tres variações prominaes : *Dê-se-lh'a*.





LECÇÃO DECIMA SETIMA

VERBO : DEFINIÇÃO, DIVISÕES. CONJUGAÇÕES

— A distincção entre o nome e o verbo ou para falar mais correctamente entre o sujeito e o attributo foi, diz Max-Muller, obra dos philosophos. (1)

Assim tambem os nomes technicos para caso, numero e genero foram inventados em uma epocha muito longinqua, com o fim de penetrar a natureza do pensamento e não de attingir um fim pratico, analysando as formas da linguagem.

Platão conhecia o nome e o verbo como sendo as duas partes constituintes do discurso.

A estas, Aristoteles juntou os artigos e as conjuncções e observou tambem as distincções dos numeros e dos casos; porém, nem um nem outro deu grande attenção ás formas da linguagem que correspondiam a estas manifestações do pensamento.

Para Aristoteles o verbo ou *rhema* não era mais que o attributo : — A neve é branca, *branca*, era um verbo.

Os primeiros que estabeleceram uma certa ordem nas formas verdadeiras da linguagem foram os sabios de Alexandria.

O verbo, como a palavra indica é o assumpto capital da Linguistica. é a palavra por excellencia; no entanto não temos d'elle uma idéa tam nitida como a do nome.

A idéa que d'elle formamos é uma idéa de acção (Sayce).

Milhares teem sido as definições que os Grammati-

(1) Obra citada. 108--109.

cos dão de verbo e no meio d'ellas o espirito dos estudantes tactêa na incerteza.

Parece-nos, entretanto, que a definição melhor é a que diz:

Verbo é a palavra que exprime um facto.

Os chinezes sabiamente chamam aos verbos, *palavras vivas*, em contraposição aos nomes, *palavras mortas*.

O verbo admite variações de pessoas, numero, tempo, modo, conjugação e voz.

Chamam-se *pessoas* e *numero* do verbo, as formas que elle toma para indicar o numero e pessoa do sujeito.

As pessoas são trez: *eu*, *tu*, e *elle*, ou *ella* para o numero *singular*; *nós*, *vós* e *elles* ou *ellas* para o numero *plural*.

As pessoas podem tambem ser representadas pelas formas verbaes somente, com exclusão dos pronomes pessoaes.

Tempo é a forma que o verbo toma para indicar a epoca do que vae ser enunciado.

Os tempos são trez: *Presente*, *preterito* ou *passado* e *futuro*.

A noção de tempo não é bem firmada em nossa lingua.

Em primeiro lugar diz-se e com razão, que não existe presente, porque desde que o facto se dá, comparando-se esse momento com o immediatamente posterior, reduz-se aquelle a *passado*.

Alem d'isto possuímos muitos vícios e modos vulgares de falar, onde empregamos constantemente o presente pelo passado ou pelo futuro.

Do 1.º caso temos: — Napoleão Bonaparte diz a seus soldados.

Do 2.º caso: — Vou amanhã.

O *Presente* indica que a acção é actual: — amo. —

O *Preterito* indica indeterminadamente que a acção foi realisada: — Amei.

Esse tempo é chamado tambem *Aoristo*.

O *Futuro* indica que a acção ainda vai realizar-se :

— Amarei

Alem d'estes ha os intermediarios :

O *Preterito imperfeito* que indica a acção passada relativamente ao presente : — amava.

O *Preterito perfeito composto* ou simplesmente *Preterito perfeito* que indica que a acção passada é repetida, ainda continúa : — tenho amado.

O *Preterito mais que perfeito*, que indica que a acção é passada relativamente a uma outra já passada : — amára ou tinha amado.

O *Futuro anterior* que indica a acção que ha de realizar-se relativamente a um outro tempo : — terei amado.

Estes tempos são chamados *compostos* por só serem empregados com os verbos : — ter, haver, ser, estar, — chamados *auxiliares*, em contraposição aos tres primeiros tempos, chamados *simples*.

Modos, são as formas que o verbo toma para ser enunciado.

Os modos são tres : indicativo, imperativo e subjunctivo.

Ou enunciamos, indicamos um facto, ou mandamos que elle seja praticado, ou indicamos um facto dependendo elle de uma contingencia para sua realisação.

Alguns Grammaticos accrescentam a estes o *condicional* e o *infinito*.

Porem, o *condicional* não passa de um tempo futuro dependente de uma condição, ou, como diz Adolpho Coelho, não é mais do que um imperfeito formado por derivação impropria.

O nome de condicional como teem-no mostrado os melhores trabalhos, não foi escolhido com felicidade para este justa posto, que não é um modo mas um tempo. O nome que lhe convinha e que corresponde exactamente á sua formação é o de futuro imperfeito ou imperfeito do futuro, com cujo sentido já era encontrado no Latim. (1)

(1) A. Darmesteter. Des mots composés. Pag. 76-77.

O *infinito* é um verdadeiro nome substantivo ou adjectivo, é uma simples forma nominal.

Bem nos affirma Michel Bréal : Nada mais simples do que a noção de modo si nos limitamos ao indicativo, imperativo e subjunctivo. Si nos limitamos a contar ou enunciar um facto empregamos o *indicativo*. Si quermos mandar haverá o *imperativo*. O *Subjunctivo* serve para exprimir uma acção que é olhada como possível ou desejavel. (4)

O que já parece fóra de duvida é que o condicional é um simples tempo futuro dependente de uma condição, é uma maneira media commum ao indicativo ou subjunctivo ; e um modo incompleto que suppre suas linguagens pelas do indicativo ou subjunctivo.

O infinito exprime uma forma indeterminada ; entretanto, ás vezes manifesta uma determinação, um tempo.

As tres formas que elle tem no supino, no gerundio e no infinito, diz um escriptor, parecem exprimir os tres tempos simples, desde que se lhes ajunte um auxiliar:

supino
tem sido
(passado)

gerundio
está sendo
(presente)

infinito
ha de ser
(futuro)

O imperativo por influencia da lingua hebraica é substituido pelo *futuro* : — Não matarás.

Nos antigos idiomas indo-germanicos, diz Schleicher, só existiam quatro modos propriamente ditos : o optativo, o conjunctivo, o indicativo, e o imperativo.

A lingua latina reúne os dous primeiros sob o nome de conjunctivo

A conjugação portugueza só tem de novo o futuro por composição impropria e o falsamente chamado condicional.

Um outro tempo que somente o Portuguez possui e o infinito pessoal, e seu emprego data do seculo 13.^o (Vide Lecção 19.^a)

O *Participio presente* tem o valor de um adjectivo, e termina em *te*. Muitos d'elles teem hoje o valor de substantivos: — *levante* — (levar) — *tenente* — (ter) — *poente* — (poer).

Ha alguns verbos que não são aptos para possuir participios d'esta especie; entre outros possuímos: — *vestir, dar*

O *participio passado* é tambem um derivado verbal, que equivale a um adjectivo.

Termina sempre em *do*, serve para formar as linguagens compostas, e exprime a acção terminada, o acto realisado.

O *Participio do futuro* é simples adjectivo ou substantivo e termina em *ouro*: — *casadouro*, — em *undo*: — *furibundo*, — e *endo*: — *reverendo*. —

Desappareceu completamente da conjugação portugueza e só existem com as funcções de um nome.

O *gerundio*, originado do ablativo latino termina em *ando, endo, indo, ondo*, — *amando, lendo, vestindo, pondo*. —

SCHEMA DOS TEMPOS

MODOS INDICATIVOS

Tempos Simples

Presente — Amo.
Pret. Imperfeito — Amava.
Pret. Aoristo — Amei.
Pret. mais que perfeito — Amára.
Futuro — Amarei.
Condicional — Amaria.

Tempos Compostos

Preterito Perfeito — Tenho amado.
Pret. mais que perfeito — Tinha amado.
Futuro — Terei amado.
Condicional — Teria amado.

MODOS IMPERATIVOS

Presente ou Futuro — Ama tu.

MODOS SUBJUNCTIVOS

Tempos Simples

Presente — Ame.
Pret. Imperfeito — Amasse.
Futuro — Amar.

Tempos Compostos

Preterito Perfeito — Tenho amado.
Pret. mais que perfeito — Tivesse amado.
Futuro — Tiver amado.

INFINITO

Tempos Simples

Presente Impessoal — Amar
Presente Pessoal — Amar
eu.
Gerundio — Amando.
Part. Presente — Amante.

Part. Passado — Amado.

Tempos Compostos

Preterito Impessoal — Ter
amado.
Preterito Pessoal — Ter eu
amado.
Gerundio — Tendo amado.

Conjugar um verbo é faze-lo passar por todas as formas que modificam a idéa contida no thema relativamente á existencia, ao sujeito, á acção, ao tempo. (1)

Ao conjuncto de todas estas flexões dá-se o nome de *conjugação*.

As conjugações são quatro e se conhecem pelas terminações do infinito presente impessoal: *ar* (*are*), *er* (*ere*, *ere*), *ir* (*ire*), *or*.

A 4.^a conjugação é de uso pratico e é forma contracta de *poer* da 2.^a conjugação irregular.

Pertencem a ella o verbo *pôr* e seus compostos.

Para que uma acção seja praticada é necessario um *sujeito* que a pratique e muitas vezes um *objecto* sobre o qual recaia esta acção.

Si attendermos ao *sujeito* que levou a effeito esta acção, o verbo adquire diversas *vozes*.

As vozes são propriamente duas: *activa* e *passiva*.

Activa é aquella em que o sujeito pratica a acção: — eu temo. —

Para que uma acção seja praticada é necessario um *sujeito* que a pratique e muitas vezes um *objecto* sobre o qual recaia esta acção.

Si attendermos ao *sujeito* que levou a effeito esta acção o verbo adquire diversas *vozes*.

As vozes são propriamente duas: *activa* e *passiva*.

Activa é aquella em que o sujeito pratica a acção: eu temo.

Passiva é aquella em que o sujeito recebe a acção: eu sou temido.

(1) Guardia e Wierzeski. Gram. de la Langue Latine.
Pag. 173.

Existe também uma outra voz chamada *media* ou *reflexa* quando a acção é feita e ao mesmo tempo é recebida pelo sujeito :—Tu te queimaste.

E' preciso, porém, notar que em tal caso o verbo é activo ou passivo e não toma uma forma especial.

Esta pretendida voz só é empregada com os verbos pronominaes, e para sempre deve ser abolida da Grammatica Portugueza. (1).

Conforme as variações que o verbo soffrem, elles dividem-se em : Regulares, Irregulares, Defectivos e Unipessoaes.

Regulares são os que seguem a norma da conjugação a que pertencem : - Amar.

Irregulares, são os que se afastam d'esta norma : Pedir.

Propriamente falando em Portuguez só existem dous verbos simples irregulares :—ser e ir— que teem varias raizes.

O primeiro tem as raizes : *es* formando o preterito imperfeito do indicativo ; a raiz *fu* formando o preterito aoristo e o mais que perfeito do indicativo, o preterito imperfeito e o futuro do subjunctivo e finalmente a raiz *sed*, originando todas as formas do *se* :—seja, sêde— etc.

O mesmo se dá com o seu composto —poder— (*possum.*)

O verbo *ir*, de latim *ire*, completa a sua conjugação com o verbo archaico portuguez *var* (latim *vadere*) e *ser* (2).

Defectivos são os verbos a que faltam algumas linguagens :—Querer—a que falta o imperativo.

A Lingua Portugueza poucos verbos defectivos possui e o uso muito concorre para sua completa extincção.

O grande factor d'esta classe de verbos é a euphonia.

Por isso ha certos verbos que não se usam quando

(1) Diegues Junior. Gram. Portugueza.

(2) Pacheco Junior e Lameira de Andrade. Grammatica Portugueza.

ao thema seguem-se *a* ou *o* :—brandir, carpir, feder, fruir, ganir, inherir, latir, precaver.

Outros não se usam quando ao thema seguem-se *a*, *o*, *e* :—abolir, addir, banir, colorir, delinquir, delir, demolir, emolir, empedernir, exinanir, exhaurir, extorquir, fallir, florir, munir, polir, renhir, retorquir, submergir.

Reaver—não se usa nas terceiras pessoas do singular e do plural do indicativo, no imperativo e no subjunctivo.

Do verbo—soer—sò se usam—soe, soes, soem, soia.—Camões emprega

Te negue o amor divino como sóe.

Cº 3º. Estr. 4.

O verbo—fruir—já é empregado em—fruo—e Raimalho Ortigão emprega—colorem—de—colorir. (1).

Bem affirmamos que o uso vae extinguindo com razão uma grande classe de verbos defectivos.

Unipessoaes são os verbos que sò se conjugam nas 3^{as}. pessoas :—troveja, chove.

Os verbos unipessoaes são de duas especies: *proprios*, quando sua acção só é exercida por um sujeito. *por uso*, quando o verbo pessoal se torna unipessoal por alteração de significação.

Do verbo *haver* incluído nesta ultima classe trataremos em Lecção especial.

A maior parte dos verbos impessoaes exprimem ora idéas moraes d'um character muito geral, ora phenomenos naturaes cuja causa é desconhecida.

Como já vimos para que haja acção é preciso que haja um sujeito claro ou occulto e muitas vezes um objecto sobre que esta acção recae.

D'ahi o dividir-se o verbo em transitivo e intransitivo.

Transitivo é o verbo que exprime uma acção em-

(1) Gr. Port. de Julio Ribeiro.

pregada directa e immediatamente sobre um objecto :—
Amo aos livros.

Intransitivo, é o que exprime uma acção que não recae immediatamente sobre um objecto :—Cahi.

No 1º. caso a acção passa além do sujeito que a pratica ; no 2º. permanece no mesmo sujeito.

Os verbos transitivos podem tornar-se intransitivos e vice-versa.

Quando dizemos :—nós lemos romances,—o verbo *lêr* está empregado na forma transitiva ; mas si dissermos —leamos sempre—este verbo é considerado como intransitivo.

Si dizemos :—Dormiste bem,—*dormiste* é um verbo de acção intransitiva ; si dizemos :—Dormiste um somno reparador—*dormiste* é um verbo transitivo.

Nos *Lusiadas* encontram-se diversos exemplos semelhantes. No Canto 2º. Estr. 76.

os altos promontorios o choraram.

onde o verbo *chorar* que é intransitivo está empregado neste caso como transitivo, exercendo sua acção sobre o pronome —o—*elle*

Julio Ribeiro affirma :— «quasi que não há um só verbo transitivo em Portuguez que se não possa empregar como intransitivo (1).

Os verbos dividem-se ainda em *Pronominaes*, aquelles cuja acção se transmite ao sujeito sem que elle seja seu objecto : - eu me arrependo—Os verbos pronominaes são conjugados com dous pronomes.

Periphrasticos, os formados com os verbos—haver, ter, estar, ir, vir, andar, viver :— Hei de saber ; tenho de comer ; estou lendo ; ir cahindo ; vir a correr ; andar saltando ; viver escrevendo.

Estes verbos, conforme a idéa que exprimem, ou a significação que teem, dividem-se em: Promissivo, Obrigatorio, Frequentativo, Iterativo, Continuativo, Inchoativo.

(1) Gram. Port. Pag. 74.

O inchoativo também se forma com a terminação *escer*; e o frequentativo com as terminações *itar* ou *ejar*: florescer, saltitar, cacarejar.

Os verbos também podem ser substantivo e attributivo ou adjectivo.

Substantivo, é o que exprime a affirmação da conveniencia ou desconveniencia entre duas idéas.

Ser é o unico verbo substantivo.

A svezes o verbo *estar* assemelha-se na sua funcção ao verbo substantivo, mas esse verbo além de exprimir a affirmação, exprime também a existencia e posição.

Por sua vez o verbo *ser* se usa em lugar do verbo *estar*, quando indica permanencia, estado ou existencia.

No 1º. caso qualquer um d'aquelles verbos traz o attributo claro; no 2º. elle vem occulto.

Ao verbo substantivo, *ser* não cabe nenhuma das divisões até aqui apontadas, somente forma a voz passiva no character de *auxiliar*.

Ha uma grande distincção entre os verbos *ser* e *estar*.

Ser, exprime um estado permanente, indica uma qualidade inherente ao sujeito: — Pedro é doente


Estar, exprime um estado, uma situação passageira, indica uma qualidade accidental: — Pedro está doente.

Verbo *attributivo* ou *adjectivo* é o que exprime affirmação com idéa de modo ou qualidade.

NOTA

Adiante damos: Tabellas: 1.ª terminações regulares das quatro conjugações; 2.ª verbos auxiliares; 3.ª voz passiva, verbo periphrastico, verbo pronominal e verbo unipessoal.





LECCÃO DECIMA OITAVA

VERBOS IRREGULARES. PARTICÍPIOS PASSADOS.

I

Apezar de termos dito que propriamente em Portuguez só ha irregulares os verbos *ser* e *ir* (Lecção 17.^a), o uso tem determinado que sejam considerados irregulares os verbos que se affastam do paradigma da conjugação a que pertencem.

Não satisfeitos com esta grande difficuldade, os Grammaticos appresentam uma nova divisão de verbos irregulares quanto á orthographia ou verbos apparentemente irregulares.

Nesta classe incluem : Observações :

1.^a Os terminados em *car* intercalam um *i* euphonico no indicativo, imperativo e subjunctivo : — clarear, clareio, clareia.

2.^a dos terminados em *iar* fazem uns o indicativo e subjunctivo presente em *io* e *ie* e outros em *eo* e *eie* — criar, creio, crie — Pertencem ao segundo caso os verbos — aggremiar, agenciar, cadenciar, commerciar, odiar, penitenciari, premiar, remediar e sentenciar.

3.^a os terminados em *ger* e *gir* mudam o *g* em *j* antes de *a* e *o* : — eleger, elejo, eleja : corrigir, corrijo corrija.

4.^a os terminados em *gar* mudam o *g* em *gu* antes de *e* : — pagar, pague ; — e os terminados em *car* mudam o *c* em *qu* antes de *e* : — calcar, calque.

5.^a os terminados em *cer* tomam uma cedilha antes *a* ou *o* :— *carecer*, *careça*. *careço*.

6.^a os terminados em *çar*, perdem a cedilha antes *de e* :— *caçar*, *cacei* —

7.^a os terminados *uzir* perdem o *e* na 3.^a pessoa do singular do modo indicativo presente :— *luzir*, *luz* — (*luze*) ; *reduzir*, *reduz* (*reduze*).

Camões, entretanto diz :

Que cada região produz e cria.

Canto 4.^o Estr. 65.

8.^a os terminados em *hir* perdem o *h* quando o *i* não é longo — *cahir*, *cáia* ; *sahir*, *sáio*.

9.^a os terminados em *guer* e *guir* mudam o *gu* em *g* antes de *a* e *o* ;— *erguer*. *ergo*, *erga* ; *seguir*, *sigo*, *siga*.

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS QUE SE AFFASTAM DA TABELLA N.^o 1

1.^a conjugação

Dar. *Ind. pres.* *Dou*, *das*, *dá*, *damos*, *daes*, *dão*.
Pret. Aoristo. *Dei*, *deste*, *deu*, *demos*, *destes*, *deram*.
M. que perf. *Déra*, *déras*, *déra*, *déramos*, *déreis*, *déram*.
Sub. pres. *Dê*, *dês*, *dê*, *demos*, *deis*, *deem*, *Pret.*
Imp. *Desse*, *desses*, *desse*, *déssemos*, *désseis*, *déssem*.
Fut. *Dér*, *déres*, *dér*, *dérmos*, *dérdes*, *dérem*.

Estar. Vide Tabella n.^o 2.

2.^a conjugação

Saber. *Ind. pres.* *Caíbo*, *cabes*, *cabe*, *cabemos*, *ca-*
deis, *cabem* *Pret. Aoristo.* *Coube*, *coubeste*, *coube*,
coubemos, *coubeste*, *couberam*. *M. que perf.* *Coubêra*,
coubêras, *coubêra*, *coubéramos*, *coubéreis*, *coubéram*.
Sub. pres. *Caiba*, *caibas*, *caiba*, *caibamos*, *caibaes*,
caibam. *Pret. Imp.* *Coubesse*, *coubesses*, *coubesse*,
coubessemos, *coubesseis*, *coubessem*. *Fut.* *Coubêr*, *cou-*
bêres, *coubêr*, *coubêrmos*, *coubêrdes*, *coubêrem*.
Crer. *Ind. pres.* *Creio*, *crês*, *crê*, *cremos*, *crêdes*.

creem. *Sub. pres.* Creia, creias, creia, creiamos, creiaes, creiam.

Dizer. *Ind. pres.* Digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem. *Pret. Aoristo.* Disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram. *M. que perf.* Disséra, disséras, dis-

séram, disséramos, disséreis, disséram. *Fut.* Direi, dirás, será, diremos, direis, dirão. *Cond.* Diria, dirias, diria, diríamos, dirieis, diriam. *Sub. pres.* Diga, digas, diga, digamos, digaes, digam. *Pret. Imp.* Dissesse, disses-

ses, disses-e, dissessemos, dissesseis, dissessem. *Fut.* Dissér, disséres, dissér, dissérmos, dissérdes, dissérem.

Part. pass. dito.

Fazer. *Ind. pres.* Faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem. *Pret. Aoristo.* Fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram. *M. que perf.* Fizéra, fizéras, fizéra, fizéramos

fizéreis, fizéram. *Fut.* Farei, farás, fará, faremos, fareis, farão. *Cond.* Faria, farias, faria, fariamos, farieis, fariam. *Sub. pres.* Faça, faças, faça, façamos, façaes, façam.

Pret. Imp. Fizesse, fizesses, fizesse, fizessemos, fizesseis, fizessem. *Fut.* Fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem. *Part. pass.* Feito.

Haver. Vide Tabella n. 2.

Jazer. *Ind. pres.* Jazo (pouco usado) jazes, jaz, jazemos, jazeis, jazem.

Lêr. Conjuga-se como. — Crêr.

Perder. *Ind. pres.* Perco, perdes, perdemos, perdeis, perdem. *Sub. pres.* Perca, percas, perca, percamos, percaes, percam

Poder. *Ind. pres.* Posso, podes, pode podemos, podeis, podem. *Pret. Aoristo.* Pude, pudeste, poudes, podemos, podestes, poderam. *M. que perf.* Podéra, podéras, podéra, podéramos, podéreis, podéram. *Sub. pres.* Possa, possas, possa, possamos, possaes, possam. *Pret. Imp.* Podesse, podesses, podesse, podessemos, podesseis, podessem. *Fut.* Podér, podéres, podér, podermos, poderdes, poderem.

Não tem Imperativo e o Participio Passado é invariavel.

Prazer (impessoal) *Ind. pres.* Praz. *Pret. Aoristo*

Prouve. *M. que perf.* Prouvéra. *Sub. pres.* Praza. *Pret. Imp.* Prouvesse. *Fut.* Prouver.

Querer. *Ind. pres.* Quero, queres, quer, queremos, quereis, querem. *Pret. Aoristo.* Quiz, quizeste, quiz, quizemos, quizestes, quizeram. *M. que perf.* Quizéra, quizeras, quizéra, quizeramos, quizéreis, quizeram. *Sub. pres.* Queira, queiras, queira, queiramos, queiraes, queiram. *Pret. Imp.* Quizesse, quizesseis, quizesse, quizessemos, quizesseis, quizessem. *Fut.* Quizer, quizeres, quizer, quizermos, quizerdes, quizerem.

Não tem Imperativo. e o Participio Passado irregular *quisto* só é usado em composição : — bemquisto e malquisto.

Requerer. *Ind. pres.* Requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem. *Sub. pres.* Requeira, requeira, requeira, requeiramos, requeiraes, requeiram.

Saber. *Ind. pres.* Sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem. *Pret. Aoristo.* Soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam. *M. que perf.* Soubéra, souberas, soubéra, soubéramos, soubereis, soubéram. *Sub. pres.* Saiba, saibas, saiba, saibamos, saibaes, saibam. *Pret. Imp.* Soubesse, soubesses, soubesse, soubessemos, soubesseis, soubessem. *Fut.* Souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem.

Ser. Vide Tabella n. 2.

Ter. Vide Tabella n. 2.

Trazer. *Ind. pres.* Trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem. *Pret. Aoristo.* Trouxe, trouxe, trouxe, trouxemos, trouxe, trouxe, trouxeram. *M. que perf.* Trouxera, trouxeras, trouxera, trouxeramos, trouxereis, trouxeram. *Fut.* Trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão. *Cond.* Traria, trarias, traria, trariamos, trariaes, trariam. *Sub. pres.* Traga, tragas, traga, tragamos, tragaes, tragam. *Pret. Imp.* Trouxesse, trouxesses, trouxessemos, trouxesses, trouxessem. *Fut.* Trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem.

Valer. *Ind. pres.* Valho, vales, vale ou val, vale-

mos, valeis, valem. *Sub. pres.* Valha, valhas, valha, valhamos, valhaes, valham

Vér. Ind. pres. Vejo, vês, vê, vemos, vêdes, veem.
pret. Aoristo. Vi, viste, viu, vimos, visteis, viram. *M. que perf.* Vira viras, vira, viramos, vireis, viram. *Sub. pres.* Veja, veja, veja, vejamos, vejaes, vejam. *Sub. Imp.* Visse, vis-es, visse, vissemos, visseis, vissem. *Fut.* Vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. *Part. pass.* Visto.

O seu derivado PROVER affasta-se no *Pret. Aoristo* : Provi, proveste, proveu provemos, provestes, prove-ram. *Pret. Imp. do Sub.* Provesse, provesses, provesse, provessemos, provesseis, provessem. *Fut.* Prover, proveres. prover, provermos, proverdes, proverem. *Part. pass.* Provido.

3.^a conjugação

Adherir. *Ind. pres.* Adhiro, adhères, adhère, adherimos, adheris, adherem.

Advertir - conjuga se como—Adherir.

Acudir. *Ind. pres.* Acudo, acódes, acóde, acudimos, acudis, acódem. Antigamente este verbo era reguar ; os escriptores conservaram o u.

Acude e corre, pae, que si não corres
Pode ser que não aches quem soccorres,

Camões. C. 3. Estr. 105

Afferir - conjuga-se como - Adherir.

Aggredir.—*Ind. pres.* Aggr.do, aggrides, aggride, aggredimos, aggredis, aggridem.

Bulir - conjuga-se como - Acudir.

Cobrir. *Ind. pres.* Cubro cobres, cobre, cobrimos, cobres, cobrem. *Sub. pres.* Cubra, cubras, cubra, cubramos, cubraes, cubram *Part. pass.* Cuberto.

Comedir - conjuga-se como - Adherir.

Compellir - conjuga-se como - Adherir.

Competir - conjuga-se como - Adherir.

Conseguir—conjuga-se como —Acudir, attendendo-se a observação n. 9.

Construir—conjuga-se como —Acudir.

Consumir—conjuga-se como —Acudir.

Cortir—*Ind. pres.* Curto, curtes, curte, cortimos, cortis, curtem. *Sub. pres.* Curta, curta, curta, curtamos, curtaes, curtam.

Cuspir—conjuga-se como —Acudir.

Destruir—conjuga-se como —Acudir.

Dormir—conjuga-se como —Cobrir.

Deferir—conjuga-se como —Adherir.

Despir—conjuga-se como —Adherir.

Discernir—conjuga-se como —Adherir.

Digerir—conjuga-se como —Adherir.

Divergir—conjuga-se como —Adherir.

Divertir—conjuga-se como —Adherir.

Engulir—conjuga-se como —Acudir.

Entupir—conjuga-se como —Acudir.

Emergir—conjuga-se como —Adherir.

Enxerir—conjuga-se como —Adherir.

Expellir—conjuga-se como —Adherir.

Ferir—conjuga-se como —Adherir.

Frigir —*Ind. pres.* Frijo, fréges, frége, frigimos, frégis, frégem. *Part. pass.* Frito.

Fugir—conjuga-se como —Acudir. —Camões diz: Fuge, fuge, Luzitano. Canto 2.^o, 21.

Impellir—conjuga-se como —Adherir.

Ir.—*Ind. pres.* Vou, vas, vae, vamos ou imos, ides, vão. *Pret.* Aor sto. Fui, foste, foi, fomos, fostes, foram. *M. q. perf.* Fôra, fôras, fôra, fôramos, fôreis, fôram. *Sub. pres.* Vá, vás, vá, vamos, vades, vão. *Pret. Imp.* Fosse, fosses, fosse, fossemos, fosseis, fossem. *Fut.* Fôr, fôres, fôr, fôrmos, fôrdes, fôrem.

Medir.—*Ind. pres.* Meço, medes, mede, medimos, medis, medem. *Sub. pres.* Meça, meças, meça, meçamos, meçaes, meçam.

Mentir—conjuga-se como —Adherir.

Ouvir—conjuga-se como —Medir.

Parir.—*Ind. pres.* Pairo, pares, pare, parimos, paris.

parem. *Sub. pres.* Paira, paras, para, paramos, paraes.

param.

Pedir — conjuga-se como — Medir.

Preterir — conjuga-se como — Adherir.

Prevenir — conjuga-se como — Aggredir.

Progredir — conjuga-se como — Aggredir.

Reflectir — conjuga-se como — Adherir.

Repellir — conjuga-se como — Adherir.

Repetir — conjuga-se como — Adherir.

Remir — *Ind. pres.* Redimo, redimes, redime, remimos, remis, redimem. *Sub. pres.* Redima, redimas, redima, redimamos, redimaes, redimam.

Rir. — *Ind. pres.* Rio, ris, ri, rimos, rides, riem. *Sub. pres.* Ria, rias, ria, riamos, riaes, riam.

Sacudir — conjuga-se como — Acudir.

Seguir — conjuga-se como — Adherir —, attendendo-se à observação n. 9.

Sentir — conjuga-se como — Adherir.

Servir — conjuga-se como — Adherir.

Sortir — conjuga-se como — Cortir.

Subir — conjuga-se como — Acudir.

Sumir — conjuga-se como — Acudir.

Transgredir — conjuga-se como — Aggredir.

Tu-sir — conjuga-se como — Acudir.

Vestir — conjuga-se como — Adherir.

Vir. — *Ind. pres.* Venho, vens, vem, vimos, vindes, veem. *Pret. Imp.* Vinha, vinhas, vinha, vinhamos, vinheis, vinham. *Pret. Aoristo.* Vim, vieste, veio, viemos, viestes vieram. *M. q. perf.* Viera, vieras, viera, vieramos, viereis, vieram. *Sub. pres.* Venha, venhas, venha, venhamos, venhaes, venham. *Pret. Imp.* Viesse, viesseis, viesseis, viessem. *Fut.* Viér, viéres, viér, viéremos, viédes, viérem. *Part. Passado e Gerundio.* Vindo.

NOTA

Deixámos de dar aqui os verbos á primeira vista do estudante conhecidos como compostos, e aquelles cujas irregularidades estão comprehendidas nas observações com que abrimos esta Lecção.

II

Muitos verbos teem dous participios passados, um regular e outro irregular.

Os 1.^{os} são geralmente conjugados com os verbos *ter* e *haver*; os 2.^{os}, como simples adjectivos verbaes, designando qualidades, são mais usados com os verbos *ser* e *estar*.

1.^a conjugação

Part. Pass. Reg.	Part. Pass. Irreg.	Part. Pass. Reg.	Part. Pass. Irreg.
Acceitado	Acceito ou ac- ceite	Gastado (ant.)	Gasto
Affeiçãoado	Affecto	Ignorado	Ignoto
Agradado	Grato	Infectado	Infecto
Annexado	Annexo	Infestado	Infesto
Apromptado	Prompto	Infeccionado	Infecto
Arrebatado	Rapto (ant.)	Inquietado	Inquieto
Bemquistado	Bemquisto	Juntado	Junto
Captivado	Captivo	Lesado	Leso
Cegado	Cêgo	Libertado	Liberto
Circumcidado	Circumciso	Limpado	Limpo
Completado	Completo	Livrado	Livre
Compaginado	Compacto	Malquistado	Malquisto
Concretado	Concreto	Matado	Morto
Condensado	Côndenso	Manifestado	Manifesto
Confessado	Confesso	Misturado	Mixto
Cultivado	Culto	Molestado	Molesto
Curvado	Curvo	Murchado	Murcho
Densado	Denso	Occultado	Occulto
Descalcado	Descalço	Pagado (ant.)	Pago
Despertado	Desperto	Pegado	Preso
Despersado	Disperso	Professado	Professo
Embotado	Emboto	Quietado	Quieto ou quedo
Entregado	Entregue	Regeitado	Regeito (ant.)
Enxugado	Enxuto	Requisitado	Requisito

Part. Pass. Reg.	Part. Pass. Irreg.	Part. Pass. Reg.	Part. Pass. Irreg.
Estreitado	Estreito	Safado	Safo
Exceptuado	Excepto (hoje preposição)	Salvado	Salvo
Excusado	Excuso (ant.)	Seccado	Secco
Exemptado	Exempto	Segurado	Seguro
Expressado	Expresso	Sepultado	Sepulto
Expulsado	Expulso	Situado	Sito
Extremado	Extreme (ant.)	Soltado	Solto
Faltado	Falto	Sujeitado	Sujeito
Fartado	Farto	Suspeitado	Suspeito
Findado	Findo	Suxado	Suxo
Fixado	Fixo	Vagado	Vago
Ganhado	Ganho	Voltado	Volto

2.^a conjugação

Absolvido	Absolto ou absoluto	Escurecido	Escuro
Absorvido	Absorto	Extendido	Extenso
Accendido	Accesso	Immergido	Immerso
Agrdecido	Grato	Incorrido	Incurso
Arrependido	Arrepenso (ant.)	Interrompido	Interrupto
Attendido	Attento	Involvido	Involto
Bemquerido	Bemquisto	Morrido	Morto
Benzido	Bento	Mantido	Manteúdo (ant.)
Colhido	Colheito (ant.)	Nascido	Nado ou Nato
Comido	Comesto (ant.)	Pendido	Penso
Concedido	Concesso (ant.)	Pervetido	Perverso
Conhecido	Cognito	Prendido	Preso
Contido	Conteúdo (subst.)	Propendido	Propenso
Convencido	Convicto	Querido	Quisto
Convertido	Converso	Reconhecido	Recognito
Corrompido	Corrupto	Recosido	Recoito (ant.)
Cozido	Coito (ant.)	Refranzido	Refracto
Defendido	Defeso	Removido	Remoto
		Reprehendido	Reprehenso
		Resolvido	Resoluto
		Retido	Reteúdo (ant.)

Part. Pass. Reg.	Part. Pass. Irreg.	Part. Pass. Reg.	Part. Pass. Irreg.
Descrevido	Descripto	Retorcido	Retorto
(ant.)		Revolvido	Revolto
Desenvolvido	Desenvolto	Rompido	Roto
Despendido	Despeso (ant.)	Solvido	Soluto
Detido	Deteuto (ant.)	Submettido	Submisso
Devolvido	Devoluto	Surprehendi-	Surpreso
Dissolvido	Dissoluto	do	
Elegido	Eleito	Suspendido	Suspenso
Enchido	Cheio	Tangido	Tacto
Escolhido	Escolheito	Tendido	Tenso
	(ant.)	Tido	Teudo (ant.)
Escondido	Escuso	Tolhido	Tolheito (ant.)
Escorrido	Escorreito	Torcido	Torto
Escrevido	Escripto	Volvido	Volto (ant.)
(ant.)			

3.ª conjugação

Abrido (ant.)	Aberto	Exaurido	Exhausto
Abstrahido	Abstracto	Eximido	Exempto
Adquerido	Acquisto	Expellido	Expulso
Affligido	Afflicto	Exprimido	Expresso
Aspergido	Asperso	Extinguido	Extincto
Assumido	Assumpto	Extorquido	Extorto
	(subs.)	Extrahido	Extracto
Cingido	Cincto	Furgido	Ficto
Circumduzido	Circumducto	Fingido	Frito
Coagido	Coacto	Haurido	Hausto
Cobrido (ant.)	Coberto	Illudido	Illuso
Compellido	Compulso	Imprimido	Impresso
Comprimido	Compresso	Incluido	Incluso
Concluido	Concluso	Induzido	Inducto
Confundido	Confuso	Infundido	Infuso
Contrahido	Contracto	Inserido	Inserto
Contundido	Contuso	Instruido	Instructo
Convellido	Convulso	Introduzido	Introducto
Corrigido	Correcto	Obtundido	Obtuso
Descobrido	Descoberto	Omittido	Omisso
(ant.)		Opprimido	Oppresso

Part. Pass. Reg.	Part. Pass. Irreg.	Part. Pass. Reg.	Part. Pass. Irreg.
Diffundido	Diffuso	Possuido	Possesso
Diluido	Diluto	Recluido	Recluso
Digerido	Digesto	Remittido	Remisso
Dirigido	Directo	Repellido	Repulso
Distinguido	Distincto	Reprimido	Represso
Distrahido	Distracto		(ant.)
Dividido	Diviso	Restringido	Restricto
Encobrido	Encoberto	Submergido	Submerso
(ant.)		Supprimido	Suppressio
Erigido	Erecto	Surgido	Surto
Excluido	Excluso	Tingido	Tincto





LECÇÃO DECIMA NONA

VERBO : CONCORDANCIA ; CORRESPONDENCIA DOS MODOS E DOS TEMPOS. INFINITO PESSOAL. VERBO HAVER



E' um dos pontos mais difficeis no estudo da Grammatica a parte relativa á concordancia das palavras.

Procuraremos torna-lo bem comprehensivel ás intelligencias dos estudantes.

Vejamos a concordancia do verbo.

O verbo concorda com o sujeito em numero e pessoa.

Devemos mais notar :

1.º Concorrendo muitos sujeitos no singular, o verbo vae para 3.ª pessoa do plural :—A palhoça, o sobrado, o palacio estão habitados — Si o verbo fôr enunciado primeiro pôde ficar no singular : — Está habitada a palhoça, o sobrado, o palacio.

2.º Muitos sujeitos no singular estando comprehendidos ou individualisados por uma palavra collectiva ou no singular, como : *tudo, nada, cada um, cada qual, ninguém*, isto exigem o verbo na 3.ª pessoa dos singular : — A palhoça, o sobrado, o palacio *tudo, ou nada* etc., foi queimado.

3.º Si estes sujeitos forem substantivos synonymos ou exprimirem uma enumeração gradativa o verbo fica tambem no singular : — O riso, o prazer, a alegria fazia-a mais formosa.

4.º Si concorrerem muitos sujeitos de diversas pessoas, o verbo concorda com a que tem prioridade, no plural: a 1.ª tem prioridade sobre a 2.ª, e esta sobre a 3.ª: — Eu e João somos jovens, Tu e Pedro sois ricos.

5.º Quando o sujeito é colectivo seguido de um nome plural regido da preposição *de*, o verbo fica no singular si o colectivo é geral, vae para o plural si o colectivo é partitivo: — O rebanho de ovelhas era dirigido por um lobo. — Dentro em pouco estavam em Roma grande quantidade de porcellanas. Fr. Luiz de Souza.

« Devemos, porém, notar que, quando quizermos attender mais a quantidade que significa o colectivo partitivo do que a qualidade do substantivo o verbo concorda no singular com o colectivo — Um inverno se ajuntou a maior parte d'elles em casa de um antigo morador d'aquelle logar, — Rodrigues Lobo.

Tambem com o colectivo geral, si attendermos mais á qualidade das pessoas ou cousas expressas pelo substantivo do que a quantidade que o significa o verbo vae para o plural concordando com o substantivo: — A cavallaria dos mouros que vieram a seu chamado. João de Barros. (1)

6.º Quando os sujeitos estão unidos pela preposição *com* equivalendo a conjuncção *e*, isto é, quando todos praticam conjunctamente a acção o verbo vae para o plural:

Que eu co'o grão Macedonio e co'o Romano
Demos logar ao nome Lusitano

Lusiadas C. 4.º Estr. 75.

Já sabemos que o modo indicativo mostra que o facto indicado pelo verbo é real; e que o subjunctivo mostra que o facto é duvidoso, hypothetico.

Para sabermos qual devemos empregar é preciso que attendamos á oração principal, isto é, para aquella

que representa a idéa primordial, sem dependencia, e às orações subordinadas que a esta acham-se ligadas.

Assim, quando o verbo da oração principal exprime alguma cousa de certo, positivo, o verbo da oração subordinada fica no indicativo ; si aquella exprime alguma consa de incerto, esta fica no subjunctivo.

Tambem si o verbo da oração principal significa — pensar, crêr, saber, sentir, affirmar —, o verbo da oração subordinada fica no indicativo.

Si o verbo da oração principal significa admiração, surpresa, vontade, desejo, alegria, tristeza o verbo da subordinada fica no subjunctivo.

Poderíamos estender estas regras a um grande numero de casos, mas Julio Ribeiro que sobre este assumpto escreveu proficientemente diz : Não é pretensão do autor que estas regras abranjam todos os casos possíveis do uso do subjunctivo. (1)

Os tempos tambem se correspondem entre si.

Ao *presente* do indicativo correspondem todos os tempos quer do indicativo, quer do subjunctivo e o infinito pessoal

Ao *imperfecto* do indicativo correspondem : o imperfecto, o mais que perfeito, o condicional, do indicativo, o imperfecto e mais que perfeito do subjunctivo e o infinito pessoal.

Ao *aoristo* correspondem todo o indicativo, o imperfecto, o mais que perfeito do subjunctivo e o infinito pessoal.

Ao *mais que perfeito* do indicativo correspondem : o imperfecto e mais que perfeito do indicativo, o condicional, o imperfecto e mais que perfeito do subjunctivo e o infinito pessoal.

Ao *futuro* do indicativo correspondem : todo o indicativo, o presente, preterito perfeito e o futuro do subjunctivo e o infinito pessoal.

Ao *condicional* correspondem todo o indicativo, o imperfecto e mais que perfeito do subjunctivo e o infinito pessoal.

(1) Gram. Port. Pag. 277.

Ao *imperativo* correspondem : todo o *indicativo*, o *presente*, o *preterito imperfeito* e o *futuro do subjunctivo* e o *infinito pessoal*.

Aos tempos do *subjunctivo* correspondem : os do *indicativo* e do *infinito* e elles proprios.

II

O *infinito* presente dos verbos em Portuguez tem duas formas : uma pessoal e outra impessoal.

O seu emprego constitue um *idiotismo* ; convindo notar que somente o Portuguez é a lingua que o admite.

No dialecto gallego tambem encontram-se formas com essa flexão, como se vê em *Spana Sagrada* : — Para entrarem e sahirem. (Apud. Diez e Julio Ribeiro).

O uso do *infinito pessoal* que tanta clareza traz ao sentido da phrase data do seculo XIII.

O emprego do *infinito pessoal* ou *impessoal* é uma das grandes difficuldades que os estudantes encontram.

« Uma das causas e talvez a primeira, diz Silva Tullio, porque nos autcores apparecem alguns d'esses erros, é devido á influencia que a litteratura hespanhola exerceu na Lingua Portugueza.

Porque, não possuindo aquelle idioma esse tempo fez com que alguns autores usassem o castelhanismo de empregar o *impessoal* quando deviam empregar o *pessoal*. »

Adolpho Coelho julga da mesma forma que : « as construcções do *infinito* com pronomes nas orações chamadas de modo *infinito*, o obscurecimento ha tanto tempo completamente realisado da funcção verdadeira do *infinito*, a analogia, explicam-nos perfeitamente este facto peculiar do Portuguez. As outras linguas romanicas conservam neste ponto mais fielmente a tradição da lingua mãe. »

Diversas são as regras estabelecidas para o emprego do *infinito pessoal*.

D'entre ellas uma, sobre que em geral estão os Grammaticos de accordo é a seguinte :

« Usa-se do infinito pessoal quando tem sujeito proprio. »

Felizmente Julio Ribeiro em sua Grammatica protesta contra esta regra e entre duas indicações diz :

« Para que se ponha o verbo no infinito pessoal ou impessoal é indifferente que elle tenha ou não sujeito proprio. »

A não ser assim, dizemos nós, Camões, o mestre da lingua, errou quando nos Luziadas escreveu no canto 7.^o Estr. 72 :

E folgarás de vêres a policia

e no canto 6.^o Estr. e 15 :

..... não te espantes
De Baccho no teu reino receberes.

O mesmo aconteceria com Alex. Herculano :

— As aves *pareciam* nos seus vôos incertos, ora vagarosos ora rapidos *folgarem* com os primeiros dias das estações dos amores.

Tambem Padre Vieira : — E' necessario para se *conservarem* nesta nova representação e para *governarem* como *devem*, que se *apartem* de suas proprias raizes.

E Camillo Castello Branco : — bufarinheiros *pregoam* no intuito de *fazerem* sua cúmplice á nobilissima neta de Platão.

Fr. Luiz de Souza : — que ao pé de Santa Engracia se *queixavam* os visinhos de *verem* sahir á meia noite.

E Ad Coelho : — trabalhos taes..... *demandam* longos annos de laboriosas investigações para *terem* um valor scientifico.

Julio Ribeiro, de accordo com Diez (1), dá duas listras.

(1) Grammaire des Langues Romaines. Pag. 202-203.
Vol. 3.^o

tas de phrases, em que ora o infinito é empregado pessoalmente, ora impessoalmente.

Sujeito differente: — E' tempo de *partires*. Viu *nascerem* duas fontes.

O mesmo sujeito: Não *tens* vergonha de *ganhares* a tua vida tam torpemente. Todos *estão* alegres por *terem* paz

portanto, precisamos abolir aquella regra e observar as seguintes:

Emprega-se o infinito pessoal:

1.º Quando si poder substitui-lo pela linguagem do indicativo ou do subjunctivo:

Vimos as Ursas apezar de Juno
Banharem-se nas aguas de Neptuno

Luziadas C 5.º E 43.

isto é, — que se banhavam

— Para sermos (isto é, — para que sejamos) mais do que somos não é necessario multiplicar homens. Padre Antonio Vieira.

2.º Quando ha necessidade de clareza:

Comprei um livro para (tu) leres
Comprei um livro para (eu) lêr

Em qualquer outro caso deve-se usar do infinito impessoal, devendo-se attendér principalmente para clareza e elegancia da phrase.

O *participio presente*, simples adjectivo, não admittê flexão de genero, e sim de numero e de gráu: — Amantes, amantissimo.

No antigo Portuguez conservava a força participial:

— Cegou entrante á lida.

— Os quaes tementes Nosso Senhor.

— Chama a nós a Sancta Escriptura de Deus dizente.

(Apud. Ad. Coelho)

O *participio passado*, considerado como adjectivo, concorda com o sujeito da oração quando o verbo auxiliar

• *ser* ou *estar* e fica invariavel quando o verbo é *haver* ou *ter*, ex:

As artes são estimadas.

Os vícios estão descobertos.

Temos estudado bastante.

Havemos vencido as difficuldades.

Antigamente esta regra não era fixa; e vemos Camões:

Que tanto mar e terra tem *passadas*.

Canto 2.º Estr. 76.

E do Jordão a areia tinha *vista*.

Canto 3.º Estr. 27.

Que a ferrugem da paz *gastadas* tinha.

Canto 4.º Estr. 22.

Depois de ter *pisada* longamente
Co'os delicados pés a areia ardente.

Canto 5.º Estr. 47.

O *Gerundio* compõe as linguagens de verbos frequentativos, é invariavel.

Pede a preposição *em* que o precede, e indica assim, que uma nova acção vae seguir-se : — Em correndo chegarás cedo. —

O gerundio regido d'esta preposição é de uso latino.

III

Graças ao methodo historico-comparativo applicado ao estudo das linguas, resolveu-se a syntaxe do verbo *haver*.

Hoje os Grammaticos estão mais ou menos de accordo que o verbo *haver* é um verbo impessoal por uso. Julio Ribeiro que tambem assim considera-o em certas orações, accrescenta que elle não necessita sujeito claro, sua syntaxe é semelhante a dos verbos *chover*, *trovejar*, ou qualquer.

Julgamos que não.

Em *chóve*, *troveja*, o sujeito não vem claro porque está incluído na propria significação do verbo.

E' o que observamos nas palavras cognatas.

Assim quando a idéa expressa pelo sujeito está incluída na sua propria significação não se emprega um verbo com o mesmo sentido ou significado; ou melhor. si empregarmos o sujeito *defunto* não usamos do verbo *morrer*, porque a idéa de morte já está incluída no sujeito.

Entretanto, que com o verbo *haver* o sujeito é originado do complemento.

Em *ha homens*, o sujeito é formado da idéa da palavra *homens*, que vem a ser a *sociedade*, o *mundo*.

Nas linguas, como nas sociedades, como no direito ha duas forças: uma estatica e outra dinamica.

Nas linguas a primeira d'estas forças é representada pelo povo, que conserva mais as palavras em sua primitiva origem, e usa mais dos archaismos.

Pois bem; é no povo que encontramos a perfeita confusão entre o verbo *haver* e *ter*, parecendo mostrar que para elle ou antigamente os dous verbos tinham a mesma funcção, identico significado.

Diz elle: — hoje *tem* missa — por — *ha* missa.

Quem se dedica ao ensino, muitas vezes observa as transformações phoneticas de uma palavra, certas regras baseadas no estudo comparativo e no uso, todas ellas palpitantes nos erros das provas de Portuguez, dos estudantes.

Exemplifiquemos:

Quantas vezes os nossos discipulos escrevem *leones*?

Não é este o meio de provar-se etymologicamente o plural em *ões* dos substantivos em *ão*?

Quantas vezes dizem *trouve*?

Não é esta a primitiva forma do aoristo do verbo *trazer*?

Finalmente, quantas outras vezes, descrevendo uma sala dizem: — *Tem* de um lado uma porta, *tem* de outro etc.

Não está bem patente a confusão dos verbos *ter* e *haver*, exprimindo ambos a posse?

— Os nossos *haveres* — não significam — os nossos *teres*, os nossos *possuidos*?

Vergueiro e Pertence na sua metaphisica linguistica diz, contra os factos da lingua, que o verbo *haver* empregado no sentido de *existir* usa-se na terceira pessoa do singular ainda que o sujeito seja da terceira pessoa do plural.

Esta opinião prende com mais facilidade o espirito dos simples por ser de mais ligeira comprehensão e de mais facil analyse.

Para explicarem a discordancia entre o sujeito e o verbo classificam este facto de idiotismo, recurso extremo dos que não aprofundam as questões grammaticaes.

Uma outra theoria tam absurda como esta, é sustentada e d'ella nos dá uma amostra Sotero dos Reis:

« O verbo impessoal *haver*, cuja significação é a mesma de *existir* emprega-se ordinariamente com o sujeito grammatical occulto: — classe, genero, especie, porção, quantidade, numero, espaço etc., e um complemento d'esse sujeito precedido da preposição *de* tambem occulta.

Exemplo em Camões:

Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.

A syntaxe regular é: — Dizei-lhe que tambem numero de traidores etc.

Esta theoria não assenta em facto algum linguistico, é um mero sophisma.

De tudo quanto acabamos de expender, claro está que é nossa opinião a que dá como significado do verbo *haver*: *ter* ou *possuir*.

Neste caso o sujeito da oração está occulto e uma simples reflexão com facilidade descobrirá um nome colectivo, ou pelo menos um nome em que esteja contido o complemento grammatical.

— Haverá lances. — isto é, — a vida ou o tempo possuirá ou terá lances.

A analyse da phrase franceza *Il y a des hommes* manda considerar *des hommes* como complemento e *il* (indeterminado) como sujeito.

E' esta a theoria que melhor explicação historica e scientifica encontra e a favor da qual militam não só a origem do verbo *haver*, lat. *habere*, (ter), como a classica phrase citada por João Ribeiro.

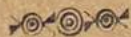
Elle *havia* nome Antão.

Observamos mais que a palavra *eis* que em geral os Grammaticos classificam como adverbio não é mais do que a forma do verbo *haveis*—*heis*—*eis*, e pôde ser substituida pelo verbo *ter* e vice-versa.

Padre Manoel Bernardes:—Aqui tendes mil e quinhentos marcos de pedra — equivale a: — Eis aqui mil etc.

« Na maxima seguinte: — Ha fanfarrões de sciencia, como os ha de valor e nobreza, o Marquez de Maricá não substituiu na segunda proposição, o substantivo *fanfarrões* pelo caso recto *elles*, como devera se fosse sujeito, mas sim pelo pronome *os* que, neste caso, tem força de accusativo latino, e é por isso, como o substantivo a que se refere, complemento objectivo de *ha*. (1)

Ramalho Ortigão diz: (2) Ha-os nesta collecção de todas as especies. — Neste exemplo *os* não pôde ser sujeito; é sim complemento objectivo, estando o verbo *haver* na significação de *ter*, *possuir*.



(1) Grammatica Portugueza pelo Dr. A. Freire da Silva. Vi. Pag. 332.

(2) Farpas. 5.º volume. Pag. 179.



LECÇÃO VIGESIMA

ETYMOLOGIA VERBAL: PESSOAS, MODOS. THEMAS SIMPLES

I

E' um facto acceito por grande numero de linguistas que as flexões verbaes consistem na soldagem de um pronome pessoal a um thema adjectivo ou substantivo.

E' esta a parte mais importante e difficil que tem o estudo da Grammatica e neste ponto principalmente a *Grammatica Comparada das linguas indo-européas* de Bopp, o sabio guia do illustrado glottologo Sr. Adolpho Coelho é um manancial inexgotavel, manancial de que este escriptor aproveitou as principaes idéas sobre a theoria da conjugação latina.

O estudo comparativo das conjugações latina e portugueza é muito complexo e difficultoso

Em nossa lingua só conhecemos um trabalho perfeito sobre este assumpto. que é do distincto glottologo portuguez A. Coelho, sob o titulo: *Theoria da Conjugação em Latim e Portuguez*.

E' este livro o nosso pharol na presente Lecção. Analysando primeiramente a formação dos verbos, diz, que elles exprimem a acção e as relações de tempo, modo e pessoa.

Nas linguas indo-européas compõe-se o verbo da

raiz, que é o elemento da significação, e dos elementos da relação precedidos por aquella.

A ordem dos elementos do verbo é : thema temporal mais desinencia pessoal.

Por exemplo : no verbo *noscit*, o *t* indica a 3.^a pessoa do singular, *sci* o presente, (no perfeito *no-vi* falta este elemento), *no* indica a raiz, a acção de conhecer.

Os themas temporaes são simples, como em *ama*, raiz *am* suffixo *a* ; e compostos, como *ama-vi*, thema *ama* e o thema do preterito *vi-fui*

Desinencias pessoaes :

A desinencia da primeira pessoa do singular é *m* do thema pronominal indo-europeu *ma* que conserva as seguintes formas :

1.^a do imperfeito da raiz italica *fu*, no latim *bam* por *fuam* : *amabam*.

2.^a do imperfeito da raiz latina *es* : *eram* por *esam*.

3.^a do optativo e do conjunctivo : *siem*, *dicam*.

4.^a do presente do indicativo da raiz *qua* (dizer): *inquam*, e da raiz *es* : *sum* por *esum*.

E' bom notar-se que nas demais formas da primeira pessoa do presente assim como nas do preterito, essa desinencia deixou de ser pronunciada e escripta : *feror* de *ferom*; *dico* de *dicom* etc.

O mesmo se observa no accusativo latino.

E' o phenomeno que se dá em Portuguez : — *ama-va*, *era*, *dizia*, *diga* —

A forma *inquam* não tem correspondente em nossa lingua, e a forma *sum* pronuncia-se e escreve-se *sou* (só) do latim vulgar so pronunciado como *do*, *sto*, port. *dou*, *estou*.

A desinencia da primeira pessoa do plural em Latim é *mus* em todos os tempos: *amamus*, *amavimus* etc.

O Portuguez conserva essa desinencia e antigamente escrevia-se : *amamus* — *amamos*. —

No Latim a desinencia da segunda pessoa do singular appresenta tres formas :

1.^a *ti* do thema pronominal indo-europeu *ta* que se encontra no Latim *tu*, *tibe*, *te* etc. : no perfeito *dedisti*.

2.^a *s* indo germanico, forma secundaria de *s* de *si*.

Este *si* é forma assibilada de *ti*. diz Schleicher.

Conserva-se em Latim : *amas, amabas*, excepto no perfeito : *amaviste, dediste*.

O mesmo dá-se no Portuguez, mudando-se somente o *ti* em *te* : *amaste, deste*.

3.^a *to*, desinencia emphatica do imperativo, da forma do antigo latim *tod*.

Em Portuguez o imperativo não tem desinencia pessoal : — *ama, dá*.

A desinencia da *segunda pessoa do plural* em Latim é *tis*, indo germanico *tasi*, que apparece em todos os tempos : *fertis, datis, dedistis* etc.

No imperativo perde o *s* e muda o *i* em *e* : *ferte, date*.

Occorre em Latim uma fôrma emphatica *tote*.

Em Portuguez o *t* da desinencia fica inalterado no preterito por causa do *s* que o precede : — *amastes amavistis*.

Fôra d'este tempo abrandá-se em *d* : *amatis*, antigo Portuguez — *amades*, — ficando finalmente syncopado o *d* por estar entre vogaes, como em *fidelis* port. — *fiel*.

Em alguns verbos o *d* conserva-se, diz Diez, porque se appoia sobre o *n* : — *Pondes, tendes* ; — ou sobre o *r* : — *Cantardes, amardes*. —

Possue tambem a forma archaica *sondes-sois*, usada no Archipelago Açoriano : — *Sondes menina e moça vos tornareis a casar*. — *Sondes neto de Sant'Anna, filho da Virgem Maria*. — Canto Popular, recolhido por Theophilo Braga.

Até o seculo 15.^o as formas verbaes conservam o *d*, d'ahi em diante encontram-se as duas formas e na Grammatica de João de Barros (1540) aquella lettra desaparece.

A desinencia da *terceira pessoa do singular* é em Latim *t*, forma secundaria de *ti*, abrandada de *ta*.

Esta ultima forma é pronome demonstrativo que só apparece em composição : *is-te, is-ta, is-tu-d*.

No imperativo *to* vem de *tod*, no osco *tud*, no grego *to*

Do 4.^o seculo da era christã em diante o som do *r* foi sendo pronunciado surda e fracamente na lingua do povo e às vezes supprimido, como diz Corssen.

Nos primeiros Cancioneiros Portuguezes ainda se encontra a forma *est*, modo de escrever do verbo *ser*, que não é puramente etymologico e que só era empregada para evitar o hiato quando a palavra seguinte começava por vogal; a forma usual é, porém, — é —

A desinencia, portanto, da 3.^a pessoa do singular do Latim não deixou vestigios em Portuguez.

A desinencia da terceira pessoa do plural em Latim é *nt* por *nti* que só foi conservada em *tremēti*, e é igual no indo germanico *nti* empregada depois do thema vogal e *anti* usada depois do thema consonantal.

Em Latim ha *sunt*.

No perfeito em *runt* observa se simplesmente a forma do presente da raiz *es*: *sunt* mudado o *s* em *r*.

O imperativo tem *nto*, indo germanico *ntat*.

A desinencia da terceira pessoa depois de reduzida à forma do Latim *nt* passou por ultteriores modificações.

Em Portuguez o *t* apparece apocopado. o *n* tornando final fica reduzido a uma consonancia nazal ou melhor funde-se com a vogal que o precede em uma vogal nazalisada, representada por til, *m* ou *n*.

A desinencia fica, pois, *ão* ou *am* facilmente explicada ou então é *em* que ora provem do *e* ora do *u* latino.

Desinencias pessoaes

Sing.	Latim	Portuguez
1. ^a pessoa	<i>m</i>	(desappareceu)
	{ <i>s</i>	<i>s</i>
2. ^a pessoa	{ <i>ti</i> (perfeito)	<i>te</i>
	{ <i>to</i> (imperativo)	(não tem)
	{ <i>t</i>	(desappareceu)
3. ^a pessoa	{ <i>to</i> (imperativo)	(não tem)
Plural		
1. ^a pessoa	<i>mus</i>	<i>mos</i>

2. ^a pessoa.....	{	tis	...des (ant); es, is
		te (imperativo)	...de (ant); e,
		tote (imperativo)	... (não tem)
3. ^a pessoa.....	{	unt	{ e (não tem)
			un, um... um, om, am, (ant.)
		nt, n (lat. vulgar)	am, ão.; em, ão.

Sobre o titulo de suffixos *modaes* vamos comparar, ajudado pelo philologo A. Coelho, as alterações que as linguas latina e portugueza soffreram nos modos de seus verbos.

O *indicativo* não tem suffixo modal. Forma-se pela união do *thema* verbal ás desinencias pessoaes.

O *imperativo* só se distingue do indicativo porque as desinencias pessoaes adquirem força vocativa.

Temos, pois, nas linguas indo-européas o optativo e o conjunctivo que no Latim se fundiram no conjunctivo.

O logar dos suffixos *modaes* é entre o *thema* verbal é a desinencia pessoal.

A forma primitiva do suffixo do *optativo* era *ja*, e nas linguas indo-européas *já*.

No conjunctivo latino descobrem-se algumas formas primitivamente do suffixo optativo.

Estas formas passaram pelas seguintes modificações :

$$\begin{matrix} ja-ie \\ já-ié \end{matrix} \left\{ \begin{matrix} i-i \\ i-i \end{matrix} \right.$$

As duas formas primitivas só foram conservadas no ramo asiático ; as outras temos no Latim com a raiz *es*.

siem

sies

siet

siemus (forma hyp)

sietis (" ")

sient

sim

sis

sit

simus

sitis

sint

Com as raizes *vel*, *ed*, *du*, (*da*) : *velim* por *veliem*; *edimus* por *ediemus*; *duis* ou talvez *dais* por *daies*.

Em Portuguez como em Latim o final do *thema*

optativo da primeira conjugação, em *á* (única que conservou a forma optativa) é constante *é* :

lat. amem
ames
amet
amemus

port. ame
ames
ame
amemos etc

As formas do *conjunctivo* em Latim são as dos thematicas em *a* (3.^a conjugação) e dos verbos em *é* (2.^a conjugação) e *i* (4.^a conjugação.)

Dicam, dicas, dicát, e posteriormente *dicat*, etc.

Nas formas conjunctivas dos verbos em *é* e *á* o suffixo *aja* que forma o thema verbal d'essas conjugações e o suffixo *a* do conjunctivo passaram pelas seguintes modificações.

$aja + a = ajá$ { *ejá — eá*
 { *ijá — iá*

por ex : *moneámus, vestiámus*.

O conjunctivo presente dos verbos primarios, em *a*, foi conservado, e o dos derivados em *e* e *i* latinos são representados em Portuguez pelos em *e* e *i*.

Verbo primitivo :

Lat. Dicam

Port. Diga

Dicas etc

Digas

Verbo derivado em *e*

Lat. Debeam

Port. Deva

Debeas etc

Devas

Verbo derivado em *i*

Lat. Vestiam

Port. Vista

Vestias

Vistas

II

Themas temporales.

Sobre os thematicas do presente distinguimos :

1.^o *Themas* constituídos pela raíz sem suffixos.

Nesta classe a raiz apresenta-se na sua formação simples ou reforçada.

Raizes com vogal não reforçada, simples.

O Latim offerece poucos casos :

a) presente da raiz latina *es* (ser) como : *sum* por *esum* de *es* — *m* (*u* vogal euphonica ou ligativa) ; *sumus* por *esumus* de *esmus*.

b) algumas formas do presente da raiz latina *vol* (querer) : *volumus* por *volmus* (*u* ligativo).

c) terceira singular do presente da raiz latina *ed* (comer) : *est* (elle come) por *edt*.

d) terceira singular do presente da raiz latina *fer* (levar) : *fert* que talvez provenha de *ferit*.

e) as formas do presente da raiz latina *da* (pôr) : *do*, *dis*, *dit*, *dimus*, *ditis*, *dunt*, que apparecem nos compostos *ab-dit*, *cre-dit* etc.

Raizes com vogal reforçada.

A esta classe pertence o thema do presente da raiz *i* cujo perfeito é *i-vi* e o supino *i-tum* que antigamente apparecia com as formas : *eitur*, *eis*, *eit* onde o diphthongo contrahio-se em *i* longo.

Parecem pertencer a esta classe : *fló*, *flás*, *flát* etc, *fór*, *fár*, *faris* etc. (ant. lat.) que occorre em *fabula* etc ; *dó*, *dás*, *dát*, onde a vogal só é reforçada no singular e *nó*, *nás*, *nát*.

Em Portuguez o presente da raiz *es* é : — *sou*, *és*, *é*, *somos* etc.

Só ha a notar que a 3.^a pessoa do singular seja *é* por *és* que foi usada para distinguí-la da 2.^a singular.

Os d'esta pessoa é signal constante da 2.^a pessoa emquanto que na 3.^a não tinha significação.

Quanto aos themas : *vol*, *ná*, *flá*, *fá* perderam-se em nossa lingua ; os compostos de *do* seguem analogicamente os themas em *a* ; as formas do presente de *dó* e *stó* seguem as latinas e temos : — *dou*, *dás*, *dá* - etc. ; — *estou*, *estás*, *está*, *estamos* — etc.

Quanto aos themas *ed*, *fer* pertencem ao caso :

2.^o *Themas constituídos pela raiz com o suffixo A.*

Em Sanskrito, como em Latim, encontram-se numerosas formas do presente constituídas d'este modo.

No Latim, porém, em virtude da phonologia e differenciação das formas pessoaes, o suffixo toma as formas.

1.^a Singular.

1.^a pl. 2.^a sing e pl. 3.^a sing.

3.^a plural.

o

i

u

As formas parallelas entre essas duas linguas mostram que o o da 1.^a pessoa prevem de um á primitivo sanskritico.

Assim *fero* corresponde ao sanskritico *bharámi* em que o *a* é reforçado.

No plural em que esta letra não é reforçada temos *ferimus* e não *feromus*.

3.^a *Themas constituídos pela raiz reduplicada.*

O numero d'estes themas é muito pequeno em Latim.

Quando a raiz termina em consoante junta-se-lhe o suffixo *a* quando termina em vogal esta é considerada como se fosse aquelle suffixo.

4.^a *Themas constituídos pela raiz com o suffixo NA.*

Neste caso ou o thema conserva o valor da letra *n* do suffixo : *lini* raiz *li* ; *cerni* raiz *cer* ; ou então o *n* é arrastado para o interior da raiz e fica unido aos outros sons : *vincit*, *victum* ; *fundit*, *fusi*, *fusum* ; *frangit*, *fregi*, *fractum*.

5.^a *Themas constituídos pela raiz com o suffixo SKA.*

A esta classe pertencem : *gnascor*, raiz *gna* ; *gnoscit*, raiz *gno* ; *pascit* raiz *pa* ; *gliscit* ; *sciscit* ; *hisco* ; *discit* ; *crescit* ; *poscit* e pouco mais.

Este suffixo *ska* constitue formas conhecidas ordinariamente como inchoativas.

Elle existe tambem no verbo *miscere*, onde fundio-se intimamente com a raiz de modo que percorre todas as formas do verbo e apparece nos derivados : *miscui*, *mixtus*.

6.^a *Themas constituídos pela raiz com o suffixo TA.*

Este suffixo vem sempre depois de raizes terminadas por guttural : *pectit*, *flectit*.

Em Portuguez a desinencia d'estes cinco ultimos

casos, ou se conformam com as dos themas em *e* e soam :

- | | |
|--------------------------------|-----------------------------|
| 1.º singular: <i>o</i> :— devo | 1.º pl: <i>è</i> :—devemos. |
| 2.º » <i>e</i> :— deves | 2.º » <i>é</i> :—devéis. |
| 3.º » <i>e</i> :— deve | 3.º » <i>e</i> :—devem. |

ou se conformam com as dos themas dos verbos derivados em *i* e soam.

- | | |
|------------------------------|-----------------------------|
| 1.º sing. <i>o</i> :— visto | 1.º pl. <i>í</i> :—vestimos |
| 2.º sing. <i>e</i> :— vestes | 2.º pl. <i>i</i> :—vestis |
| 3.º sing. <i>e</i> :— veste | 3.º pl. <i>e</i> :—vestem |

Devemos observar que depois do *z* (*c* lat.) e *r*, cae o *e* final da 3.ª pessoa do singular que não é protegido pela desinencia pessoal :—diz, induz, quer ; entretanto no imperativo, temos :—dize, induze — etc.

7.º *Themas constituídos pela raiz com o suffixo JA.*

A vogal *a* queno Sanskritto fica reforçada soffre em Latim as mesmas modificações que o suffixo *A* (2.º caso.)

Assim do primitivo *ja* da primeira pessoa do singular no Sanskritto, apparece em Latim *io* (*jo*) ; de *ja* das outras pessoas vem *ji* onde o *j* cae, e *iū* (*ju*) : *capio* por *capoim* de *capjom* ; *cápis* por *capjis* de *capjasi* que fazem *cepi* e *captum*.

Da mesma forma : *fugio*, *fugi*, *fugitum* ; *feci*, *factum*.

Como vemos o *j* do suffixo só apparece na 1.ª pessoa do singular e na 3.ª do plural.

Em Portuguez não se encontram vestigios d'elle na 3.ª pessoa plural : de *fugiunt* vem —fogem— de *faciunt* vem—fazem.

Na 1.ª pessoa do singular, ora syncopa o *j* depois d'elle ter influido sobre a consoante precedente, ora arrasta a semi-vogal *j* por metathese para o interior da raiz. Assim temos, ora—jazo—de—*jacio*, - fujo—de *fugio*,—faço—de *facio*,—ora caibo—de *capio*,—paio—de *pario*.

Em —sei—de *sapio* o *i* final representa o *j* do suffixo : de *sapio* veio —saibo—d'onde por syncope do *b*—saio, e seio—A queda do *o* deu-se para evitar a homonymia com—seio—de *sinus*.

Confessa, em todo o caso, com muita razão Adolph Coelho, que não confia muito nesta explicação. E' possível que a quêda do *o* seja puramente mechanica.

Sobre os themas do *perfeito* temos :

Estes themas são simples ou compostos.

Simp les, como *fui* ; compostos, como *jacui* por *jac—fui*.

A explicação dos primeiros é talvez o ponto mais obscuro da theoria da conjugação latina.

Todavia podem ser explicadas da seguinte maneira :

4.º Os themas ou tem a raiz reduplicada ou não, e neste caso tem quasi sempre a vogal alongada.

Em Grego e Sanskrito, o perfeito é produzido pela reduplicação: *vid-vid-ma* no indo—europeu significaria: eu *vi*. Em Latim *cecidi*, *pupugi*, *momordi* etc.

Quando o thema é sem reduplicação devemos notar que, ou a vogal que era breve no presente torna-se longa no pret erito : *lavi* de *lavo* ; ou ao *a* do presente corresponde *e* : *feci* de *facio* ; ou então apparecem themas com vogal radical longa tendo ao lado formas do presente com vogal tambem longa : *sidi* ao lado de *sido* ; ou themas com vogal longa que tem ao lado formas do presente com vogal da raiz seguida de nasal (*a* muda-se em *e*) : *fregi* ao lado de *frango* ; ou themas com vogal radical brevê ao lado de presente com vogal seguida de nasal : *fidi* ao lado de *findo* ; ou finalmente themas em que reapparecem a vogal radical do presente e as consoantes que a seguem sem alteração : *defendi*, *accendi*. etc

Entretanto não ha ainda uma explicação completa e satisfactoria destas formas sem reduplicação.

Julga Schleicher que todas as formas latinas do preterito proveem da forma reduplicativa ; numas houve simples queda da syllaba de reduplicação, noutras, contracção.

A's primeiras pertence *tuli* ao lado de *tetuli*. A's segundas *fregi* ao lado de *frefigi*.

2.º Depois da raiz, um elemento *i* primitivamente longo em todas as pessoas, ao qual se juntam logo depois

as desinencias pessaes na 1.^a singular e plurale 3.^a singular.

Em Latim as terminações são : *i*, *isti*, *it*, etc.

Uns explicam estas formas dizendo que este *i* é um elemento do quinto aoristo activo sanskritico, como diz Corssen.

Outros, que devem ter origem no *a* breve formativo do perfeito sanskritico e grego.

A questão do perfeito latino é irresolúvel com os dados que até hoje se teem.

3.^o Um *s* collocado depois do elemento *i* na 2.^a pessoa singular e plural e na 3.^a plural mudado em *r*.

Este *s* é resto da raiz *es* (*ser*) que entra em composição nas formas verbaes das linguas indo-europeas

Para o Portuguez os unicos perfeitos simples que passaram do latim são :

a) da raiz *da* :—dei— de *dedi* ;—deste— de *dedisti* ;—dêu— de *dedit*, influenciados pelas formas do perfeito composto dos derivados em *e*, como —deveu— etc.

b) perfeito da raiz *ven* :—vim—de *veni*, etc.

Houve cuidado em evitar a confusão da raiz *ven* com o perfeito da raiz *vid*, pois de *venisti* melhor viria —viste— que —vieste.—

c) da raiz *fu* —fui— de *fui* ; —foste— de *fuiste* etc.

d) da raiz *vid* :—vi— de *vidi* —viu— por analogia dos derivados em *i*, como *vestiu* etc.

e) da raiz *fac* :—fiz— de *feci* etc.

Nas formas portuguezas é bom notar : 1.^o que o *e* latino na 4.^a pessoa singular é representado por *i* para distingui-lo da 3.^a pessoa que conserva o *e* ; 2.^o que nas syllabas não accentuadas o *e* muda-se em *i* por analogia da 1.^a pessoa ; 3.^o a mudança da accentuação na 4.^a pessoa plural por analogia das formas dessa pessoa no perfeito portuguez em que ella é accentuada na penultima :—comemos, partimos.—

Sobre os themas simples do imperfeito, verifica-se que o seu numero é muito limitado.

Em Latim só se encontram dous : o do imperfeito

da raiz *es* : *era* por *esa* e do imperfeito da raiz *fu* : *ba*, por *fua*, que só é empregado em composição : *monebam*.

Schleicher diz ser este imperfeito formado, como o lituanico juntando-se à raiz as formas do presente dos verbos derivados em *a* longo. primitivo *aji*.

Corssen com melhor vantagem prova que *eram* vem do sanskrito *asam*.

Do mesmo modo formou-se um imperfeito da raiz *bhu*, *fu* que pela phonetica latina mudou-se em composição em *bam*, *bas*, *bat*, *bamus* etc.

Em Portuguez o imperfeito da raiz *es* é : — *era*, *eras*, *era*, *éramos*, *éreis* (ant. *erades*) *eram*.

Houve mudança do accentto no *a* formativo para a raiz no plural.

Como vimos a raiz *fu* entra em nossa lingua somente em composição.

As formas simples do *perfeito* parecem provir de uma epocha longinqua, o que torna difficilima a sua analyse e boa explicação.

D'ahi procurar o Latim um processo novo para formação de novos perfeitos.

E como succede no periodo da decadencia das linguas, o meio posto em pratica foi o da composição, de que trataremos na Lecção que se segue.





LECÇÃO VIGESIMA PRIMEIRA

ETYMOLOGIA VERBAL: THEMAS COMPOSTOS. VOZ PASSIVA.

I

No dominio da etymologia verbal falta-nos analysar a formação dos themas compostos em sua origem.

Comecemos pelo *preterito perfeito* tambem chamado *aor.sto.*

Em Latim são dous os themas : em *si* e em *ui* ou *vi*.

A primeira forma *si* é originada da seguinte maneira : da raiz *es*, pelo processo de formação de themas simples do perfeito, veio naturalmente *es-es-i* d'onde *s-es-i*; depois prevalecendo sempre a syllaba reduplicativa formou-se *si* que juntou-se as raizes verbaes, apparecendo em regra depois de guttural, dental ou labial : *duc-si* raiz *duc*, presente *duco*; *lu-si* de *lud*, presente *ludo*; *serp-si*, de *serp*, presente *serpo*.

Depois de *l*, *si* só apparece em *vul-si*, presente *vello*; depois de *n* em *man-si*, presente *maneo*.

Quando as formas radicaes terminam em *m* intermedeia-se um *p* antes de *si* para evitar a ligação *ms* : *sum-p-si* presente *sumo* etc.

A conjugação portugueza so tem um perfeito em *si* que é o da raiz *dic*:

disse

disséste

disse

lat.

„

„

dic-si

dic-sisti

dic-si-t

O segundo thema composto do perfeito é *ui* ou *vi*. Quando precede consoante usa-se *ui*, quando vogal *vi*: *crep-ui*, *ama-vi*.

Para demonstrar que esse thema é o perfeito da raiz *fu*, descoberta de Bopp, perderíamos grande espaço de tempo sem resultado para os estudantes.

Além d'isto é o proprio Adolpho Coêlho que, baseando nas diversidades de opiniões de Corssen, Schleicher, Schweiser-Sidler e Bopp, diz que si algumas d'estas questões acham-se resolvidas, outras carecem ainda de ser aprofundadas e vistas por todos os lados.

Das innumeradas provas que elle accumula para demonstrar que *ui* ou *vi* é o thema do perfeito da raiz *fu*, a mais clara e logica é a que appresenta com o verbo *pos-sum*.

Este verbo é, todos affirmam, composto do verbo *sum* e *pot*, d'ahi *potes*, *potest*, *potero* etc; entretanto no perfeito é *pot-ui* em vez de *pot-fui*.

Em Portuguez não ha esta grande variedade de formas que tanto difficultam o Latim.

A nossa lingua modifica phoneticamente as formas latinas, limitando a um só molde os verbos primitivos ou derivados.

Observemos estas modificações:

1.^a Verbos em *a* (1.^a conjugação)

amei	lat.	amavi
amaste	»	amaviste
amou	»	amavit
amámos	»	amavimus
amastes	»	amavistis
amaram	»	amaverunt

A syncope do *v* é facto que observa-se no proprio Latim vulgar, como diz Corssen.

A mudança do *ai* em *ei* (—primario—metathese—de—primario—deu—primeiro) é natural em Portuguez assim como na 2.^a pessoa do singular e no plural o desaparecimento do *vi*, *re*.

Em Portuguez a forma *vi* na 3.^a pessoa do singular mudou-se em *u* (— Nauta — ao lado de — navita —; naufragus — por — navifragus —) da seguinte maneira:

Houve syncope do *i* e ficando o *v* entre duas consoantes mudou-se em *u*.

O *a* latino em *amavit* transformou-se em *o* — amou, — o que também vemos em *aurus*, — ouro ; — *thesaurus*, — thezouro ; — e finalmente deu-se a queda da desinencia pessoal.

Assim temos no singular :

amavi	amai	amei	
amavitis	amasti	amaste	
amavit	amaut	amout	amou

2.^a Verbos em *e* (2.^a conjugação)

devi	lat.	debevi	debui
deveste	»	debevisti	debuistis
deveu	»	debevit	debuit
devemos	»	debevimus	debnumus
devestes	»	debevistis	debuistis
deveram	»	debeverunt	debuerunt

Analysemos : Na 4.^a e 2.^a pessoa do singular syncopeu-se o *v* do *vi* contrahindo o *ei* em *i* na 4.^a pessoa do singular e em *e* nas outras pessoas. Na 3.^a pessoa do singular dá-se o mesmo phenomeno dos verbos da 4.^a conjugação : a forma *vi* é representada por *u*.

Na 3.^a pessoa do plural, houve syncope do *v* e os dous *ee* contrahiram-se num. Assim :

debevi	debei	debi	devi
debevimus	debeimus	debemus	devemos
debevti	debeut	debeu	deveu
debeverunt	debeerunt	deberunt	deveram

3.^a Verbos em *i* (3.^a conjugação)

vesti	lat.	vestivi
vestiste	»	vestivisti
vestiu	»	vestivit
vestimos	»	vestivimus
vestistes	»	vestivistis
vestiram	»	vestiverunt

O *v* da forma *ci* cáe, é este um phenomeno muito natural no proprio Latim nos verbos em *i*, diz Neue.

Pela queda do *v* os dous *ii* contrahiram-se; a transformação do *v* em *u* já foi explicada:

vestivi

vestii

vesti

vestivit

vestiut

vestiu etc.

Os perfeitos latinos em *ui*, que o Portuguez conservou somente modificados phoneticamente, são:

a) perf. de *habere*:

—houve— por —haube— lat. habui

—houveste— por —haubeste— lat. habuisti

b) de *capere*:

—coube— por —caube— lat. capui

c) de *sapere*:

—soube— por —saube— lat. capui

d) de *posse*:

—pude— por —poude— lat. potui

—poude— ou —pòde— lat. potuit

—pudemos— por —poudemos— lat. potuimos

Somente com o fim de distinguir a 3.^a da 1.^a pessoa do singular o diphthongo *ou* mudou-se em *u*.

e) de *placere*:

—prouve— por —proue— lat. placui

Nos antigos escriptores encontram-se as formas *plouge* e *plogue* ao mesmo tempo que *prouve* em Fernão Lopes.

f) de *jacere*:

—jouve— (ant.) por —jogue— latim jacui

Actualmente a forma é —jazi—

g) de *ponere*:

—pus— (puz) por —pous— lat. posui

—poseste— por —pouseste— lat. posuisti

—pós— (poz) por —pous— lat. posuit

h) de *trahere*:

—trouxe— por —trauxe— lat. vulgar tracsui

—trouxeste— por —trauxisti— lat. v. tracsuisti

O *x* tem o som de *s* e por isso apparece mudado em *g* na forma antiga—trouge— e syncopado em —trouve, trouveste— onde o *v* foi introduzido para evitar o hiato resultante da queda da consoante medial, como prova —couve— de —caue— do latim *caule*.

A forma em *x* raramente encontra-se nos escriptos classicos.

Nas canções populares do Algarve e Beira encontra-se a forma em *v*.

i) de *tenere*:

—tive— por —teue— lat. *tenui*

—tiveste— por —teuisti— lat. *tenuisti*

—teve— por —teue— lat. *tenuit*

Observam-se as seguintes modificações: A syncope do *n*, a consonantisação do *u* para evitar o hiato, a mudança do *e* em *i* para distinguir a 1.^a da 3.^a pessoa no singular e por analogia da 1.^a a mesma mudança na 2.^a do singular e em todo o plural.

O perfeito do verbo —ter— formou em Portuguez o perfeito da raiz *sta*: —es-tive, es-tiveste— e um antigo do verbo —ser:—seve, severom, — de que encontra-se exemplos em D. Diniz, J. Pedro Ribeiro, Azurara, nas *Chronicas de Guiné* etc.

Analysemos o *futuro* do indicativo.

Desapparecendo o futuro latino em *bo* o latim classico aproveitou o emprego do verbo *habere* soldado aos infinitos verbaes e formou as linguagens *dicere-habeo*, *portare-habes*.

Esta construcção conhecida do Grego é mais familiar á lingua popular.

As linguas néo-latinas formam por este processo o seu futuro, com excepção unica do valachio que o construe por meio do verbo *velle*.

O Romanico obtem o futuro por meio de *venire*.

Em Sardo o auxiliar é collocado antes do infinito.

O Inglez forma-o com *shall* e *will*; o Allemão com *werden*; o Grego com *theto* etc.

No Portuguez temos: —amarci=amar hei. — Empregando-se a figura *tmese* disjuncta-se aquella forma e collocam-se os pronomes complementos: —amar-te-ei=amar-te-hei. —

No Francez: *Aimerai*=*aimer*+*ai* por *j'ai à aimer*.

No Provençal: *Dir-vos-ai*, *donar-lo-us-a*, que sempre apparecem disjunctadas por artigos ou pronomes.

No Hespanhol: *Hacer-lo-he* forma mais primitiva

que lo hare correspondendo ao Latim: *facere id habeo*
port. —fa-lo-ei.

No Italiano: *Cantero* = *can-tar-ho* etc.

Julga Max-Muller, que quem primeiro explicou a
origem do futuro romano foi Castelvetro na sua *Correttio-*
no (1577); entretanto já em 1492 o hespanhol Antonio
de Nebrissa tinha reconhecida esta composição.

Observamos que na agglutinação do futuro, os ver-
bos —dizer, fazer, trazer— e outros perdem o *z*: —direi,
farei, trarei.

Exceptua-se d'este caso o verbo —jazer— que faz
—jazerei— e não —jarei.

O que dissemos sobre o futuro observa-se no *condi-*
cional com a differença que este é composto com o im-
perfeito do verbo —haver— na forma contrahida:

—amar-havia=amar-hia=amaria.

O futuro do subjunctivo do Portuguez não existe no
Latim, e corresponde ao futuro perfeito.

Assim o futuro —amar, amares— etc. provem de *ama-*
vero, amaveris. pela symcope do *v* e desaparecimen-
to da vogal atona substituída pela accentuada Na 1.^a
pessoa do singular e o final *cæ* precedido do *r* provavel-
mente depois de se ter mudado em *e*.

Sobre o imperfeito do indicativo já tratámos quando
nos referimos nos themas simples (Leccão 20).

Temos que falar agora dos themas compostos d'este
tempo.

Forma-se elle accrescentando ao thema do presente
o thema *ba* imperfeito da raiz *fu*; assim do thema *da*
forma-se *daba*, de *sta*, *staba*.

O mesmo com os verbos derivados: *ama-ba*, *de-*
re-ba.

Na passagem para o Portuguez deram-se algumas
modificações phonicas.

No imperfeito em *aba*, o *b* mudou-se em *v*:

— Amava — latim — amaba.

No imperfeito em *eba*, desaparece o *b* e o *e* muda-
se em *i*:

— Devia — latim — devêba.

No imperfeito em *ieba* o *b* é syncopado e o *ie* contráe-se em *i*:

— Vestia — latim — vestieba. —

Sobre os imperfeitos — punha, tinha e vinha — Diez suppõe que se retrahiu o accento para firmar mais o *n* radical que d'outro modo teria cahido como no infinito; empregou-se a forma — ponia, = para não fazer desaparecer o *n* em — ponia — e mudou-se o *o* em *u* e o *e* em *i* para distinguir do presente do conjunctivo.

No Romance de D. Aleixo, versão da Foz, recolhido por Th. Braga encontramos — convenia — por — convinha.

A terminação *sem* que forma o imperfeito do subjunctivo é originada de *esem* que devia ter sido o optativo da raiz *es*, *esam*.

Em Portuguez estas formas originam-se do mais que perfeito do optativo latino:

— amasse — latim — amavissem; — fosse — latim — fuisset —

Houve no primeiro caso simples syncope de *vi*, e as outras alterações são communs.

O mais que perfeito conserva-se em Portuguez syncopando-se o *re*; por exemplo em — cantaram — latim — cantaverunt. —

Soffre tambem deslocação do accento na 1.^a e 2.^a pessoas do plural:

— cantáramos — lat. — cantaveramus. —

— cantáreis — lat. — cantaverátis. —

Foi, como se vê, conservado em Portuguez com pequenas alterações phoneticas.

Falta-nos traçar as notas sobre as formas nominaes do verbo.

Infinito Presente. O verbo latino forma-se pela junção do elemento *re* ao thema do presente: *ama-re*, *more-re*, *vesti-re*.

E' de notar que o *r* não é um som primitivo nesse elemento, mas sim provém de um *s*, como provam as formas *pos-se*, *es-se*.

Em alguns casos houve assimilação: *fer-re* por *fer-se*, *vel-le* por *vel-se*.

Em Portuguez desapareceu o *e* final e fundiram-se numa as formas de *ere* breve e *ere* longo, confundindo-se as formas dos verbos primitivos com as dos derivados em *e* e *i*.

Foi só o Portuguez, a unica lingua romanica que deu flexão pessoal ao Infinito. (Lecção 44.^a)

Participio presente. Este participio é formado por meio do suffixo *ant* que perde a vogal *si* por ella termina o thema, e que ás vezes transforma-se em *ent* e *unt*.

Em Portuguez o participio presente é usado como simples adjectivo ou sub-tantivo.

Encontram-se muitas formas participaes em *ant*.

Em Latim occorrem alguns substantivos que eram primitivamente participios presentes: *infant*, que não-fala, de *fant* participio de *fari*.

Em Portuguez ao lado de — oriente — (*de orior*, *nascor*.) — occidente — (*de occido*, *morrer*.) temos — nascente, poente —; de *legent* participio de *lêgo* formamos — lente; — sargento — do antigo — sergente — do latim *serviente* modificado pelo Francez, e tambem — tirante, caminhante, serpente etc.

Gerundio. Segundo Corssen o suffixo *ondo*, *undo*, *endo*, *ndo*, do gerundio, do participio do futuro passivo o composto do suffixo *on* e *do*.

A forma — undo = ondo — é archaica; a forma — endo — substituiu-a na linguagem classica; a forma — ndo — junta-se aos themas dos derivados em *a* e *e*: — ama-ndo, mone-ndo. —

Em Portuguez não ha participio de futuro passivo, embora appareçam palavras constituidas pelo mesmo processo: — gemebundo, segundo.

Das formas do gerundio só permaneceu o ablativo: — amando, vivendo, vestindo.

Participio passado. É formado em Latim por meio do suffixo *to* junto a forma radical: *da-to*; ou por meio de uma vogal ligativa: *gen-i-to*; ou pela junção aos themas verbaes derivados: *ama-to*.

Em Portuguez conservou-se a forma dos participios derivados em *a* e *i* (ato, ito) abrandando-se o *t* em *d*: —

amado— lat. *amato*; —vestido— lat. *vestito*, na 1.^a e 3.^a conjugação.

Na 2.^a conjugação o Portuguez á semelhança das outras linguas románicas adoptou o suffixo *uto*:—tributo, a guto.— O suffixo *udo* ainda usado no seculo 16.^o foi substituído pelo participio *ido*:—vencido, comido etc.

Do typo *udo* encontramos —estabelecida, perduda, metudo, entendudo, respondudo, tenudo etc.

Modernamente d'estas formas possuímos:—teúdo e manteúdo— (usados n'uma formula conhecida das Ordenações) —sanhudo— e o substantivo - conteúdo.—

No seculo 16.^o appareceram muitas formas contrahidas:—despeze, coito, escorreito, represso, tolheito, volto, comesto, colheito etc. etc.

O *supino* latino desapareceu no Portuguez.

O *participio do futuro* não existe em nossa lingua com força participial.

Possuímos algumas palavras como:—imorre-douro, vindouro, casadouro, etc. formadas com o suffixo *douro*.

Com o suffixo *ituro* existem ---futuro, ventura, sepultura, usura, — já considerados como substantivos em Latim.

II

Já sabemos que ha em Portuguez duas vozes: a activa e a passiva.

Precisamos tratar agora da passiva que tem tambem o nome de media passiva ou passiva reflexa.

O Latim ao contrario do sanscrito e grego perdeu a primitiva voz media e procurou outro modo de formação.

Então reccorreu primitivamente ou ao processo de juntar ás formas do activo o pronome reflexivo *se*: ou ao processo de construir o participio medio *mino* com o verbo *esse* que algumas vezes ficava occulto.

Do primeiro caso temos *amo-se*, do segundo *am-*

sumo-ssum. Fundindo-se depois estas duas formas, as duas o Latim promiscuamente prevalecendo todavia a primeira.

O processo do Portuguez é differente.

Emquanto o Latim exprime-se por desinencias, o Portuguez compõe uma forma com o verbo *ser* e o participio passado: —sou amado — lat. amor. —

Note-se, porém, que esse processo já não existia em Latim no tempo de Cicero.

Tambem o Portuguez renova o modo apassivador latino de *se* reflexivo, processo que encontra-se tambem no slavo, mas que aquella lingua só usa nas terceiras pessoas.

A origem do pronome *se*, oppõe-se a ser elle considerado sujeito, visto como no Latim não tinha elle nominativo, que é o caso que serve de sujeito ao verbo finito.

Na phrase: —Dança-se—e em outras semelhantes, o sujeito é um substantivo incluído no verbo, que no exemplo dado vem a ser a—dança.

Em Latim dizia-se: —Pluvia pluit: a chuva chove.—

Ouçamos o que diz Adolpho Coelho:

« A lingua tem perdido muito a consciencia do character d'estas construcções; d'ahi vem o emprego do verbo no singular com o sujeito no plural: —sabe-se noticias, conta-se casos — e outros tão frequentes no falar usual e na linguagem descurada das folhas periodicas. Nessas phrases incorrectas *se* adquire quasi o valor de indefinido empregado como sujeito da proposição e corresponde apparentemente ao francez *qu*.

E' assim, continúa elle, que as linguas se alteram e que as monstruosidades (o nome convem á cousa) nascem nellas do esquecimento da funcção primitiva de seus elementos.»

Egger diz: Distingue-se ainda uma classe de pronomes ordinariamente chamados reflexos e que s'ó ora simples como *sui sibi*, *se*, e em francez *soi*, *se*; ora compostos e juxta-postos (no grego). Estas palavras nunca servem de sujeito, mas sempre de complemento a qualquer outra palavra; d'ahi vem que nas linguas onde

elles se declinam, não teem nominativo, mas só os outros casos (1).

Possuimos em Portuguez muitos verbos activos cuja origem é um verbo passivo latim :

falar	do lat.	fabulari
morrer	“ “	morior
querer	“ “	queri

Mesmo em Latim vemos verbos empregados na forma activa e na forma deponente: — adulator e adulo; — comperior e comperio — imitor e imito. —

Em Portuguez os verbos intransitivos não são usados na voz passiva.

Expliquemos ligeiramente a formação da voz passiva em Latim por meio de suffixos que somente se acrescentam no presente, imperfeito e futuro no imperativo e no presente e imperfeito do subjunctivo.

Nos outros tempos emprega-se o verbo *sum*, *es*, *fui*, *esse* e o particípio passado em *tus*: *amatus sum*, *amatus fueram* etc.

Com o primeiro modo a passividade era assim feita :

1.^a pess. sing. do pres. indicativo.

A forma activa acrescentava-se um *r* que é originado de um pronome reflexivo *se*, que ficava entre vogaes, vindo afinal a cahir o *e*:

=ama=amo-se=amo re - amor.

2.^a pessoa singular.

ligaris ou *ligare*. Depois de juntar-se a forma activa *ligas* o pronome *se* foi preciso introduzir um ligativo, mudando o *s* em *r*:

=ligas=ligas-se ligas-ise ligar-ise ligar-is.

3.^a pessoa do singular.

Monetur. Depois de praticado o processo geral introduziu-se a vogal ligativa *u*.

1.^a pessoa do plural.

Com a forma activa *amamus* constituiu-se a forma passiva como as pessoas do singular — *amamus-u-se* — (*u* legativo), e depois — *amamur-u-r*; — e pelo princi-

(1) Grammaire comparée Pag. 67.

pio de dissimilação que manda destruir os elementos phoneticos eguaes numa palavra, ficou — amamur.

Explicam tambem assim: em — amamur-u r — cáe o *u* e apparece — amamur-r — e como a lingua não consente dous *rr* na desinencia, ficou — amamur. —

2.ª pessoa do plural

Emprega o Latim nesta pessoa o segundo processo de que falámos a principio: — ama-mini — em vez de, pela regra geral, fazer — amateris. —

3.ª pessoa do plural.

Nada appresenta de novo.

A forma — monentur, — por exemplo, é resultado do *u* ligativo: — monent-u-se — em que o *s* transformado em *r* e o *e* cahindo dá — monentur. —

A mesma explicação pode se dar á respeito dos outros tempos do indicativo e do subjunctivo.





LECÇÃO VIGESIMA SEGUNDA

PALAVRAS INVARIÁVEIS

I

Ha um certo accordo entre as Grammaticas Portuguezas em considerarem como palavras invariáveis: o *adverbio*, a *preposição*, a *conjunção* e a *interjeição*.

A esta quatro classes de palavras chamam imprópriamente *particulas*.

As categorias de adverbio, preposição e conjunção se desenvolveram das categorias de nome e pronome.

Em Portuguez, segundo Ad. Coelho (1) é clara ainda a origem nominal e pronominal de varios adverbios, preposições e conjunções.

Assim os adverbios em *mente* são representantes de expressões nominaes do ablativo latino, como — *bonamente*. —

A conjunção adverbativa *mas* sahio do adverbio *mais* no lat. *magis* que é um comparativo da raiz *mag* que temos em *mag-nus*.

A negativa *non* (não) é um accusativo da raiz pronominal *na* que temos em *na-m-que*, *na-n-quam*, etc.

Como representa o latim *quo modo*, ablativo de um pronome e de um nome.

(1) Glottologia. Pag. 137.

O antigo adverbio *car* vem de *qua re*, segundo Diez (1).

As preposições eram simples adverbios que pouco a pouco se foram juntando a certos casos de nomes e pronomes.

Regnaud diz que geralmente pode-se afirmar que os adverbios são antigos casos de adjectivos empregados como substantivos ou pronomes empregados absolutamente (2).

Mas, deixando de lado este assumpto, digno de um estudo todo particular, definamos o que seja adverbio.

Adverbio é uma palavra que exprime uma circumstancia.

Na opinião de Court de Gebelin, de Bergman e de outros, o adverbio só modifica o verbo (*ad verbum*)

Mas attendendo-se ás phrases — muito sabio, muito sabiamente, comi muito — e semelhantes, é hoje opinião assentada que a sua missão é modificar tambem ao adjectivo e a outro adverbio.

As circumstancias que os adverbios exprimem são de :

Tempo : — agora, ainda, amanhã, antes, cedo, já, logo, nunca, etc.

Lugar : — cá, ali, lá, acolá, fóra, dentro, perto, longe, atrás, eis, etc. Leoni chama aos adverbios — aqui, ali, acolá — de *pronominaes* porque correspondem aos pronomes — este, esse, e aquelle. —

Ordem : — antes, primeiramente, depois, etc.

Quantidade : — muito, pouco, assás, tam, tanto, quanto, quasi, etc.

Affirmação : — sim, certamente, verdadeiramente, etc.

Negação : — não, nada, nunca, jamais, etc.

Dúvida : — talvez, acaso, quiçá, etc.

Exclusão : — só, somente, apenas, siquer, etc.

Modo : — bem, mal, assim como — e em geral os adverbios em *mente*.

(1) Gram. des langues romaines. Tomo 2.^o, pag. 246.

(2) Origine et philosophie du langage. Pag. 302.

A grande classe dos acabados em *mente* é formada pela legação d'esta terminação á forma *femenina* do adjectivo : — sabiamente, humanamente, etc.

Entretanto dos adjectivos — portuguez e francez — formam-se os adverbios na terminação masculina actual : — portuguezmente, francezmente — por certo, porque estes adjectivos eram uniformes antigamente.

Em vez de — mámente — formou-se o adverbio sobre o adjectivo *mal* : — malmente —.

Essa terminação *mente* é o ablativo da palavra latina *mens, mentis* que significa = modo, maneira. —

Notamos, com Sayce, que este suffixo não é restricto ás palavras latinas.

Acha-se tambem no fim das palavras saxonias.

Já fizemos observar (Lec. 41) que algumas palavras invariaveis mostram ás vezes soffrer variações.

Temos assim que os adjectivos como — lindo, baixo, caro, alto, empregados adverbialmente soffrem flexão de *gráu* — carissimamente, caramente, lindamente, lindissimamente.

Locução adverbial é um grupo de palavras equivalentes a um adverbio : ás carreiras, ás vezes, etc.

Em regra os adverbios são de origem latina, e o typo em *er* d'esta lingua foi substituído em Portuguez pelo typo em *e*.

A par d'esta ha uma outra serie de formação vernacula : — ante-hontem, d'ora em vante, etc.

De derivação latina temos :

acaso	ad casum	apenas	a poena
acima	ad cimam	aqui	ecce hic-ec'hic
acolá	eccu'illac ou hac illa		ou eccu'
			hic
adrede	ad recte	arriba	ad ripam
agora	hac hora	assás	ad satis
ahi	eccu'istic	assim.	ad sic
ainda (inda)	ab inde	avante	ab ante
algures	aliquis oris	bem	bene
	(com in- fluencia de algo)	cá	eccu'hac
		cedo	cito
		cerca	circa

alhores	aliorsum	como	quo modo
amanhã	ad mane	dentro	de intro
antes	ante	depois	de post
donde	de ande	eis	ecce
então	intunc	fôra	foras
hoje	hodie	hontem	hodie, ante ad noctem ou ante diem
já	jam	jamaiz	jam magis
lá	illac	logo	loco
longe	longe	mais	magis
mal	male	menos	minus
muito	multo	não	non
nunca	nunquam	onde	unde.
ora	hora	perto	pertus
pouco	paucio	quão	quam
quando	quando	quanto	quanto
quicá			qui sapit
quasi	quasi	sempre	semper
sim	sic	só	solum
talvez	tale vice	tão	tam
tanto	tanto	tarde	tarde
tras (atrás)			trans

Sobre *ahi* que origina-se de *hic* ou de *eccui iste* temos a observar que corresponde ao francez *y* e que apparece com esta funcção no Italiano, Provençal, Hespanhol e no antigo Portuguez:

Não ha hi quem me socorra.

Chronica do Condestable 1626.

Que geração tam dura ha hi de gente?

Camões, Canto 2.º, Estr. 81.

Não se me da d'esta caça
Que por hi me ficaria

Versão do Algarve. Th. Braga.

Pouco formava no seculo 16.^o uma construcção adverbial: — Pouco de proveito. —

Mesmo hoje diz-se: — Uma pouca de agua. —

Em Latim existe o adverbio *plus* que actualmente não tem correspondencia em Portuguez e que significa o mesmo que *magis* = mais.

Encontra-se esta palavra em documentos do principio do seculo 14.^o.

Do meiado d'este seculo em diante não será facil, diz Theophilo Braga, que se encontre uma só vez.

E' tambem raro nos livros de 1300 a 1330.

No Cancioneiro do Collegio dos Nobres, segundo Varnhagem, encontra-se a phrase: — Nunca chus algo fazer. —

Em Portuguez só é empregado actualmente na phrase popular: — Nem chus nem buz — *Buz* significa *calla-te-já*, diz Francisco José Freire, e foi empregado por Sá de Miranda e Gil Vicente.

O adverbio *debalde* é arabe e *amen* hebraico.

O emprego dos adverbios em *mente* não é arbitrario.

Quando concorrem dous ou mais adverbios d'esta especie só o ultimo em geral toma esse suffixo: — santa, justa e correctamente. —

Esta regra é violada pelos classicos quando queriam dar mais emphase á phrase ou mais força á significação do adverbio.

O mesmo ja acontece com alguns escriptores modernos antes por imitação á construcção franceza do que por necessidade de força significativa.

Convém notar, com Darmesteter, que o velho Francez empregava: *humble et dulcement* e não *humblement et dulcement*.

A negação em Portuguez pode ser simples ou reforçada.

Ex. da negação simples: — não quero, nunca vi. —

Ex. da negação reforçada : — não quero nada, não vi boia.

Neste genero a Lingua. é rica de palavras que são empregadas como reforça negativa : — boia, nada, pitada patavina, nem nada, nunca, jamais, migalha, ceitil, pon-to, vintém, passo, gotta, dez réis etc.

Muitas vezes a negativa *não* é empregada sem força negativa. Em Castilho : — Si tantos deleites ha na terra, que não será no ceu ?

Esta construcção que herdamos do Latim : *Timeo est ne veniat* etc é muita usada pelo povo.

A negação tambem pode ser expressa por *sem* junto a um verbo infinito :

Se achar resistencia nem defeza.

Camões, Canto 1.^o — 93.

Por *algum* depois do substantivo :

D'esta gente refresco algum tomamos.

Camões, Canto 5.^o, Estr. 69.

Palavra alguma arabia se conhece.

Idem, Canto 5.^o, Estr. 76.

Por *nunca* *jamais* que se encontra em Fr. Luiz de Souza, Bernardes etc.

Achamos empregada pelo illustrado Ramalho Ortigão á semelhança da construcção italiana e franceza a formula negativa : *não... que* : E não sentirá que um desejo. As Farpas, 2.^o volume, pagina 86.

Pela locução adverbial *no mais*, talvez por influencia castelhana, vemos nos Lusiadas :

No mais que só sessenta de cavallo.

Camões, Canto 3.^o, Estr. 67.

No mais, Musa, no mais...

Idem, Canto 10.^o, Estr. 143.

Os adverbios *bem* e *mal* teem os comparativos *melhor* (mais bem) e *peior* (mais mal) que não se devem confundir com os adjectivos *melhor* (mais bom) e *peior* (mais máo).

O Francez mais sabiamente tem *mieux* e *pis* para os adverbios e *meilleur* e *pire* para os adjectivos.

Notamos mais e finalmente que seguidas de um adjectivo a lingua Portugueza costuma usar aquellas formas *melhor* e *peior* analyticamente : — mais bem empregada e — mais mal entendida — o que em caso algum se pode dar com os dous semelhantes adjectivos.

— —

Preposição é a palavra que exprime a relação de dependencia que existe entre duas palavras.

Locução prepositiva é um grupo de palavras com função de preposição.

As preposições classificam-se conforme as relações expressas :

Meio : — com, por.

Posse : — de.

Companhia : — com.

Tempo : — em, a, durante, por.

Conveniencia : — conforme, segundo.

Separacão : — sem, de.

Materia : — de.

Causa : — com, por.

Opposição : — contra, ante.

Fim : — por, em, para.

Logar : — a, por, em, de, após, para, sobre.

Modo : — de, em, por.

Direcção : — a, para.

Para indica o logar com a determinação da pessoa ali morar, ou demorar-se por muito tempo.

A, mostra o lugar, com o animo de pouca demora de voltar em breve.

A classificação acima está muito longe de ser verdadeira o geral; o sentido em que as preposições são empregadas é que determina a natureza das relações.

Assim a preposição A exprime:

Direcção : — Ir a Olinda.

Tempo : — A 10 de Junho.

Modo : — Andar a cavallo.

Distancia : — A duas leguas.

Instrumento : — Bater-se á espada.

Materia : — Pintura a crayon.

A preposição *com* exprime:

Companhia : — Vou com meu filho.

Modo : — Com boas maneiras.

Meio : — Com zombarias.

Instrumento : — Com ferro em brasa.

De exprime :

Lugar, ponto de partida : Vir de Olinda.

Posse : — Livro de João.

Materia : — Copo de ouro.

Tempo : — De madrugada.

Extensão, medida : — Perto de 20 leguas.

Idade : — Moço de 20 annos.

Separação : — Tirar os filhos da mãe.

Motivo : — Morrer de vergonha.

Meio : — Cobrir de areia.

Em exprime:

Lugar onde, interior : — No Recife, no bolso.

Tempo : — Em 1894.

Assumpto : — Cuidar em trabalhar.

As preposições são de origem latina, onde apresentam vestígios de grau: — in, inter, intimus; ex, extra, extremus; cum, contra; pro, preter; sub, super, superius etc.

E' de notar que conforme as relações indicadas ellas mudam de origem, como a preposição *a* que pode originar-se de *ad*, *ab*, *apud*.

Sobre as outras preposições temos :

ante	ante	após (pós)	ad post
atrás (trás)	ad trans	até (té)	hac tenus
com	cum	contra	contra
de	de	desde	de ex de
em	in	entre	inter
para	per a	per	per
por	per e pro	sem	sine
sob	sub	sobre	super

Conservamos em composição muitas preposições sem alteração de sons: — Extra-ordinario, supra-mencionado, interregno.

Em outros casos ha uma pequena alteração: — Pos-pôr (post-pôr); tranmontana (trans montana)

A preposição *per*, como vimos, tem duas origens: *pro* e *per* sendo que esta confusão já era commum na baixa latinidade: *Per omnes montes ac pro illes locis.*

Hespana sagrada XXVI, 443 (Diez).

Pouco a pouco, porem, a forma *pro* supplantou a forma *per* e assim — pelo, pela, pelos, pelas, — venceram no seculo XVII a — polo, pola, polos, polas. (Lecção 16.^a).

A forma *per* só se usa em composição e na phrase *de per si*.

Per indica: logar por onde, duração, meio

Por indica: troca, preço, parcialidade, opinião, causa.

As preposições derivam-se tambem de participio: — salvo, excepto, tocante, durante — que se tornam invariaveis.

Algumas, entretanto, conservam-se por uso, variaveis: — vistas as razões.

As preposições compostas da preposição *de* exigem a repetição d'esta antes do nome, ex: — Ante Deus — deante de Deus — Após a chuva — depois da chuva.

Ha muitas preposições que não teem valor na oração: — E' muito do meu agrado. — Deu ás de Villa Diogo.

Costuma-se repetir as preposições antes das palavras que exprimem idéas contrárias: — pelo rei, pela lei, pela patria.

Conjunção é a particula que mostra a relação entre dois juizos, duas idéas ou duas orações.

Locução conjunctiva é uma conjunção composta de mais de uma palavra: — ainda que, com tanto que etc.

As conjunções dividem-se em coordenativas e subordinativas.

As *coordenativas* ligam orações independentes embora tenham a mesma função na phrase.

As *subordinativas* ligam orações dependentes, das quaes uma completa a outra.

As coordenativas são:

Copulativas: — e, tambem, nem etc.

Adversativas: — mas, porem, com tudo, todavia etc.

Conclusivas: — logo, por conseguinte, pois, portanto etc.

Disjunctivas: — nem, ou, já, quer etc.

As subordinadas são:

Condiccionaes: — se, senão, contanto que, uma vez que etc.

Concessivas: — quer, embora etc.

Temporaes: — como, quando, antes que, apenas, emquanto etc.

Causaes: — porque, como, que, por isso etc.

Integrantes: — que, como, si etc.

Em regra as conjunções são de origem latina:

como	cum ou quo	e	et
	modo		
embora	in bona hora	mas	magis
nem	nec	ora	hora
ou	aut	pois	post
porem	pro inde	quando	quando
que	quam. quod	todavia	tota vice
si			si etc.

A conjuncção *e* em series de vocabulos emprega-se somente antes do ultimo :

Mas o de Luso arnez, couraça e malha
Rompe, corta, desfaz, abola e talha.

Lusiadas. Canto 3.^o. Estr. 54.

A repetição da conjuncção antes de alguns dos vocabulos ou antes de todos é muito usada no verso, dá-lhe movimento e graça produzindo um bello effeito.

A conjuncção *e* tem ás vezes funcção de preposição, mostrando a natureza da relação entre dous termos, equivalendo á preposição *com* : — cinco e cinco.

Esta conjuncção muitas vezes conserva a forma archaica *a* como em — dez-a seis.

Diz João Ribeiro que a forma *ende* (ainda, inde) permanece na lingua com a forma *em* nas seguintes expressões:

- em que pese a F
- ende que pese a F
- ainda que pese a F

— —

Sobre as interjeições encontramos em nossas notas a seguinte observação, não sabemos de quem :

« As interjeições não podem caracterisar o genio de nenhuma lingua, porque pertencem geralmente á todas.

São gritos naturaes, indicativos de dór ou de alegria que relativamente se observam nas aves e nos quadrupedes e por este motivo julga-se que taes gritos não devem reputar-se partes da oração. »

E' esta a opinião que predomina entre os grammaticos.

Bréal diz que as interjeições semelham certas raças selvagens que embora vivendo a par da civilisação conservam-se todavia affastadas, independentes, nunca assimiladas nem destruidas.

As verdadeiras interjeições (1) não fazem propriamente parte do discurso; são intercaladas interpostas, como o vocativo.

São gritos que exprimem os sentimentos de uma maneira primitiva e animal.

A interjeição primitiva é monosyllabica; é o grito da natureza.

Regnaud diz: Cremos que a interjeição é uma espécie de grito anterior à linguagem articulada e que lhe ficou paralela. Enquanto a linguagem propriamente inarticulada quanto ao som e indeterminada quanto ao sentido. (2)

As interjeições são gritos naturaes e expontaneos; entretanto existem algumas meramente convencionaes mas que de tam usadas e communs que são, já empregam-se insensivelmente, demonstrando um sentimento intimo.

A interjeição mais commum que serve para reforçar o vocativo é — ó, oh!

Indicando um appello: — olá!

Dôr: — ai! ui! apre! guai!

Admiração: — ha! ah! oh!

Mando ou exhortação: — eia! sus!

Repugnancia ou aversão: — apage! irra! fóra!

Silencio: — chiton! psio! (3)

Como interjeições convencionaes notamos mais: — coragem! misericordia! Diabo! hom'essa! Ave Maria! safá! adeus! que representam formas abreviadas.

Empregamos tambem muitas interjeições de linguas estrangeirás.

Latim: — apage! eia! sus!

Italiano: — bravô! presto!

Inglez: — hip! hurrah!

Francez: — olan! brouhaha!

(1) Grammaire de la langue Latine de Guardia e Wierzeyski. Pag. 171.

(1) Origine et Philosophie du Langage. Pag. 313.

(1) Diez. Grammaire des Langues Romaines. Tomo 2. Pag. 455 e seguintes.

Hespanhol: — caspite! caramba!

Arabe: — oxalá! (en-xa-allah — Deus queira)


A interjeição — ak d'el-Rei — ou — aqui d'el-Rei é com a primeira orthographia de origem celtica e com a segunda de formação portugueza.

Dizem Pacheco e Lameira ser: *Aquiidelrei*. Doc. 1733.

Theophilo Braga deriva-a de: « Aqui justiça de el-rei. » (1)



(1) Grammatica Portugueza. Pag. 126.



LECÇÃO VIGESIMA TERCEIRA (1)

SYNTAXE. TERMOS DA ORAÇÃO, RELAÇÕES ENTRE SI; CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES. ORDEM GRAMMATICAL, FIGURAS

I

Syntaxe é a parte da grammatica que estuda as relações das palavras umas com as outras na oração, e as relações das orações no periodo.

Divide-se em *syntaxe lexica* e *syntaxe logica*.

Oração, proposição ou phrase é o enunciado de um juizô por meio de palavras.

Todas as vezes que formamos conceitos e os exprimimos por palavras formamos proposições.

Em regra, em cada uma proposição ha um facto de que se trata, o *predicado*, e o individuo a quem se refere o facto, o *sujeito*: — Os passaros voam.

Em alguns casos, o facto é exclusivamente exercido por um sujeito que fica occulto, e a proposição consta somente de um verbo predicativo: — Chove.

Ha verbos de predicação incompleta que para exprimirem o predicado teem junto á si um adjectivo ou equivalente; neste caso o predicado é expresso por um

(1) Esta lecção é inspirada no substancioso opusculo «Theoria das Proposições. 1893» do meu distincto mestre Dr. Diegues Junior.

verbo com um *attributo* : — O sol é luminoso. A lua ficou desmaiada.

Quando a significação geral de qualquer dos termos, se especialisa, a este se junta um modificativo que pôde ser uma palavra ou uma oração: — Os animaes da Australia teem formas extraordinarias.

Assim a proposição consta de dous termos essenciaes: o sujeito e o predicado, unicos ou acompanhados de modificativos

Alem dos elementos essenciaes e modificativos ha os *elementos connectivos* que unem as proposições, e *elementos absolutos* que por si só valem proposições.

São elementos connectivos: as preposições, as conjuncções, e as palavras conjunctivas.

São elementos absolutos: a interjeição e o vocativo.

— — —
Sujeito é o termo de que se affirma uma acção, qualidade ou estado; representa o objecto principal de que se falla e exerceita o significado do verbo.

E' expresso :

1.º por um substantivo : — O gato mia.

2.º por um pronome : — Nós pensamos.

3.º por qualquer palavra substantivada : — O não desespera.

4.º por uma proposição : — E' inegavel *que a terra gyra*.

O sujeito pôde ser modificado :

1.º por um adjectivo : — Desfez-se a nuvem escura.

2.º por apposto : — O Amazonas, *rio caudal*, nasce no Perú.

3.º por um substantivo com preposição : — Praças *sem fim* cobrem o solo.

4.º por uma proposição :

Surgem d'agua dous velhos que estilam
Bastas gottas das barbas compridas.

C. Brazileira.

O predicado exprime acção, qualidade ou estado que se refere ao sujeito.

E' representado :

1.º pelo verbo predicativo simplesmente : — Os animaes *cicem*.

2.º por um verbo de predicação incompleta com attributo : — Deus *é eterno*.

O attributo é essencialmente um adjectivo e virtualmente qualquer palavra ou oração que representa qualidade ou maneira de ser.

Ex. do attributo adjectivo :

O Tejo era *sereno*.

Ex. do attributo substantivo :

O homem é *animal*.

Ex. do attributo pronome :

Si tu fôras *eu*

Ex do attributo proposição :

Morrer é *perder a vida*

O predicado pôde ser modificado :

1.º por um substantivo ou pronome directamente regido :

Os homens *povoam a terra*.

O sol *nos aquece*.

2.º por um substantivo ou pronome regido de preposição :

Os corações *desfallecem de susto*.

Venha a nós o nosso reino.

3.º por um adverbio : — *Entra assim* no reino d'agua.

4.º por uma oração : — Nisto o mestre *brada* : *Amai-na a vela*.

Modificativo é o termo que especialisa ou explica a significação de outro termo.

Tambem se chama complemento ou adjuncto.

O modificativo pôde ser concordado ou regido.

Concordado é o que se liga ao modificativo por identidade de forma.

Pôde ser :

1.º o adjectivo : — Trombetas *sonoras* vão tocando.

2.º o apposto : — O Amazonas, *rio caudal*.

O *regido* liga-se directamente pelo sentido ou por intermedio da preposição.

No primeiro caso é directo; no segundo indirecto.

Póde ser representado :

1.º pelo substantivo : — Camões o raio de teu genio o *horisonte* da historia hoje illumina.

2.º pelo pronome : — Do genio o sello assignalou-te a fronte.

3.º pelo adverbio : O peito heroico generoso perdão *jamais* recusa.

4.º pelo verbo no infinito : — O vapor estava a *sahir*.

5.º por uma oração : — Nem a gazella tímida receia *que alguém a paz lhe quebre*.

Ha um caso de modificativo regido de preposição, representado por um adjectivo oriundo de uma oração contracta : — *Por feliz* livrou-se do perigo.

Estes adjectivos ou modificativos chamam-se *attributivos* quando modificam o substantivo, é *adverbiaes* quando modificam o adjectivo e o verbo.

— —

Qualquer dos termos se diz simples, composto, complexo.

O termo *simples* é formado de dous mais termos da mesma especie : — Os peixes nadam

O termo *composto* é formado de dous ou mais termos da mesma especie coordenados : — Cabeças, braços, pernas pelos ares vão saltando.

O termo *completo* tem modificativos : — A lua que nos illumina é um satellite.

O termo com seus modificativos chama-se *logico* ou total; cada um dos termos distinctos chama-se *grammatical* ou parcial.

— —

As relações que as palavras teem entre si, são :

1.ª relação *predicativa*, a que existe entre o sujeito e o predicado :

os passaros
O homem
O Gama e o Catual
Um velho
O Brazil

voam
é um animal
falando entravam na sala
lhe dava a verde folha
parece morto

2.^a relação *attributiva*, a que modifica o sub-

stantivo :

O
Amazonas
Livro
Aquelle
Algum
Todos os
O livro
Analyse
A Grammatica

livro
rio caudal
encadernado
chapeu
dia
livros
achado
que copiei (copiada)
de Ad. Coelho.

3.^a relação *adverbial*, a que modifica o adjectivo e o verbo :

Elle fugio
Gosto
Comi
Sahirei
Natercia foi
Casa feita
Parto

vergonhosamente
de estudar
como um alarve
contigo
loucamente amada
a capricho
quando chegares

4.^a relação *objectiva* que é um caso especial da relação adverbial e que modifica tambem o verbo de acção transitiva : — Quero estudar *Portuguez*. Comi *duas laranjas*.

A relação objectiva não é indicada por preposições.

Somente ás vezes para evitar confusão no sentido da oração usa-se da preposição *a* : *A Lavinia* furtou Enéas; ou no caso especial de construcção vernacula : *Puchar da espada*. *Arranco do punhal*.

Periodo é a expressão do pensamento por meio de uma ou mais orações.

As orações ou proposições dividem-se em simples, compostas, contractas e complexas.

Simples, é a que contem somente um termo de cada especie. E' por sua natureza absoluta, e tem o verbo no indicativo ou imperativo :

Inda murmuram do Mondego as aguas
Os mavioses ais de Ignez de Castro.

C. Brazileira.

As orações simples subdividem-se em :

Declarativa (affirmativa ou negativa) aquella que narra, conta ou assevera um facto :

Não se contenta a gente Portugueza.

Lusiadas. Canto 4.^o. Estr. 90.

Imperativa, aquella que exprime um facto ordenado ou pedido :

Dae-me uma furia grande e sônorosa.

Idem. Canto 4.^o. Estr. 5.^o.

Amaina a grande vella.

Idem. Canto 6.^o Estr. 71.

Interrogativa, aquella que pergunta, indaga ou interroga :

Eu por ti rudo vélo e tu adormeces ?

Idem. Canto 8.^o Estr. 49.

Exclamativa, aquella que indica um sentimento de admiração, enthusiasmo :

No mar tanta tormenta e tanto danno
Tantas vezes a morte apercebida !

Idem, Canto 1.^o, Estr. 406.

Composta, é a que contém mais de uma proposição com a mesma função.

Quando estas proposições não tem termos que as liguem entre si, isto é, não tem connectivos, chamam-se *asyndecticas* ou *collateraes*: — O de Luso rompe, corta, desfaz, abola, talha.

Quando, porém, estas proposições ligam-se por alguma conjuncção, por algum connectivo chamam-se *syndecticas* ou *coordenadas*: — Vou a cidade porém volto.

Contractas são as orações que se formam de varios termos da mesma especie subordinadas ao mesmo sentido, isto é, podem ter o mesmo predicado e o mesmo objecto:

De Duarte foi breve o reinado
E curtido de grande afflicção

C. Brasileira

isto é:

De Duarte foi o reinado breve e de Duarte foi o reinado curtido de grande afflicção.

Complexa é a que comprehende duas ou mais proposições com dependencia reciproca.

A que rege as outras chama-se *principal* que tem o verbo no indicativo ou no imperativo. A outra ou outras chamam-se *subordinadas*.

Põe tu Nympha, em effeito o meu desejo
Como merece a gente Lusitana
Que veja e saiba o mundo que do Tejo,
O licor de Aganippe corre e mana.

Lusiadas. Canto 3.^o, Estr. 2.^a.

As proposições subordinadas, conhecidas sob o nome de *clausulas* dividem-se em substantivas, adjectivas e adverbias.

Substantiva, é aquella que equivale a um substantivo.

Começa sempre por *que* ou pela preposição *de* ou por uma palavra interrogativa :

— Estou bem informado que a embaixada é fingida.

— Tenho um idéia de que já me enganaste.

Adjectiva é aquella que equivale a um adjectivo ; modifica a um substantivo :

— Da terra dos Algarves que lhe fóra dada em casamento.

Adverbial a que equivale a um adverbio ; modifica um adjectivo ou um verbo.

Exprime circumstancias de tempo, causa, lugar, ordem, modo, duvida, gráu, fim, etc.

Tempo :

Não eram os traquetes bem tomados
Quando dá a grande e subita procella.

Camões. Canto 6.^o Estr. 71.

Causa :

Falar com o rei gentio determina
Porque com seu despacho se tornasse.

Idem. Canto 8.^o Estr. 58.

II

A maneira por que se dispõem as orações no periodo e as palavras na oração chama-se *ordem grammatical*.

E' *directa* aquella em que os termos e as orações se acham na ordem natural da successão ou, como diz Julio Ribeiro, quando se segue a ordem logica da concepção do pensamento.

A ordem natural e logica exige em primeiro lugar o sujeito, depois o predicado, vindo os modificativos juntos ás palavras que modificam.

Quanto as orações : As coordenadas vão umas apòz

outras na ordem do pensamento; as subordinadas na ordem dos termos que representam.
A ordem *inversa* é aquella em que se achia alterada a ordem natural da precedencia.
Ordem inversa:

Eram estes antigos moradores
Ricos em Calecut e conhecidos.

Lusiadas. Canto 9.^o Estr. 19.

Ordem directa:

Estes eram antigos moradores, ricos e conhecidos em Calecut.

A lingua Portugueza é muito propensa á ordem directa pela influencia da linguagem scientifica.

A principio a lingua abusava das inversões approxi-mando-se muito da construcção latina; hoje a bem da clareza, a ordem directa vae vencendo terreno.

Isto não quer dizer que o Portuguez moderno regeita a ordem inversa; casos ha em que ella torna-se necessaria, como nas phrases emocionaes, imperativas, na poesia etc.

As proposições regulares devem ter tantas palavras quantos são os termos necessarios; não devem ter palavras demasiadas, devem ter os termos na ordem natural da successão e representados por palavras de significação propria.

O contrario pode dar se quando a necessidade o exige para clareza, harmonia ou elegancia.

D'ahi vem a divisão da syntaxe em *natural* e *figurada*.

Figuras são as alterações que as phrases soffrem.

São modos de dizer apartados das formas comuns.

São de concordancia e de construcção.

As de *concordancia* são: Zeugma, syllepse.

Zeugma é a figura pela qual uma palavra modificando a muitas ou d'ellas dependendo concorda com uma só :

Em vós esperam ver-se *renovada*
Sua memoria e obras valerosas.

Camões. Canto 4.^o Estr. 17.

Syllepse é a figura pela qual uma palavra modificando a outras ou d'ellas dependendo concorda com o nome generico que a comprehende ; isto é, a concordancia se faz não com o termo claro, mas com um imaginado.

A syllepse pôde ser de *genero* :

Vossa Reverendissima é illustrado.

Numero :

O povo, eu os vi, chorando e pedindo misericordia.

Pessoa :

João e Pedro são bons estudantes.

As figuras de construcção são : *Ellypse*, *pleonasm*o, *hyperbaton* e *enallage*.

Ellypse é a figura que supprime palavras que o sentido entende facilmente :

(Vós) Vistes que com grandissima ousadia
(Elles) Foram já commetter o céu supremo.

Camões. Canto 6.^o Estr. 29.

A um (elle dá) Cochim, o outro (elle dá) Cananor.

Idem. Canto 7.^o Estr. 35.

*Pleonasm*o é a repetição das mesmas palavras ou de palavras differentes com identico sentido.

1.º caso :

Para o céu crystallino alevantando
Com lagrimas os *olhos* piedosos
Os *olhos* etc.

Camões. Canto 3.º Estr. 125

2.º caso :

Vi com estes *olhos* que a terra ha de comer.

Popular.

Hyperbato é a transformação da ordem Grammatical da proposição :

Estas obras de Baccho são por certo
Disse etc.

Camões. Canto 6.º Estr. 86.

Enallage é o emprego de palavras com significação de outras :

Tal está morta a pallida donzella
Seccas do rosto as *rosas* e perdida
A branca e viva còr co'a doce vida.

Camões. Canto 3.º Estr. 135.

Regras praticas de Analyse : (1)

1.ª Dada a proposição examinar si ella é *simples*, *composta*, *contracta* etc.

Classifica-la quanto ao sentido : *declarativa*, *imperativa* etc.

(1) João Ribeiro. Diccionario Grammatical. Pag s. 386
387.

2.^a Si a proposição é simples determinar o *sujeito* e o *predicado*.

Depois derminar os *adjunctos* de ambos aquelles elementos, o *completivo* dos verbos etc.

3.^a Si a proposição é *composta* classifica-la segundo a sua maneira de coordenação: *syndetica* ou *asyndetica*.

Dissolve-la em proposições e proceder como a regra segunda.

4.^a Si a proposição é *complexa*, determinar a *oração principal* e separar e classificar as suas *clausulas* ou subordinadas: *substantivas*, *adjectivas* etc.

Depois proceder *analyticamente* sobre as proposições parciaes, indicando o *sujeito*, *predicado*, *adjunctos* etc. como na regra segunda.



